



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ANTONIO JOSINALDO SILVA BITENCOURT

**(CON)VIVENDO COM A PRÉ-HISTÓRIA: LEVANTAMENTO, DOCUMENTAÇÃO  
E APROVEITAMENTO TURÍSTICO DA ARTE RUPESTRE  
DE COCAL DE TELHA-PIAUÍ**

TERESINA – PI  
2015

B624c

Bitencourt, Antonio Josinaldo Silva

(Con)vivêndo com a pré-história: levantamento, documentação e aproveitamento turístico da arte rupestre de Cocal de Telha - Piauí / Antonio Josinaldo Silva Bitencourt. – 2015.

114 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia ) – Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, 2015.

Orientação: Profa. Dra. Maria Conceição Soares Meneses Lage.

1. Arte rupestre. 2. Turismo Arqueológico. 3. Cocal de Telha - Piauí.  
I. Título.

CDD 709.011 3

ANTONIO JOSINALDO SILVA BITENCOURT

**(CON)VIVENDO COM A PRÉ-HISTÓRIA: LEVANTAMENTO, DOCUMENTAÇÃO  
E APROVEITAMENTO TURÍSTICO DA ARTE RUPESTRE  
DE COCAL DE TELHA-PIAUI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Conceição Soares Meneses Lage

2015  
Antonio Josinaldo Silva Bitencourt

(CON)VIVENDO COM A PRÉ-HISTÓRIA: LEVANTAMENTO, DOCUMENTAÇÃO E APROVEITAMENTO TURÍSTICO DA ARTE RUPESTRE DE COCAL DE TELHA-PIAUI



ANTONIO JOSINALDO SILVA BITENCOURT

(CON)VIVENDO COM A PRÉ-HISTÓRIA: LEVANTAMENTO, DOCUMENTAÇÃO E  
APROVEITAMENTO TURÍSTICO DA ARTE RUPESTRE  
DE COCAL DE TELHA-PIAUI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

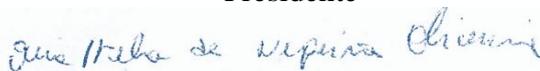
Aprovada em: 29 / 06 / 2015

BANCA EXAMINADORA:



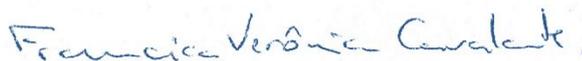
---

Profa. Dra. Maria Conceição Soares Meneses Lage - UFPI  
Presidente



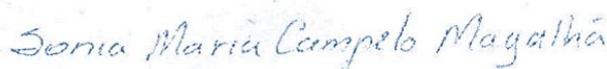
---

Prof. Dra. Ana Stela de Negreiros Oliveira  
1º Examinador



---

Prof. Dra. Francisca Verônica Cavalcante  
2º Examinador



---

Prof. Dra. Sônia Maria Campelo  
Suplente

Às criaturas que Deus escolheu para serem meus anjos aqui na terra, meus fiéis incentivadores Ciro e Elza, que, mesmo não estudando tanto, reconhecem a importância de estudar. Em vocês dois, tenho a força necessária para nunca desistir.

## AGRADECIMENTOS

Vencendo mais uma batalha, não poderia deixar de agradecer a todos os que me ajudaram e de diferentes formas estiveram presentes nesta árdua e gratificante conquista;

Ao autor da vida, o poderoso Deus, que, a todo o momento, proporciona a tão sublime existência, dando-nos força e sabedoria para superar os desafios presentes no dia-a-dia;

Aos meus pais, Ciro e Elza, que, de maneira incondicional, estão sempre me incentivando e apoiando minhas escolhas. De todos os citados, sem dúvidas, são os que mais sofreram junto comigo nesta caminhada, pois sabem muito bem as angústias e os incentivos, quando pensei em desistir;

À minha orientadora, a Profa. Dra. Maria Conceição Soares Meneses Lage, que me acolheu como orientando durante todo o desenvolvimento desta pesquisa;

Ao meu também orientador (não oficial) Prof. Domingos Alves de Carvalho Júnior, que, na condição de ex e eterno professor, muito me ajudou nesta pesquisa;

À Universidade Estadual do Piauí – UESPI, que, no ano de 2010, proporcionou o Projeto “Arqueologia na Terra dos Carnaubais”, do qual tive o prazer de fazer parte como voluntário da pesquisa, resultando numa paixão pela arte rupestre e pela preservação do patrimônio brasileiro;

À Universidade Federal do Piauí, sou grato pelo Programa;

À FAPEPI, pela concessão de bolsa nos últimos 12 meses desta pesquisa.

Ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, pela autorização das pesquisas;

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, pelo apoio nas pesquisas de campo;

Aos professores Dra. Sônia Campelo, Dra. Fabrícia Santos, Dra. Jóina Borges, Dra Ana Clélia Correia (*in memorian*), Dr. Flávio Callipo, Dr. Abraão Sanderson, Dra. Jacionira Coêlho e Dr. Luis Carlos, pelos ensinamentos;

Às professoras Dra. Viviane Pedrazani, Dra. Francisca Verônica e Dra. Fátima Luz (*in memorian*), pelas contribuições na qualificação;

Aos colegas André, Leandro, Dulce, Alexandre, Bruno e Ana, pela convivência;

Às amigas conquistadas Luzia, Regina e Larissa, que me acolheram, sendo eu oriundo de outra cidade e de outra instituição;

Ao meu amigo irmão Reginaldo Daniel, que gentilmente me acompanhou durante os campos, realizando a logística necessária para a chegada aos sítios, e a Renatinho, Roniel e Sr. João, pelo apoio em campo;

Ao Neto e Ana Célia, pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa;

À Prefeitura Municipal de Cocal de Telha, pelo apoio logístico;

Ao meu tio Damião e Nazaré, que me acolheram em sua casa;

À dona Gracinha e Sr. Gregório, que também estiveram presentes nesse momento;

À minha família, de modo geral, que acreditou em mim e muito me incentiva, cada um à sua maneira; às minhas avós Teresa e Jandira, aos meus avôs Raimundo e Manoel (*in memoriam*), à tia Amélia, mulher forte e decidida, juntamente com tio Neto; aos meus tios Cosme e Gilda, que também estão, a todo o momento, prontos para ajudarem, e à prima irmã Ariane, pela torcida;

À minha irmã Joseane e meu cunhado Edson, pelo auxílio em casa em variadas funções; aos meus sobrinhos afilhados Eduardo e Eliza, bálsamos nos momentos mais difíceis, com suas brincadeiras e perguntas, que funcionam como uma válvula de escape na correria do dia a dia;

A todos eles, meus sinceros agradecimentos.

*A transformação do turismo arqueológico do Piauí em fator de desenvolvimento sócio-econômico passa, portanto, pela valorização do patrimônio arqueológico existente em seu território (Carta CEPRO, 2001, p. 11).*

## **RESUMO**

A região Norte do Piauí apresenta grande número de sítios de arte rupestre, entretanto, a maioria deles ainda são desconhecidos por pesquisadores e muito pouco foram estudados. O presente estudo objetivou efetuar o levantamento, a documentação e a análise descritiva de parte deles, principalmente os situados no município de Cocal de Telha, nomeadamente os sítios Candeeiro I, Candeeiro II, Candeeiro III e Letreiro Colher de Pau. Complementando o estudo e considerando a necessidade de desenvolver ações de Educação Patrimonial e de retorno à população atual, propôs-se a fabricação e comercialização de produtos com os motivos gráficos rupestres locais, despertando o interesse para investimentos futuros e incentivando ações que promovam a realização de projetos de infraestrutura a fim de possibilitar futuras visitas de maneira organizada e sistemática aos sítios arqueológicos.

Palavras-chave: Turismo arqueológico. Arte Rupestre. Cocal de Telha-PI.

## **ABSTRACT**

The north region of Piauí has a great number of rock art sites, although most of them are still unknown by the researchers and a few had been studied. This following study aimed to carry out the survey, the documentation and a descriptive analysis of part of them., specially the ones located at Cocal de Telha named Candeeiro I, Candeeiro II, Candeeiro III e Letreiro Colher de Pau. Complementing this study and considering the needs to develop actions of heritage education and give back to the current population, it purposed the commercialization of manufactured products with local rock art graphics, arousing interest for future investments and encouraging actions that promote the achievement of infrastructure projects to enable future visitations in an organized and systematic way to the archaeological sites.

Keywords: Archaeological tourism, Rock Art, Cocal de Telha-PI

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pesquisas arqueológicas no Brasil.....	21
Figura 2 – Mapa do fluxo turístico internacional para o Brasil - ano 2011.....	26
Figura 3 – Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Nacional.....	27
Figura 4 – Formatação de produto no Turismo Cultural.....	30
Figura 5 – Gestão do patrimônio arqueológico.....	34
Figura 6 – Processo da Carta de Burra.....	36
Figura 7 – Sítio preparado para a visita turística.....	41
Figura 8 – Território dos Carnaubais.....	46
Figura 9 – Sítios arqueológicos no Território dos Carnaubais.....	47
Figura 10 – Sítio arqueológico Letreiro.....	49
Figura 11 – Sítio arqueológico Futrica I.....	50
Figura 12 – Sítio arqueológico Futrica II.....	50
Figura 13 – Sítio arqueológico Pedra do Letreiro.....	51
Figura 14 – Sítio arqueológico Baixa das Pedras.....	52
Figura 15 – Sítio arqueológico Sapucaia.....	53
Figura 16 – Sítio arqueológico Emas.....	54
Figura 17 – Sítio arqueológico Sucruíu I.....	55
Figura 18 – Sítio arqueológico Sucruíu II.....	55
Figura 19 – Sítio arqueológico Morro das Cabras.....	55
Figura 20 – Sítio arqueológico Letreiro.....	56
Figura 21 – Sítio arqueológico Capitão .....	57
Figura 22 – Sítio arqueológico Poços D’água.....	57
Figura 23 – Sítio arqueológico Casa de Pedra.....	58
Figura 24 – Sítio arqueológico Letreiro .....	58
Figura 25 – Localização do município de Cocal de Telha.....	61
Figura 26 – Mapa de localização dos sítios.....	62
Figura 27 – Vista geral do painel 1 do sítio Candeeiro I .....	63
Figura 28 – Painel 1 do sítio Candeeiro I.....	64
Figura 29 – Vista dos painéis 2 e 3 .....	67
Figura 30 – Painel 2 do sítio Candeeiro I.....	68
Figura 31 – Painel 3 do sítio Candeeiro I .....	73
Figura 32 – Visão geral do sítio Candeeiro II.....	77

Figura 33 – Painel 1 do sítio Candeeiro II .....	78
Figura 34 – Painel 2 do sítio Candeeiro II.....	81
Figura 35 – Vista geral do painel 01 do sítio Candeeiro III.....	82
Figura 36 – Painel 1 do sítio Candeeiro III.....	83
Figura 37 – Visão geral do painel 2 do sítio Candeeiro III.....	86
Figura 38 – Painel 2 do sítio Candeeiro III.....	87
Figura 39 – Visão geral do painel 3 do sítio Candeeiro III .....	89
Figura 40 – Painel 3 do sítio Candeeiro III.....	90
Figura 41 – Visão geral do sítio Colher de Pau.....	92
Figura 42 – Painel 1 do sítio Colher de Pau.....	93
Figura 43 – Cerâmicas da Serra da Capivara.....	95
Figura 44 – “Guia” da comunidade nos trabalhos de prospecção.....	97

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões culturais da paisagem.....	28
Quadro 2 – Dispositivos legais do Turismo Cultural.....	30
Quadro 3 – Princípios para o desenvolvimento do Turismo Arqueológico.....	32
Quadro 4 – Sítios visitados durante a pesquisa de campo.....	48

## LISTA DE ABREVIACOES

CEPRO	Centro de Pesquisas Econmicas e Sociais do Piauí
CPRM	Serviço Geológico do Brasil
FUMDHAM	Fundao Museu do Homem Americano
GPA	Gestão do Patrimônio Arqueológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Biodiversidade
ICOMOS	Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MTUR	Ministério do Turismo
NAP	Núcleo de Antropologia Pré-histórica
OMT	Organizao Mundial do Turismo
PNT	Plano Nacional do Turismo
PRONAC	Programa Nacional de Apoio à Cultura
PRONAPA	Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas
PRONAPABA	Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica
SAB	Sociedade de Arqueologia Brasileira
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas
UNESCO	Organizao das Naes Unidas para a Educao, Ciência e Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E TURISMO.....</b>	<b>17</b>
2.1	A ARQUEOLOGIA E SUAS INTERFACES .....	18
2.2	TURISMO: ASPECTOS CONCEITUAIS E PRÁTICOS.....	22
2.3	TURISMO CULTURAL.....	28
2.4	TURISMO ARQUEOLÓGICO.....	31
2.5	TURISMO NO PIAUÍ.....	37
<b>3</b>	<b>A ARTE RUPESTRE.....</b>	<b>43</b>
3.1	A ARTE RUPESTRE NO NORTE DO PIAUÍ.....	44
3.2	A ARTE RUPESTRE NO TERRITÓRIO DOS CARNAUBAIS.....	45
3.2.1	Campo Maior.....	49
3.2.2	Boa Hora .....	51
3.2.3	Jatobá do Piauí.....	51
3.2.4	Capitão de Campos .....	56
3.2.5	Nossa Senhora de Nazaré .....	58
<b>4</b>	<b>A ARTE RUPESTRE DE COCAL DE TELHA.....</b>	<b>60</b>
4.1	O SÍTIO CANDEEIRO I .....	63
4.2	SÍTIO CANDEEIRO II.....	77
4.3	SÍTIO CANDEEIRO III.....	82
4.4	SÍTIO LETREIRO COLHER DE PAU.....	92
4.5	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO TURÍSTICA.....	94
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>99</b>
	REFERÊNCIAS.....	100
	ANEXOS.....	104

# 1 INTRODUÇÃO

Os sítios arqueológicos do município de Cocal de Telha apresentam significativo acervo patrimonial. As manifestações gráficas<sup>1</sup> deixadas nas rochas indicam passagem e/ou estadia de grupos humanos pré-históricos na região. O bom estado de preservação desses registros apontam para uma oportunidade de estudo e realização de turismo arqueológico como geração de renda para a comunidade.

O objetivo deste estudo é documentar e analisar a arte rupestre<sup>2</sup> do município de Cocal de Telha - Piauí e demonstrar a viabilidade do aproveitamento turístico desse patrimônio para a comunidade onde esses sítios estão inseridos.

Dessa maneira, esta pesquisa apresenta um levantamento quantitativo dos registros gráficos do município, analisando os sítios, os painéis pintados, as pinturas, os aspectos estilísticos e o estado de conservação.

O percurso metodológico deu-se por meio de levantamento bibliográfico, trabalho de campo e pesquisa de gabinete. A bibliografia levantada foi ancorada em temas como Turismo, Arqueologia, Antropologia, Patrimônio e História e o trabalho de campo foi realizado com o intuito de levantar e documentar os sítios, utilizando-se de técnicas próprias da arqueologia de campo. No laboratório, o objetivo foi efetuar a organização dos dados coletados em campo, principalmente o acervo icnográfico, onde foram realizados croquis dos painéis e das pinturas presentes nos sítios. Em gabinete, realizou-se a sistematização dos dados coletados na pesquisa bibliográfica e de campo.

Propõe-se, a partir deste estudo, uma atividade voltada para o turismo, iniciando com a elaboração e a venda de acessórios ligados aos motivos gráficos rupestres presentes no município. Esse processo será realizado em parceria com a administração municipal, que disponibilizará um espaço para a comercialização dos produtos e a capacitação da comunidade para a confecção e venda. Todos esses procedimentos serão focados exclusivamente na promoção dos sítios arqueológicos do município, provocando no adquirente o desejo de visitar os locais onde se encontram os sítios.

---

<sup>1</sup> No decorrer do trabalho, as expressões “registros gráficos rupestres”, “pinturas rupestres”, “inscrições rupestres”, “manifestações gráficas rupestres” serão usadas como sinônimos.

<sup>2</sup> De acordo com Martin (2008), existe uma grande polêmica no valor da “arte” dos registros rupestres, mensagens que os registros proporcionaram. Prous (1992) considera que é melhor renunciar à palavra “arte” e falar de “grafismos rupestres”. Não obstante, a expressão “arte rupestre” já está consagrada pelo uso e continua sendo empregada pelos arqueólogos para designar as sinalizações rupestres, estando, porém, conscientes de sua ambigüidade.

Defende-se, a partir dessa análise, que a geração de renda para a comunidade despertará a necessidade de preservação desses bens e conseqüentemente trará benefícios econômicos e sociais. A comercialização dos produtos ocorrerá na zona urbana do município, preferencialmente em um ponto às margens da BR 343, local estratégico, pois é grande o trânsito de pessoas em direção ao litoral, e no Parque Nacional de Sete Cidades, outro grande atrativo turístico dos roteiros piauienses.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos, subdivididos em partes, com o intuito de apresentar didaticamente a temática, propondo ao leitor uma visão geral da Arqueologia e do Turismo, focando nas representações gráficas rupestres presentes no Território dos Carnaubais e especificamente no município de Cocal de Telha.

No primeiro capítulo, é traçado um panorama geral da Arqueologia e do Turismo, onde são abordados os temas turismo cultural e arqueológico, chegando até o turismo no estado do Piauí e finalizando com a contextualização, de maneira breve, do Parque Nacional Serra da Capivara, do Parque Nacional de Sete Cidades e do Sítio Pedra do Castelo.

O segundo capítulo trata especificamente da arte rupestre, iniciando com um histórico dos trabalhos nesta área de pesquisa e, posteriormente, adentrando os registros gráficos existentes no Piauí, seguindo pelo Território dos Carnaubais e finalizando com a cartografia dos sítios dos municípios de Campo Maior, Boa Hora, Jatobá do Piauí, Capitão de Campos e Nossa Senhora de Nazaré.

Continuando com o levantamento da arte rupestre, o terceiro capítulo trata dos sítios de Cocal de Telha, onde são apresentados os quatro até então encontrados, sendo eles: Candeeiro I, Candeeiro II, Candeeiro III e Colher de Pau. A preocupação principal é elaborar um mapa das pinturas do município, suas dimensões e localização nos respectivos sítios, ressaltando também o estado de conservação das mesmas. Apresenta-se também uma proposta turística de socialização desses sítios com a comunidade.

Espera-se, com esta dissertação, despertar a atenção para a arte rupestre do município de Cocal de Telha e o aproveitamento destes bens para a promoção do turismo, focando na geração de renda e na preservação desse patrimônio.

## 2 PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E TURISMO

Em todo o mundo, é grande o número de destinos turísticos cujos principais atrativos são bens de valor arqueológico. Dentre esses, pode-se mencionar o “fac símile” da Gruta de Lascaux, na França, as ruínas de civilizações antigas, como as Pirâmides no Egito, norte da África, e, na América do Sul, vestígios da cidade de Machu Pichu, o Parque Nacional Serra da Capivara e as Missões Jesuíticas, no Brasil, entres outros que são exemplos de monumentos abertos à visitação como atrativo turístico<sup>3</sup>. São vestígios que foram deixados pelos homens e favorecem o conhecimento e a apreciação de grande parte da população mundial, atuando como um acervo patrimonial para a humanidade.

No Brasil, os sítios arqueológicos vêm atualmente ganhando espaço como atrativos turísticos, o que conseqüentemente aponta para um avanço em seus estudos e sua ligação com o turismo<sup>4</sup>.

O turismo constitui atualmente para o Brasil uma ferramenta de geração de renda e desenvolvimento para o país. Isso ocorre nos variados setores do segmento turístico. O bom aproveitamento desses recursos se dá pelo planejamento estratégico das atividades e o desenvolvimento de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento econômico e cultural da sociedade.

A formulação e o planejamento de políticas públicas devem ter como pressuposto a obtenção de resultados efetivos que se estendam a toda a sociedade. Em um país com a dimensão e a complexidade do Brasil, o turismo constitui uma atividade econômica com grande potencial de alavancar e contribuir para a consolidação do desenvolvimento socioeconômico equilibrado, mesmo em distintas condições territoriais (BRASIL, 2013, p. 52).

O que vai caracterizar a atividade turística é a presença de um turista, ou seja, uma pessoa em movimento, que apresenta as seguintes características que o diferem dos demais viajantes:

1. A viagem é temporária, em contraposição à viagem permanente feita pelo andarilho e pelo nômade;
2. É voluntário, em contraposição à viagem obrigatória do exilado ou refugiado;
3. É uma viagem de Ida e de Volta, em contraposição à viagem só de ida do imigrante;

---

<sup>3</sup> Atrativo Turístico é a matéria-prima (recursos naturais, sociais, culturais e tecnológicos) com o qual se pode planejar o turismo de determinado local e ou região. É aquilo que atrai o turista sozinho ou em combinação com outros.

<sup>4</sup> Atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros (OMT).

4. É relativamente longa, em contraposição à viagem da pessoa que faz excursão ou dá um passeio rápido e curto;
5. Não é recorrente, em contraposição às repetidas viagens das pessoas que têm casa na praia, no campo ou na montanha;
6. Não é instrumental, em contraposição à viagem como meio para o fim da pessoa que viaja a trabalho, do caixeiro viajante ou vendedor itinerante ou de romeiros ou peregrinos;
7. É feita em busca de novidades e mudanças, em contraposição à viagem com outros propósitos, como o estudo (COHEN, 1974 apud GUIMARÃES, 2012, p. 23).

De acordo com a Organização Mundial do Turismo, a atividade turística representa um dos mais importantes e notáveis fenômenos sociais do presente, devido à movimentação econômica desenvolvida em torno do mesmo.

## 2.1 A ARQUEOLOGIA E SUAS INTERFACES

A ação humana, ao longo da história, vem gerando herança da qual somos receptores e, por vezes, apreciadores na atualidade. Essa herança pode ser tanto material e/ou imaterial e estão indissociáveis no território em que ocorreram, ocasionando uma variedade muito grande dos vestígios culturais do homem no desenvolvimento de sua história.

O objeto arqueológico, seja ele instrumento artefato, fragmento ou registro do que se tem chamado de cultura material, é um documento sobre os grupos humanos pré-históricos, de sua organização social e familiar, dos costumes, ritos, lutas, alimentação e vida espiritual. De restos arqueológicos orgânicos e inorgânicos deduzimos comportamentos, formas de vida e luta pela sobrevivência (MARTIN, 1996, p. 134).

A arqueologia vem atuando no desenvolvimento de metodologias para análise da herança deixada pelo homem. No decorrer dos anos e com o aprimoramento de suas metodologias, vem ganhando espaço nas pesquisas e, conseqüentemente, envolvendo cada vez mais novos temas e objetos de estudos. A arqueologia brasileira engloba, além da pré-história, também a compreensão da ação humana desde o contato com os europeus até a era industrial, denominada de arqueologia histórica.

A arqueologia pré-histórica tem como finalidade buscar uma história que não está escrita, que está presente nos vestígios deixados pelas populações mais antigas, ou seja, “escrever” a história do homem, observando os seus artefatos (objetos usados e modificados), analisando-os e associando-os aos locais (ambientes, solos) onde foram encontrados. Sendo

assim, é uma ciência interdisciplinar entendida através da interação com outras ciências como a física, a química, a história, a botânica e a geologia.

Dentro da arqueologia e suas concepções de estudo, são levantados alguns questionamentos que têm como direcionamento elucidar os traços e fatos da vida do homem no passar dos tempos, sendo eles: como funcionam os sistemas culturais? Como eles vieram a ser o que são? E, a partir desses dois questionamentos e outros que surgiram com o desenvolvimento das pesquisas, o estudo arqueológico procura esclarecer o funcionamento e a evolução de determinados sistemas culturais.

Funari (2006) afirma que a arqueologia estuda, de maneira direta, a totalidade material fabricada e/ou apropriada pelas sociedades humanas no decorrer dos tempos, sendo que esse levantamento e estudo dessa cultura material acontecem de maneira total, utilizando-se também para análise, além do material, o imaterial. Sem limitação de caráter cronológico, é quase infinita a diversidade dos testemunhos históricos.

Contribuindo, Trigger (1992, p. 3) menciona a importância da história da arqueologia, fazendo um panorama geral do que seria a história do pensamento arqueológico e a imagem pioneira que se tinha da Arqueologia, que seria uma disciplina “exotérica que não tinha qualquer relevância no que se refere aos interesses e necessidades do presente”. A teoria arqueológica proposta por alguns pensadores explicitada pelo autor é vista como um processo não linear e não previsível, ou seja, as mudanças seriam ocasionadas por novas ideias formuladas, muitas vezes, em outras ciências sociais. Com o passar do tempo, alguns arqueólogos começam a duvidar que os conceitos da disciplina mudem significativamente de um período para outro. Sendo assim, alguns deles afirmam que teorias que são tidas como modernas já teriam sido levantadas anteriormente.

Aliados ao conceito de arqueologia como processo cultural, foram desenvolvidos estudos que procuravam analisar o funcionamento dos sistemas culturais das sociedades primitivas, sendo elas extintas ou atuais. Os sistemas culturais são “partes interativas que podem formular regras que descrevem como funcionam os aspectos significativos de cada sistema no estudo dos processos de manutenção e elaboração das estruturas” (TRIGGER, 1992, p. 284).

Segundo Hodder (1994), na arqueologia pós-processual, há uma preocupação que vai além da análise dos artefatos, que é justamente como atuava a sociedade inserida naquele espaço em estudo. A propósito desse autor, dentro da arqueologia pós-processualista, existe uma relação entre as regras e o indivíduo levando em consideração a atuação do indivíduo na sociedade, ou seja, os artefatos não foram criados sem uma função prática nem são tão

importantes por si só, mas tem que ser observado o indivíduo que o produziu/utilizou para, a partir disso, analisar a sua utilidade dentro de um conjunto mais amplo, a sociedade em que o homem estava inserido.

A pesquisa arqueológica no Brasil, de acordo com Martin (2008), vem surgir a partir do envio de estrangeiros, com a função de coletar matérias para o enriquecimento de coleções museológicas da Europa, dentre os quais vieram viajantes, naturalistas, botânicos, geólogos e paleontólogos.

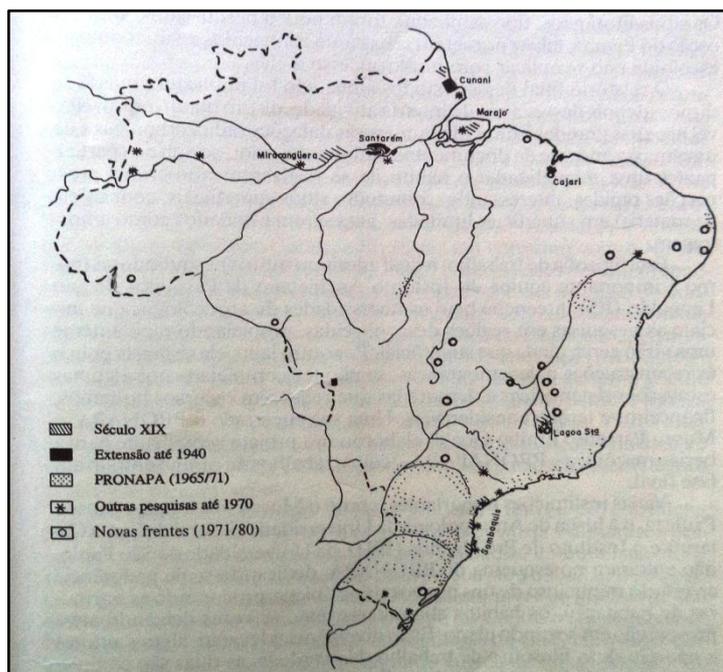
Prous (1992) afirma que, com a instalação da coroa portuguesa no Brasil, no século XIX, há um aumento na necessidade de se conhecer melhor o país, e, em consequência, aumentam-se as explorações sistemáticas, não mais só de bandeirantes à procura de pedras preciosas, mas realizadas por naturalistas e cronistas com o objetivo de desenvolver estudos voltados à natureza e às populações indígenas. Mesmo não sendo prioridade, a arqueologia relatava vestígios que encontravam atribuídos as tribos.

O início da arqueologia brasileira se dá pelo interesse de D. Pedro II pela antropologia e implantação de entidades com relevante papel para os futuros estudos arqueológicos. No período de 1870, foram iniciados com o interesse do monarca nas coleções de peças de escavações pré-históricas que foram adquiridas e, depois, depositadas no Museu Nacional. A Arqueologia começa a ganhar destaque entre 1880 e 1900. Na Amazônia, são realizadas as primeiras escavações, divulgando a cerâmica local por Emilio Goeldi e K. Kant. Depois da Primeira Guerra Mundial, o Museu Nacional contratou o primeiro profissional da área de Arqueologia, o arqueólogo J. A. Padberg-Drenkpohl, que decidiu escavar Lagoa Santa em 1926 e 1929, favorecendo a controvérsia sobre a antiguidade do homem na América. A arqueologia brasileira da primeira metade do século XX foi realizada por pessoas de diversas profissões que coletavam achados em superfície e anotavam a existência de inscrições rupestres.

Em 1934, é lançado o Manual de Arqueologia Brasileira, de Angione Costa. Mesmo sendo o primeiro documento organizado sobre a área, não consegue ir além de uma compilação de dados já bem conhecidos. O casal americano Clifford Evans e Betty J. Meggers escavou a foz do Amazonas, de 1949 a 1950, conseguindo estabelecer uma cronologia para as culturas das ilhas de Marajó e Amapá. Logo a partir de 1965, há uma multiplicação de centros de pesquisas na área arqueológica e a instalação de laboratórios para medir a radioatividade residual do Carbono 14, em São Paulo, Salvador e Belo Horizonte. No mesmo período, foi elaborado um projeto de âmbito nacional, o PRONAPA (Projeto Nacional

de Pesquisas Arqueológicas), e, logo depois, o Museu Emílio Goeldi desenvolve um projeto semelhante para a região Amazônica, o PRONAPABA.

Figura 1 – Pesquisas arqueológicas no Brasil



Fonte: Prous, 1992, p. 15.

No ano de 1961, no dia 26 de julho, foi aprovada no Congresso a Lei nº 3.924, que dispõe sobre os bens arqueológicos. A partir de então, passam a ser regidos por uma legislação específica, a lei trata sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, que são entendidos como:

- a, As jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outros são especificados aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente;
- b, os sítios no quais se encontram vestígios de ocupação pelos paleoameríndios tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;
- c, os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, “estações” e “cerâmicas”, nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;
- d, as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios (BRASIL, 1961).

Em 1978, surgem, no Piauí, os estudos sistemáticos<sup>5</sup> na área arqueológica e ciências afins com a equipe franco-brasileira liderada por Niède Guidon, sendo a região Sudeste do estado o palco para o surgimento das pesquisas pioneiras que favoreceram o entendimento das sociedades pré-coloniais do Brasil. A chegada da equipe na região permitiu evidenciar grande quantidade de vestígios ligados ao homem pré-histórico brasileiro, dentre esses, grande número de sítios com pinturas rupestres, além da presença de líticos e fósseis, tornando o Piauí e o Brasil referência em estudos arqueológicos.

## 2.2 TURISMO: ASPECTOS CONCEITUAIS E PRÁTICOS

O deslocamento de um lugar para outro e o contato com outros povos e cultura sempre foram uma realidade presente no cotidiano do ser humano. Desde a pré-história, o homem sempre esteve em constante movimento, seja por necessidades à procura de novos ambientes e alimentação, ou mesmo para conhecer lugares novos. Logo depois, com o desenvolvimento das primeiras civilizações, a necessidade de se movimentar de um lugar para outro vem com a necessidade de se estabelecer parcerias, desenvolver o comércio e algumas vezes confrontar-se com rivais. A noção de viagem como forma de “entretenimento” é uma invenção mais recente, iniciada por volta do século XIX.

Com o advento da Revolução Industrial, no século XVIII, e as transformações vindas com o desenvolvimento da indústria, surgem mudanças sociais decorrentes dessas estruturas que vão alterando o modo de vida da sociedade. O desenvolvimento cada vez mais acelerado da economia, o aumento da população nas cidades e, posteriormente, o surgimento das férias, já no século XX, vêm, de maneira significativa, “atiçar” a vontade de conhecer lugares novos e sair da “rotina” proporcionada pela lida nas cidades.

Dentre as primeiras atividades inseridas no contexto social como turísticas, é possível citar as excursões de campo e a visita a balneários marítimos para os trabalhadores estimulados pelos burgueses e religiosos como medidas disciplinares. Para Lima (2013), esse desenvolvimento se deu principalmente pela expansão dos meios de transportes, o desenvolvimento da mídia e o surgimento do lazer como direito e necessidade dos trabalhadores.

---

<sup>5</sup> Nas décadas de 10 e 20 do século passado, o austríaco Ludwig Schwennhagen percorreu o norte do Piauí, (a região de Piracuruca – hoje Sete Cidades e Castelo do Piauí) escreveu diversos textos e publicou o livro “Antiga História do Brasil de 1.100 a.C a 1.500 d.C”, após visita a Sete Cidades, descrevendo-a como ruínas de uma cidade fenícia.

É possível situar historicamente o ano de 1841 como o marco para o surgimento do turismo moderno. Isso se deu pela organização da primeira viagem realizada pelo inglês Thomas Cook.

Thomas Cook, um jovem de 32 anos, foi o responsável por uma das mais importantes transformações nas viagens. Por meio da intuição e de uma impressionante capacidade visionária, conseguiu imaginar o transporte de passageiros com tarifas reduzidas, o que aumentaria a demanda. O resultado seria um surpreendente ganho em escala, propiciando mais lucros por viagens. Continuando com suas intuições, Cook criou as viagens em grupos, dando os primeiros passos para aquela que seria a primeira e a maior agência de viagens de todos os tempos. A grande arrancada de Cook ocorreu durante um encontro em Leicester, num verão de 1841, quando teve a ideia de criar um trem fretado para o evento seguinte. Cook organizou o primeiro tour de viagem em larga escala, conduzindo juntas quase 500 pessoas dos mais diversos tipos (BARBOSA, 2002 apud LIMA 2013, p. 70-71).

Cook torna-se o pioneiro no desenvolvimento do turismo, utilizando campanhas de marketing, com o objetivo de conquistar cada vez mais nova clientela. Além da utilização de venda em grande escala de passagens de trem com o objetivo de baratear, acrescentava também reservas em hotéis e restaurantes.

No Brasil, o turismo vem ganhar espaço a partir da década de 1930.

Não seria excessivo afirmar que o turismo se torna enfim um fenômeno do Brasil, apenas em meados dos anos de 1930. A instituição das férias anuais com direito de todos, através da legislação trabalhista do varguismo, permite que o turismo se torne consciente de si próprio e progressivamente, enquanto estrutura como prática comercial, devido a uma demanda mais consistente, incorpore como oferta de turismo cultural o diferencial que se codifica alegoricamente entre os estratos intelectuais como patrimônio histórico e artístico Nacional (CAMARGO, 2001, p. 81).

O desenvolvimento do turismo tem como motivo principal a existência de determinados elementos e manifestações de origem natural ou cultural que despertam interesse do ser humano para conhecê-los e desfrutá-los. Esse “consumo” do produto turístico se dá no seu próprio lugar de origem, gerando uma permanência desse bem por muito tempo e a utilização do mesmo como recurso econômico e cultural pela sociedade no qual se insere. Segundo a OMT (2011), recurso turístico “são todos os bens e serviços que, por intermédio da atividade humana e dos meios a sua disposição, tornam possível a atividade turística e a satisfazerem as necessidades da demanda”.

Partindo desse conceito, a atividade turística será desenvolvida se existirem atrações que motivem os turistas<sup>6</sup> a desfrutarem-nas e, para isso, é necessário um conhecimento do patrimônio turístico de determinada região que, de acordo com a OMT, “é o conjunto potencial (conhecido ou ainda desconhecido) de bens materiais ou imateriais à disposição do homem, que podem ser utilizados mediante um processo de transformação para satisfazer as suas necessidades turísticas”. Sendo assim, a OMT estabelece que, antes da apresentação dos recursos turísticos, existe um levantamento dos mesmos, que é denominado de patrimônio turístico.

Os fins do turismo constituem meio eficaz para o alcance de diferentes campos de atividades, dentre os quais podem ser citados:

- Alcance de objetivos no campo econômico (desenvolvimento nacional e regional);
- No campo social (geração de empregos, redistribuição de renda e descanso e lazer dos assalariados);
- No campo cultural (ampliar o conhecimento da população sobre fatos históricos e culturais)
- No campo político (integração nacional, salvaguarda da segurança nacional, projeção da imagem do país no exterior etc.) (BENI, 2001, p. 181).

O setor do turismo contribui significativamente para a criação de empregos e a geração de renda. A cada três anos, é organizado um documento que destaca as diretrizes que devem nortear o desenvolvimento do turismo no Brasil, o Plano Nacional do Turismo – PNT. O plano atual de 2013-2016 tem como um de seus principais objetivos a ampliação da participação dos estados e municípios nas políticas de turismo, com a proposta de regionalização do turismo, onde será feito um diagnóstico das potencialidades e dos problemas das regiões turísticas do país, com a finalidade de ajudar as cidades a se posicionarem como destinos competitivos (BRASIL, 2013).

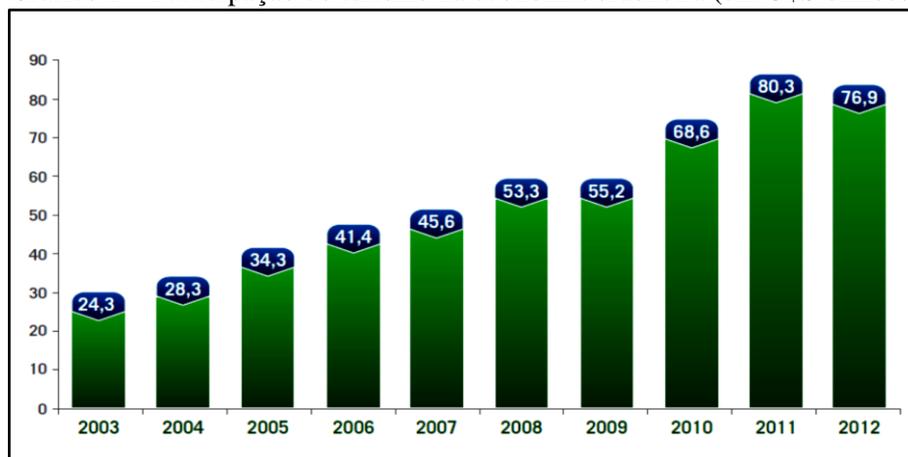
De acordo com o PNT, o setor do turismo pode contribuir significativamente com a criação de oportunidades de emprego, visto que o turismo é uma atividade econômica que necessita de menor investimento para a criação dos postos de trabalho e uma intensiva mão de obra. No Brasil, a expansão da atividade turística é indicada pelo crescimento do volume de crédito destinado ao setor, “crescimento de 923,60% de 2012 em relação a 2003, ano de criação do Ministério do Turismo” (BRASIL, 2013, p. 15).

---

<sup>6</sup> Indivíduo que se desloca voluntariamente por período de tempo igual ou superior a vinte e quatro horas para local diferente da sua residência e do seu trabalho, sem este ter por motivação a obtenção de lucro.

Em contrapartida aos investimentos empregados no setor do turismo, a economia brasileira vem crescendo de forma gradativa desde o ano de 2003, como pode ser observado no gráfico seguinte:

Gráfico 1 – Participação do turismo na economia brasileira (em U\$S bilhões)



Fonte: Plano Nacional de Turismo

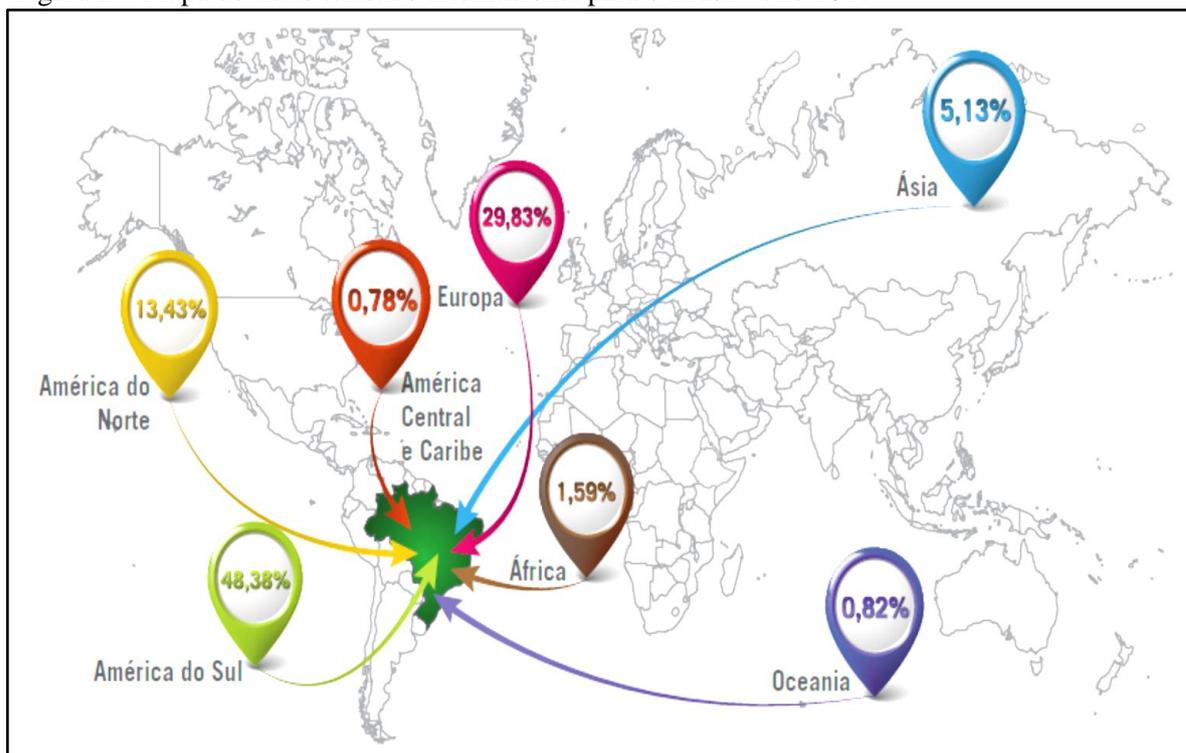
O desenvolvimento do turismo como fator econômico no Brasil é percebido pela geração de renda ocasionada pelo crescimento cada vez maior do setor, afetando positivamente a economia, como pode ser observado:

A participação do turismo na economia brasileira já representa 3,7% do PIB do nosso país. De 2003 a 2009, o setor cresceu 32,4%, enquanto a economia brasileira apresentou expansão de 24,6% (MTUR, 2012a). Para o World Travel & Tourism Council (WTTC), no ano de 2011, cerca de 2,74 milhões de empregos diretos foram gerados pelo turismo e com estimativa de crescimento de 7,7% para o ano de 2012, totalizando 2,95 milhões de empregos (WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL, 2013a). Estima-se ainda que para o ano de 2022 o turismo seja responsável por 3,63 milhões de empregos (BRASIL, 2013, p. 12).

O aproveitamento turístico nacional se dá principalmente pelo planejamento e desenvolvimento de estratégias que possibilitem a ampliação e sistematização do turismo. Esse planejamento ocorre de maneira sistemática analisando as prioridades e os caminhos para atingirem determinados objetivos. A política de desenvolvimento do turismo “deverá nortear-se por três grandes condicionamentos – o cultural, o social e o econômico” (BENI, 2001, p. 178).

O Brasil, segundo o PNT (2013), vem se apresentando como um potencial turístico mundial. Isso se dá pela entrada de turistas estrangeiros no país (ver Figura 2), favorecendo o desenvolvimento da economia mundial.

Figura 2 – Mapa do fluxo turístico internacional para o Brasil - ano 2011

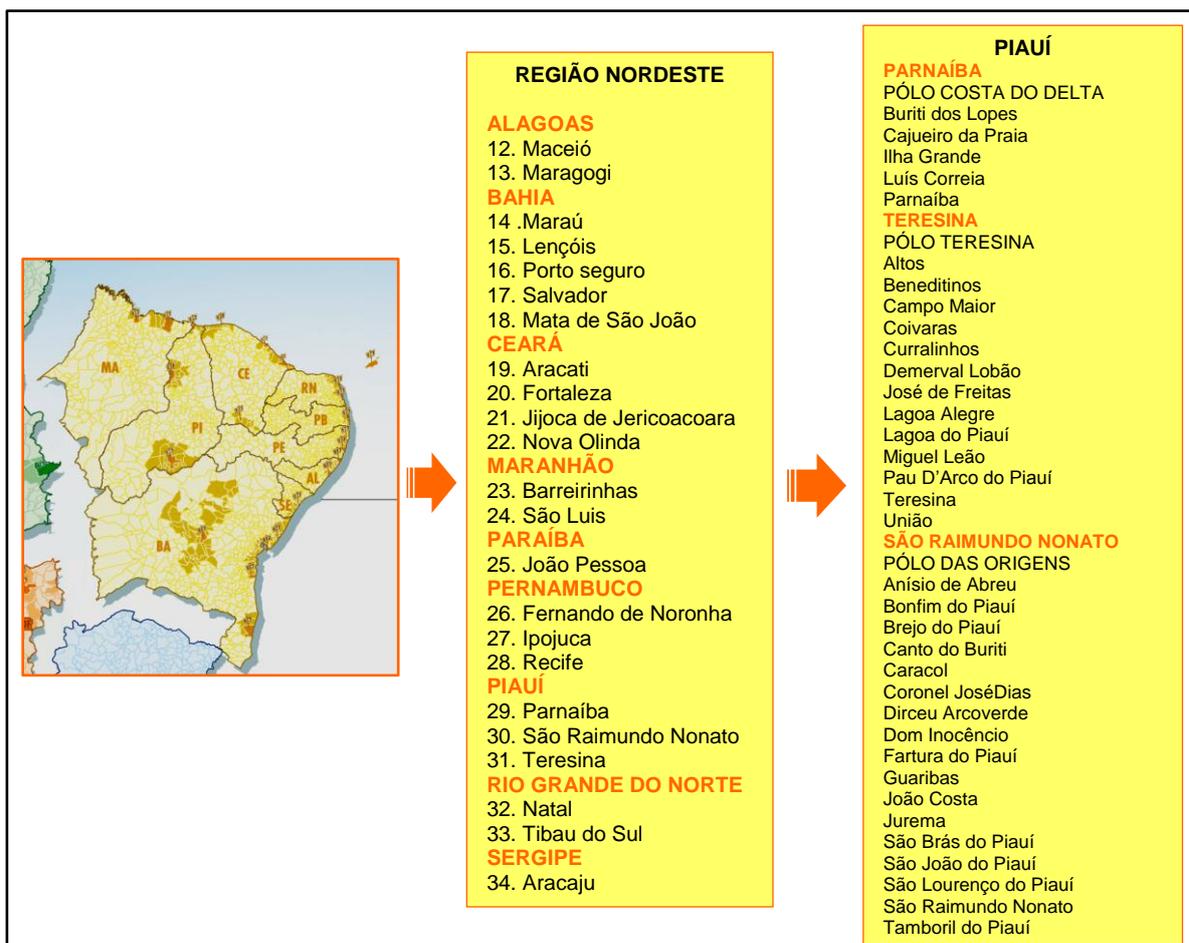


Fonte: PNT, Brasil (2013).

De acordo com os dados apresentados no PNT, no ano de 2011, o maior número de turistas estrangeiros que entraram no Brasil é o da América do Sul, seguido da Europa. No ano de 2012, foram registrados 5,8 milhões de chegadas de estrangeiros no Brasil, sendo as cidades brasileiras em destaque de visitas estrangeiras o Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Florianópolis, Brasília e Porto Alegre.

O desenvolvimento da Política do Turismo leva em consideração as potencialidades de cada região, e, em seguida, a das cidades e dos municípios, o que é possível ser observado no relatório apresentado pelo SEBRAE no ano de 2012, intitulado de Índice de Competitividade do Turismo Nacional – 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional, no qual são apresentadas as potencialidades de cada região do Brasil. O Nordeste e o estado do Piauí, enquanto destino, são assim apresentados:

Figura 3 – Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Nacional



Fonte: SEBRAE (2011), com modificações do autor (estudo de competitividade).

Dentro do contexto do turismo, é importante perceber a importância da paisagem no desenvolvimento da atividade turística. A paisagem representa o centro da atratividade de um lugar. “A paisagem é um notável recurso turístico, desvelando alguns objetos e camuflando outros, por meio da posição do observador, quando pretende encantar e seduzir” (RODRIGUES, 2001, p. 109). Importa notar que “Paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e, portanto, um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística” (PIRES, 2001, p. 127).

De acordo com Marujo e Santos (2012), a paisagem é analisada por dois aspectos, o visual e o social. O primeiro varia conforme a percepção do observador. Já o segundo é a reflexão da realidade de um local em um determinado período.

O que constantemente se apresenta aos turistas em meios eletrônicos e impressos são as paisagens construídas a partir dos bens a serem visitados, despertando assim a vontade de visitar determinado ponto turístico. Sendo assim, a paisagem

[...] constitui um elemento fundamental para a promoção e captação de muitos turistas. De facto a imagem paisagística de um lugar, divulgada através dos meios de comunicação, provoca construções mentais nos potenciais consumidores sobre o destino a visitar. Na maior parte das vezes, a paisagem é o fator que melhor indica ao turista o desejo de mudar do seu ambiente habitual e, por isso, ela está em muitos casos na base do processo de decisão para um turista visitar o lugar (x) e não o lugar (y) (MARUJO; SANTOS, 2012, p. 46).

A respeito da promoção do turismo, existe um conjunto de fatores que “pesam” em seu desenvolvimento e incremento da ação. A paisagem é nitidamente a principal delas. “Paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e, portanto, um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística” (BENI, 2001, p. 236).

Quadro 1 – Dimensões conceituais da paisagem

<b>DIMENSÃO</b>	<b>CONCEITOS</b>
Estética ou visual	É a mais primitiva e a mais intuitiva e está relacionada com a relação sensitiva e a resposta perceptiva do ser humano diante da expressão visual de uma paisagem.
Cultural	Considera a paisagem um recurso no sentido humano de sua modificação, onde o homem atua como o seu agente modelador. Determinadas paisagens culturais são testemunhos da história e, por isso, estão carregadas de valores emocionais que transcendem qualquer conceito de beleza estética ou de equilíbrio ecológico.
Ecológica	Considera a paisagem como resultado do conjunto de inter-relações entre os comportamentos da mesma, ou seja, entre rochas, água, vegetação, relevo, uso do solo, clima etc., representando, dessa forma, a resposta visual da evolução conjunta dos elementos físicos e biológicos que a constituem.

Fonte: BENI (2001), com modificações do autor.

### 2.3 TURISMO CULTURAL

A Constituição Brasileira estabelece, segundo os bens de valor cultural brasileiro, em seu artigo 216, que

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza, material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I-as formas de expressão;  
 II-os modos de criar, fazer e viver;  
 III-as criações científicas, artísticas e tecnológicas;  
 IV-as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas culturais;  
 V-os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Atualmente, vem se desenvolvendo cada vez mais a valorização da cultura e das manifestações culturais das sociedades, sejam elas mais antigas ou mesmo as contemporâneas, o que deixa clara a possibilidade do turismo como ferramenta de utilização desses bens culturais com agentes promotores de recursos tanto de valoração cultural e financeiro, oportunizando cada vez mais a oferta de novos produtos turísticos<sup>7</sup>.

A cultura engloba todas as formas de expressão do homem: o sentir, o agir, o pensar, o fazer, bem como as relações entre os seres humanos e destes com o meio ambiente. A definição de cultura, nesta perspectiva abrangente, permite afirmar que o Brasil possui um patrimônio cultural diversificado e plural. Esses aspectos da pluralidade e da diversidade cultural representam para o turismo a oportunidade de estruturação de novos produtos turísticos, com o consequente aumento do fluxo de turistas; e converte o turismo em uma atividade capaz de promover e preservar a cultura brasileira (BRASIL, 2010, p. 11).

O homem, desde seus primeiros registros, deixou e ainda vem deixando referências de seu deslocamento de um local para outro, sejam elas por necessidades, por curiosidade ou prazer, tudo isso impulsionado pelo desejo de conhecer algo novo. Sendo assim, “viajar é uma expressão de cultura presente em todas as sociedades e é isso que hoje faz girar um dos mais importantes setores da economia contemporânea: o turismo” (BRASIL, 2010, p. 13). O que vem definir Turismo Cultural é a motivação da viagem, que é em torno de temas culturais.

Turismo cultural está baseado nas atrações culturais que possui um destino, sejam elas permanentes, temporárias ou ainda baseadas em características culturais e sociais de uma população que dispõe de um estilo de vida tradicional ou com características próprias (OMT, 1998, p. 137).

Segundo o Ministério do Turismo (2010), os tipos de turismo cultural são classificados segundo as áreas de interesses específicos, ou seja, aqueles que apresentam maior potencial no Brasil, sendo eles: turismo cívico, turismo religioso, turismo místico e exotérico, turismo étnico, turismo cinematográfico, turismo arqueológico, turismo gastronômico, enoturismo e turismo ferroviário.

---

<sup>7</sup> Produto turístico é o conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos, acrescido de facilidades e ofertado de forma organizada por um determinado preço.

Figura 4 – Formatação de produto no Turismo Cultural



Fonte: Brasil (2010).

O turismo cultural diferencia-se de outros segmentos do turismo pelas características de seus atrativos e pelas amplas possibilidades de desenvolvimento de seus produtos e pela capacidade do envolvimento da comunidade no processo turístico.

O Turismo cultural facilita ao cidadão o cumprimento de seu papel na preservação destes bens, por entender os sentidos, para se sentir identificado com este passado, para ter orgulho desta memória e por compreender que esta herança ancestral pode melhorar sua qualidade de vida e de seus descendentes (PARDI, 2007, p. 327).

Compreender o perfil do turista cultural é um passo significativo para a formatação de produtos e serviços destinados ao setor. Esse procedimento permite, através do conhecimento do público, propor e elaborar estratégias para o bom desenvolvimento de produtos e serviços na área.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN são as duas instituições de referência para o estabelecimento dos parâmetros de conservação, proteção, salvaguarda e sustentabilidade dos patrimônios culturais no âmbito internacional e nacional.

No que se refere à legislação de proteção do patrimônio cultural brasileiro, é possível citar, além do Art. 216 da Constituição brasileira, as seguintes leis:

Quadro 2 – Dispositivos legais do Turismo Cultural

LEGISLAÇÃO	PRINCIPAIS INSTRUMENTOS LEGAIS	ESCOPO
Legislação Turística	Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, regulamentada pelo Decreto nº 7.381, de 2 de dezembro de 2010.	Política Nacional de Turismo - define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico, tendo como um de seus objetivos a conservação do patrimônio natural, cultural e turístico brasileiro, passando a apoiar, portanto, outros órgãos do Governo Federal no tocante à preservação do patrimônio cultural brasileiro de interesse turístico, conforme estabelecido no Art. 3, parágrafo único.
Legislação Turística	Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, regulamentada pelo Decreto nº 7.381, de 2 de dezembro de	A Política Nacional do Turismo estabelecida pela Lei propõe, ainda, que o MTur atue na preservação da identidade cultural das comunidades e populações tradicionais eventualmente afetadas pela atividade turística, refletindo no ordenamento e desenvolvimento do segmento de Turismo Cultural, na medida em que dá um tratamento

	2010.	de importância à preservação da cultura brasileira, explícita no inciso IX do Art. 5 da Lei do Turismo. No que concerne ao Plano Nacional de Turismo, a preservação do patrimônio deverá ser incorporada aos objetivos da Política de Turismo, sempre quando realizar sua atualização (que ocorre de 4 em 4 anos), definindo políticas e programas que se integrem a outros setores das áreas pública e privada em favor do patrimônio cultural do País.
Legislação Correlata	Decreto nº 80.978, de 12 de dezembro de 1977.	Promulga a Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de 1972.
	Lei nº 8.394, de 30 de dezembro de 1991.	Declara os acervos documentais dos presidentes da República pertencentes ao Patrimônio Cultural brasileiro, dispondo sobre a preservação, organização e proteção dos acervos documentais privados dos Presidentes da República e dá outras providências.
	Decreto nº 6.844, de 7 de maio de 2009.	Aprova a Estrutura Regimental do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).
	Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991.	Conhecida por Lei Rouanet, institui políticas públicas para a cultural nacional, como o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC) e restabelece princípios da Lei nº 7.505/86. O PRONAC tem como finalidade captar e canalizar recursos para a cultura, sendo destinados a projetos culturais que visem à exibição, utilização e circulação públicas dos bens culturais.
	Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991.	Está em tramitação no Congresso Nacional um Projeto de Lei (PL 6722/2010) que tem por objetivo suprir as lacunas existentes na Lei nº 8.318/91, ao instituir o Programa Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura – Procultura. O Projeto de Lei visa a sanar as distorções que provocam à concentração regional do financiamento e baixo apoio a atividades culturais em áreas, por exemplo, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).
	Decreto nº 5.761, de 27 de abril de 2006.	Regulamenta a Lei nº 8.318/91, estabelece assistemática de execução do PRONAC e dá outras providências. Ressalta-se que o apoio a projetos culturais, seja pelo Fundo Nacional de Cultura, seja pelo Mecenato ou pelo Fundo de Investimento Cultural e Artístico, terá interesse à atividade turística, principalmente, quando voltados ao fomento à produção cultural e artística e à preservação e difusão do patrimônio artístico, cultural e histórico.
Patrimônio Cultural Material	Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.	Conceitua e organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e dispõe sobre o tombamento.
	Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961.	Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, sua proteção, posse e salvaguarda.
Patrimônio Cultural Imaterial	Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000.	Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.
	Resolução nº 001 de 2006.	Regulamenta Decreto nº 3.551/00 -Determina os procedimentos a serem observados na instauração e instrução do processo administrativo de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial.

Fonte: Brasil, 2010.

## 2.4 TURISMO ARQUEOLÓGICO

A importância do turismo como mecanismo de preservação de sítios arqueológicos já é uma prática consistente em todo o mundo. Mesmo assim, ainda é visto com ressalva, principalmente pelos arqueólogos. O que se percebe é que o assunto vem ganhando atenção.

O XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), ocorrido no ano de 2005, propôs uma temática: Arqueologia, Patrimônio e Turismo, demonstrando interesse pela temática por parte de grande parte dos arqueólogos (GUIMARÃES, 2012).

O turismo arqueológico ou arqueoturismo é entendido como:

processo decorrente do deslocamento e da permanência de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas ou históricas, possíveis de visitação terrestre ou aquática (MANZATO, 2005 apud MANZATO, 2007, p. 100).

A inserção de sítios arqueológicos em roteiros turísticos dependerá não apenas da matéria-prima à disposição do público, ou seja, da visibilidade dos sítios com seus aspectos estéticos, mas principalmente da criação de uma infraestrutura adequada, munindo o local de condições necessárias para o aproveitamento turístico, o que é analisado, sobretudo, pela qualidade desses sítios em receber o turista e não somente a estética.

Dentro do desenvolvimento da proposta de turismo, Guimarães (2012), após um levantamento sistemático sobre a temática, orienta nove princípios norteadores para o desenvolvimento do turismo arqueológico, sendo eles, conforme Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Princípios para o desenvolvimento do turismo arqueológico

PRINCÍPIOS	SIGNIFICADO
“Reconhecer a importância patrimonial da área”	É o primeiro passo para a realização bem-sucedida de um trabalho na área. Devem ser colhidas informações tantas quantas forem necessárias para a compreensão da importância do Patrimônio arqueológico.
“Conservar os locais”	Para o desenvolvimento sustentável, de maneira consciente, a conservação do local é uma ação fundamental. Deve-se ter em mente que “conservar não quer dizer proibir o uso” (GUIMARÃES, 2012, p. 62). Para que haja a conservação, todas as opções de uso do espaço devem ser identificadas, e os impactos, bem como a manutenção, devem sempre ser pensados.
“Estabelecer parcerias”	A possibilidade de desenvolvimento do turismo responsável só será concretizada a partir da existência de parcerias. Quanto mais grupos envolvidos, maiores são as possibilidades de resultados positivos.
“Investir nas pessoas e lugares”	Todos os envolvidos devem compreender a importância do sítio e sua conexão com as pessoas e com o lugar onde o mesmo está inserido.
“Respeitar os direitos das comunidades locais”	Fatos como as ressignificações dos locais onde se encontram os sítios arqueológicos devem ser respeitados, um bom desenvolvimento desses princípios pode se dar a partir de um acordo entre os gestores e a comunidade sobre o que se pode e o que não se pode fazer em um sítio arqueológico. Isso pode ocorrer com a criação de um conjunto de normas de condutas, visando ao desenvolvimento de boas relações.
“Desenvolver e oferecer negócios sustentáveis”	O bom desenvolvimento de negócios turísticos é o que garantirá a sustentabilidade do turismo arqueológico em determinada região.
“Qualificar as experiências de	O turista deve sentir-se bem ao visitar um sítio arqueológico. Isso é possibilitado por inúmeros fatores, dentre os quais as mensagens transmitidas durante a visita e a

visitas”	sinalização de trilhas e caminhos. Também a criação de matérias com informações dos sítios possibilita a qualidade das visitas.
“Promover os produtos”	O marketing aqui pode ser utilizado muito significativamente na promoção de informações e produtos atrelados aos sítios visitados, um bom material promocional é forte aliado na divulgação do turismo arqueológico de uma região.
“Monitore, Avalie, Reveja e Revise”	Como toda atividade turística, o turismo arqueológico também deve constantemente ser submetido a reavaliações e monitoramentos constantes.

Fonte: Guimarães (2012), com modificações do autor.

O turismo arqueológico, por constituir-se um dos mecanismos de promoção da cultura, requer um planejamento priorizando todos os envolvidos no desenvolvimento dessa prática. O envolvimento com a comunidade onde se insere o sítio arqueológico é o principal deles.

O planejamento deve envolver toda a comunidade do núcleo turístico; a participação das pessoas do local é imprescindível para o desenvolvimento do turismo, pois significa a conscientização da população para a importância dessa atividade. Sem a participação e o firme engajamento da comunidade, não há como pensar em crescimento do turismo (PETROCCHI, 1998, p. 69).

Não se pode pensar em visitação a sítios e outros bens arqueológicos sem a participação da comunidade na qual esses bens se inserem, pois é dela que deve partir a interpretação e a necessidade de proteção e apresentação desses bens à sociedade, é dela que partirão os anseios e também a proteção desses bens, uma vez que a mesma constantemente lida e convive com o local a ser visitado.

Para a arqueologia um público maior significa a possibilidade de uma parcela significativa de pessoas que se envolva com as questões do patrimônio arqueológico. Quanto mais pessoas se envolvem com o patrimônio arqueológico, entendendo os contextos nos quais ele está inserido e tendo acesso a informações sobre as pesquisas e descobertas, mais fácil será assegurar a proteção dos sítios, diminuir o ritmo das destruições por desinformação e coibir os crimes contra esse patrimônio (GUIMARÃES, 2012, p. 42).

O planejamento turístico está fortemente ligado à Gestão do Patrimônio Arqueológico (GPA), que é um mecanismo que ajuda a entender as múltiplas questões ligadas ao patrimônio arqueológico. Segundo Pardi (2002), o processo de GPA constitui-se das atividades de identificação, documentação, proteção e promoção. Como se percebe pelo esquema realizado (Figura 5), são processos que estão intercalados uns com os outros desde a identificação, que é justamente a constatação da existência dos sítios até a própria utilização desses espaços para o turismo, como pode ser observado no quadro a seguir.

Figura 5 – Gestão do patrimônio arqueológico



Fonte: PARDI, 2002

A partir da análise do esquema apresentado por Pardi (2002), é possível perceber que o processo de gestão de um bem patrimonial arqueológico exige muitos cuidados, sendo o principal deles a preocupação em preservar os vestígios presentes nos sítios de maneira a agredir o mínimo possível durante os processos de execução do turismo. E, para isso, o autor sugere algumas atitudes que fortalecem os anseios de preservação desses ambientes como, por exemplo:

Evitar a visita isolada, a coleta de matérias de qualquer espécie, o pisoteio dos solos sensíveis ou as beiradas de poços de escavação, evitar preencher de giz ou jogar água ou outros produtos em petrógrifos ou pinturas, lascar material lítico sobre um sítio, não fazer fogueiras ou fumar, evitar fotografar com *flash* pinturas pouco iluminadas e outros conforme contexto (PARDI, 2007, p. 325).

Todos esses procedimentos citados acima são atitudes voltadas para todos aqueles que transitam no ambiente do sítio aberto à visita, procedimentos esses que devem estar

contidos no plano de visitação da área a ser contemplada pela ação, objetivando a proteção do sítio, pois cada sítio arqueológico danificado ou destruído diminui as possibilidades de estabelecer o conhecimento mais aprofundado dos homens que ali viveram e deixaram aqueles vestígios materiais.

Para a transformação de um patrimônio arqueológico em um produto turístico, deve-se, primeiramente, planejar, e esse planejamento depende de dois grandes desafios: “(1º.) a composição de equipes interdisciplinares para o planejamento arqueoturístico, e (2º.) a elaboração de planejamento cada vez mais participativo” (GUIMARÃES, 2012, p. 42).

Um documento que merece destaque como referência na conservação e gestão de sítios com valor cultural é a Carta de Burra, documento elaborado pelo Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios – ICOMOS, em 19 de abril de 1979, em Burra, Austrália do Sul. A carta pode ser aplicada a todos os sítios com significado cultural, sejam eles naturais, indígenas e históricos. Esse documento faz parte de um conjunto de Cartas Patrimoniais<sup>8</sup> que vêm sendo elaboradas com a finalidade de orientar trabalhos que tenham como foco a preservação e conservação de bens culturais.

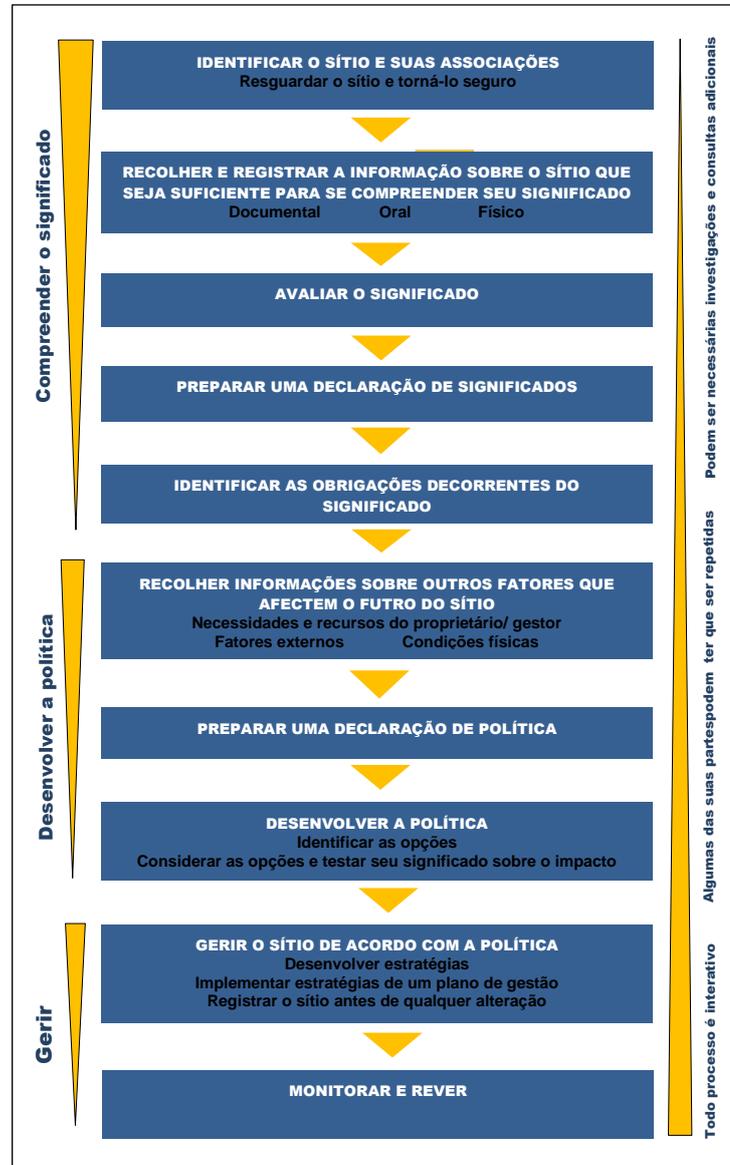
Na Carta de Burra (2006), é sugerido um processo de planejamento que orienta a tomada de decisões para o manejo em sítio<sup>9</sup> de valor patrimonial, indicando linhas de orientação para a Conservação e para a gestão de sítios com valor cultural (sítios naturais, indígenas e históricos).

---

<sup>8</sup>As Cartas Patrimoniais não são medidas jurídicas punitivas através de sanções às infrações, como é o caso da legislação nacional: são recomendações para o aperfeiçoamento de suas legislações em prol da salvaguarda de seus bens culturais. Dentre as principais podemos citar a Carta de Lausane, a Carta de Veneza e a Carta de Burra.

<sup>9</sup>Significa lugar, área, terreno, paisagem, edifício e outras obras, grupos de edifícios ou de outras obras, e pode incluir componentes, conteúdos, espaços e vistas (incluem memoriais, árvores, jardins, parques, lugares de acontecimentos históricos, áreas urbanas, cidades, lugares industriais, sítios arqueológicos, religiosos e espirituais).

Figura 6 – Processo da Carta de Burra



Fonte: ICOMOS (2006), com modificações do autor.

O sentido da conservação no documento é apresentado como “uma parte integral da gestão dos sítios com significado cultural e uma responsabilidade permanente” (BURRA, 1999, p. 03). Os sítios com significado cultural enriquecem a vida das pessoas, proporcionando, muitas vezes, um profundo e inspirador sentido de ligação à comunidade e à paisagem, ao passado e às experiências vividas.

O potencial de desenvolvimento turístico oferece ao mesmo tempo oportunidade e desafio para a execução de ações de proteção ao meio ambiente e de promoção do seu uso economicamente sustentável, com respeito aos costumes regionais,

viabilizando grandes avanços na inclusão social e na distribuição da riqueza (BRASIL, 2013, p. 52).

Quando se fala em planejamento de visitação, deve-se ter em mente os seguintes pontos: o potencial de visitação desse local, os períodos de visitação, o público-alvo, o atrativo a ser oferecido – se, além dos sítios arqueológicos, existirem outros pontos que mereçam ser contemplados pelos turistas. E esse processo deve acontecer em parceria com “União, Estado, Município, empresa e cidadão, por meio de gestão compartilhada, para garantir uso desses bens, monitorando sua preservação” (PARDI, 2007, p. 319).

## 2.5 TURISMO NO PIAUÍ

A história do turismo no Piauí, assim como no Brasil, é recente. Remonta à década de 1970, com a criação da Empresa de Turismo do Piauí – PIEMTUR, passo significativo para pensar e estabelecer políticas para inserção do Piauí no cenário nacional.

No início dos anos 70 e 80 do século passado, as políticas de divulgação se voltaram para o litoral e lagoa do Portinho e o Parque Nacional de Sete Cidades. Com a abertura do Parque Nacional Serra da Capivara, a visitação oficial da beleza paisagística e dos achados nas pesquisas começa do deslocamento das ações para outras áreas do estado. Teresina, por ser a capital do estado e por possuir uma melhor infraestrutura para receber o visitante, passa a figurar nos roteiros e políticas do turismo.

Para Carvalho Júnior (2014), a criação dos primeiros cursos de Guia de Turismo, nos anos de 1989, 1995 e 1996, contribuiu, de forma significativa, para divulgação do estado através do trabalho desses profissionais, além de pensar novas políticas públicas e ações para o estado.

O desenvolvimento da pesquisa em Arqueologia está atrelado à divulgação das pesquisas no Sudeste e a descoberta de uma quantidade cada vez maior de sítios, principalmente de arte rupestre em todo o estado.

A Arqueologia e/ou o patrimônio arqueológico do estado era um diferencial e podia agregar valor às políticas de turismo do estado, fato que levou o estado à elaboração do Plano Estratégico do Turismo Arqueológico do Piauí. O plano foi elaborado no alvorecer dos anos 2000, mas nunca foi implantado na sua totalidade. Ações isoladas foram surgindo em diferentes atrativos como Serra da Capivara, Serra das Confusões e Castelo do Piauí.

Dessa forma, o Piauí possui características que divergem de outros estados do Nordeste brasileiro, sendo a primeira delas a localização da capital que está no interior e não no litoral, desenvolvendo assim o turismo comercial, impulsionado pela influência de

Teresina e Maranhão. Outro ponto de diferenciação está na extensão do litoral, que é pequena em relação a outros estados, mas com uma diferença: possui o único delta a céu aberto das Américas, o qual aponta para uma nova vertente, o turismo ecológico. Outro ponto extremamente significativo é o potencial para o turismo arqueológico, representado pelo Parque Nacional de Sete Cidades, o Parque Nacional Serra da Capivara e o Parque Nacional Serra das Confusões.

Com relação ao Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico Arqueológico, o mesmo foi desenvolvido por uma equipe multidisciplinar composta por arqueólogos, engenheiro agrônomo, arquiteta e urbanista ambiental, arqueoquímica, profissionais da área de marketing, jornalista e economistas. A metodologia utilizada seguiu métodos utilizados na pesquisa arqueológica, iniciando com uma pesquisa bibliográfica, seguida de atividades de campo e laboratório, observando-se as seguintes etapas:

1. Levantamento bibliográfico sobre o patrimônio histórico-arqueológico e natural do Piauí, para definição das áreas prioritárias.
2. Seleção das áreas prioritárias: os sítios prospectados e cadastrados anteriormente foram selecionados a partir de critérios ligados à importância arqueológica, considerando-se a antiguidade, variedade estilística e o fato de estarem em uma possível rota migratória. Foram considerados também aspectos do meio físico, priorizando-se os sítios que apresentassem em suas redondezas patrimônios naturais e/ou históricos dignos de exploração turística.
3. Aquisição e organização de material para os trabalhos de campo: filmes, fitas, fichas técnicas, mapas, trenas, equipamentos fotográficos e fílmicos, GPS, dentre outros.
4. Contato com instituições e autoridades responsáveis pela gestão dos patrimônios naturais e culturais a serem visitados.
5. Visita de campo: os sítios selecionados previamente foram documentados em fotografias, vídeos e croquis: plotados em mapas, medidos e descritos, através do preenchimento das fichas técnicas que comportam as informações necessárias à elaboração das propostas de manejo das áreas a serem visitadas.
6. Coleta de dados socioeconômicos dos municípios selecionados como áreas prioritárias, salientando a infraestrutura básica existente (hotéis, hospitais, serviço de saneamento básico, elétrico e telefônico, agências bancárias, produção artesanal e culinária regional).
7. Pesquisa sobre a demanda do turismo arqueológico: levantamento do público-alvo e estratégias de divulgação. Esta avaliação foi feita com auxílio de estagiários, que recolheram informações mediante entrevistas com as empresas de turismo do Estado, rede hoteleira, sindicato de guias de turismo, associação comercial, prefeituras municipal, órgãos públicos e ainda se utilizando a internet, através de pesquisa em outras agências de turismo do País.
8. Confeção de relatórios preliminares. Após cada etapa de campo foram produzidos relatórios parciais tratando dos trabalhos efetuados.
9. Elaboração das propostas: ao final do projeto foram elaboradas propostas concernentes a:
  - Infraestrutura de proteção aos sítios a serem abertos ao turismo arqueológico: escadas de acesso, guarda-corpo, área de descanso, estacionamentos, pontos de apoio, estradas internas e externas, projetos de sinalização;
  - Estimativa de custos de trabalhos com infraestrutura e de serviços logístico-turísticos essenciais ao desenvolvimento e sucesso do turismo arqueológico no Piauí;

- Formas e mecanismos legais necessários para viabilizar um programa de exploração turística de sítios arqueológicos localizados dentro e fora da área de proteção ambiental;
- Caracterização e sinalização do conjunto de monumentos arqueológicos a serem visitados nos roteiros turísticos definidos, incluindo-se uma estimativa preliminar de recursos indispensáveis à sua implementação;
- Elementos básicos de um plano mercadológico do turismo arqueológico (Atributos de atração dos pontos arqueológicos, público alvo e estratégias de divulgação).

10. Proposição de roteiros turísticos. Com base nos dados obtidos através das pesquisas bibliográficas, nos levantamentos dos patrimônios naturais e históricos arqueológicos, nos trabalhos de campo e na análise da legislação que rege os patrimônios arqueológicos e ambientais, são apresentadas propostas de roteiros de visitação turística, contemplando os sítios de vários municípios, objetivando o desenvolvimento socioeconômico do Estado, assim como a divulgação e preservação do seu rico acervo arqueológico. O ponto de partida de cada roteiro arqueológico prioriza a capital, e todos eles poderão ser interligados com outros roteiros turísticos já existentes (CEPRO, 2001, p. 11-12).

No relatório, a região norte do Estado é apresentada como detentora de várias atrações turísticas naturais que podem ser associadas ao turismo arqueológico. A região também apresenta grande número de construções associadas à criação de gado, a exemplo das fazendas históricas, que merecem ser incorporadas em um roteiro de visitação, dentre as quais são citadas as fazendas “Abelheira e Periquito” (CEPRO, 2001), regiões onde o projeto selecionou cerca de 30 sítios arqueológicos com potencial turístico.

A região que compreende o município de Cocal de Telha, território que é abrangido por essa pesquisa, não é mencionada no relatório possivelmente pela não prospecção no município. O município mais próximo apresentado no relatório é o de Campo Maior, sendo o mesmo possuidor de sítios cadastrados, mas que não apresentam relevância para sua inclusão em roteiros turísticos, prevalecendo a importância do município como possuidor dos primeiros núcleos de povoamento piauiense.

Com relação ao consumidor do turismo arqueológico no estado do Piauí, são esperados consumidores internos e externos, sendo eles: “Estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Superior, professores, pesquisadores, jornalistas, profissionais ligados às áreas de ecoturismo e turismo arqueológico, além de grupos de terceira idade” (CEPRO, 2001, p. 80).

O Piauí, atualmente, possui unidades de conservação voltadas à manutenção e aproveitamento turístico de vestígios arqueológicos, sendo os dois principais o Parque Nacional Serra da Capivara e o Parque Nacional de Sete Cidades, ambos, com infraestruturas necessárias para o desenvolvimento e manutenção do turismo de maneira responsável e consciente. A preocupação principal nessas unidades de conservação é diminuir o máximo

possível as agressões aos vestígios humanos presentes nos locais visitados e pesquisados de maneira que não interfiram drasticamente nas informações existentes.

O Parque Nacional Serra da Capivara situa-se na região Sul do estado do Piauí, compreendendo os municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, Brejo do Piauí e João Costa, e se destaca pela grande presença de sítios arqueológicos com pinturas rupestres, sendo os principais atrativos do Parque as formações rochosas e a beleza cênica da região.

O Parque Nacional Serra da Capivara é hoje um santuário cultural da pré-história que concentra o maior número de sítios com pinturas rupestres do mundo que, na atualidade, somam em torno de mil sítios de pinturas e gravuras, além de 292 sítios catalogados como aldeias, cemitérios, acampamentos temporários e oficinas líticas e cerâmicas (CPRM, 2011, p. 18).

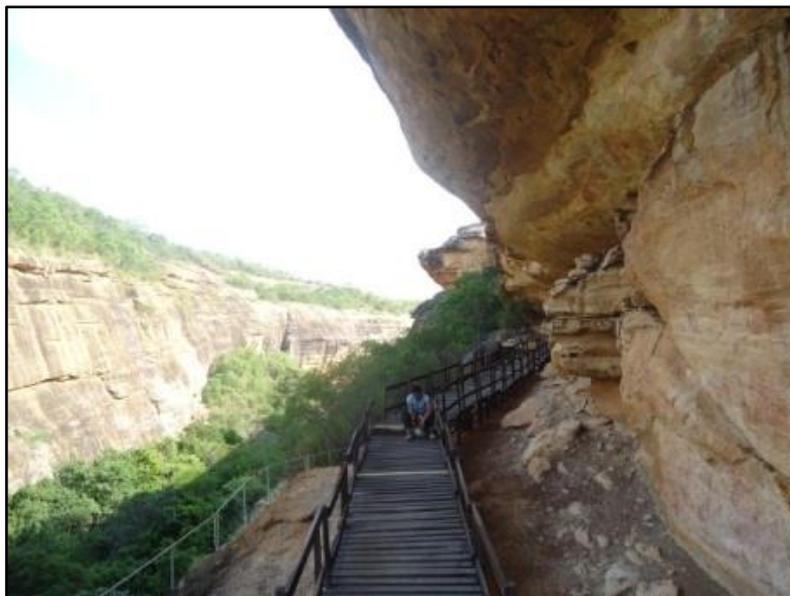
A região começou a ser estudada pela pesquisadora Dra. Niède Guidon e sua equipe, na década de 1970 e, a partir de então, foi se desenvolvendo, de maneira positiva, tanto no campo científico, com pesquisas realizadas nacional e internacionalmente, e também no campo do turismo com a visitação. No ano de 1991, esse Parque foi incluído na lista do Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO.

O Parque Nacional Serra da Capivara conta com sítios abertos à visitação, todos preparados para receber turistas, com infraestruturas necessárias, como, por exemplo, presença de passarelas que ajudam na locomoção dos visitantes e propiciam o distanciamento necessário das pinturas, evitando o toque que danifica as manifestações gráficas na rocha. O Parque conta com:

Uma infra-estrutura que viabiliza a visitação de 142 sítios rupestres pré-históricos, dos quais 16 acessíveis a pessoas com dificuldades de locomoção. Vinte oito guaritas, sendo cinco públicas e vinte e três de serviço garantem a preservação de um corpo de guardas que inibem a entrada de caçadores e possíveis vândalos. As guaritas estão conectadas via rádio com a sede da Fundação, a sede do Instituto Chico Mendes e os veículos de serviço (BUCO, 2012, p. 93-94).

Além da musealização das pinturas dentro do seu contexto de criação, ou seja, a visitação *in locu* dos locais em que os homens pré-históricos realizaram suas manifestações culturais, expressas nas pinturas nas rochas, o Parque apresenta também como atrativo o Museu do Homem Americano, “Um Centro Cultural que guarda o acervo coletado durante quase 40 anos de pesquisa, laboratório de pesquisa e biblioteca” (BUCO, 2012, p. 95). A gestão do parque é realizada pela FUMDHAM (Fundação Museu do Homem Americano) em parceria com ICMBio (Instituto Chico Mendes de Biodiversidade).

Figura 7 – Sítio preparado para a visitação turística



Fonte: Acervo pessoal do autor.

No Parque, é realizado um trabalho de conservação muito sistemático que tem como principal função diminuir a destruição dos sítios, minimizando a ação de agentes degradantes como os ninhos de vespas e as galerias de cupins, um grupo de técnicos dirigidos pela profa. Dra. Maria Conceição Soares Meneses Lage, que é responsável por estes trabalhos.

O Parque Nacional de Sete Cidades, outra unidade de conservação do Piauí, está localizado na região norte do estado, nos municípios de Brasileira, Piracuruca e Piripiri. O Parque Nacional foi criado pelo Decreto Federal nº 50.744, de 8 de junho de 1961, tendo como um de seus objetivos a preservação de pinturas rupestres e outros objetos da herança histórica cultural (Plano de desenvolvimento do Parque Nacional Sete Cidades, 1979).

Os atrativos presentes no parque Nacional Sete Cidades são as pinturas rupestres e as formações rochosas denominadas de Formação Cabeças, apresentando-se com grande exuberância. Os sítios abertos à visitação contam assim com o Parque Nacional Serra da Capivara, equipado com passarelas que ajudam na preservação, bem como na visitação turística.

O parque recebeu a denominação de Sete Cidades por apresentar sete agrupamentos diferentes de rochas separados entre si, denominados de “cidades”, os quais lembram pessoas, animais e objetos, dos quais podemos citar: a cabeça de D. Pedro I, a cabeça do índio, o casco da tartaruga, a biblioteca, a pedra do canhão entre outros.

Além desses dois Parques Nacionais existentes no Piauí, é importante mencionar também alguns outros sítios preparados com infraestrutura para receber o visitante na região

norte do estado. Um bom exemplo é o sítio Pedra do Castelo, localizado no município de Castelo do Piauí, que apresenta pinturas rupestres e formações rochosas que favorecem a visitação. Outro ponto que vai acrescentar atrativamente o sítio é a aproximação com os Cânions do rio Poti, utilizados na prática de turismo de aventura, com o desenvolvimento de trilhas e rapel.

### 3 A ARTE RUPESTRE

A arte rupestre consiste em representações gráficas, realizadas em suporte rochoso, que se encontram presentes em variados locais do mundo, onde são representadas as mais variadas imagens, configurando-se como monumentos de valor incalculável que retratam o cotidiano dos seres que as realizaram.

Segundo Gaspar (2003), as pinturas foram realizadas a partir de variadas técnicas, preocupando-se desde a coleta do material e a confecção das tintas até a fixação do material sobre a rocha que poderia ser realizado com pedaços de madeira funcionando como pincel, a utilização dos próprios dedos e mão e também a utilização do sopro como ferramentas de pigmentação na elaboração das pinturas.

As representações gráficas conhecidas como arte rupestre são as formas mais antigas, ainda sobreviventes da expressão humana, testemunho de sofisticados sistemas de pensamentos e da unidade fundamental do espírito humano que foram feitas com o propósito de ficarem expostas como um sinal visual na paisagem ou como um marco qualquer. Dessa forma, o registro gráfico rupestre é uma forma documental de comunicação muito antiga, comprovando a estada ou apenas a passagem do homem em um determinado local.

Essas expressões pré-históricas são encontradas nos mais diferentes tipos de suportes rochosos (calcário, quartzito, arenito etc.), sobre as paredes dos abrigos, das grutas ou dos penhascos, em blocos isolados ou agrupados em afloramentos ou ao ar livre.

No Brasil, as expressões gráficas rupestres são utilizadas na literatura desde o século XVIII, iniciadas pelo Pe. Francisco Corrêa Talles de Menezes, que, durante suas viagens pelo interior do país, registrou, fotografou e divulgou o acervo pré-histórico da arte rupestre brasileira, como afirma Prous (1992) e Martin (2008).

Martin (2008) afirma que qualquer base de estudo sobre pinturas deve ter como referência os estudos realizados por Niède Guidon no sul do Piauí, na área do Parque Nacional Serra da Capivara, que, com o passar dos tempos, se solidificou como um espaço referencial no estudo dos registros gráficos rupestres.

Para Lage (2007), os sítios de arte rupestre fazem parte do patrimônio cultural da humanidade, pois representam parte do passado do homem. “A arte rupestre é um testemunho consciente e voluntário do homem pré-histórico. Foi feita por significar. Ela já representa uma linguagem, uma escrita, uma mensagem que nós tentamos compreender e traduzir” (LAMING-EMPERAIRE, 1975, p. 63). Dessa forma, a motivação para a produção das

pinturas pode ter sido a necessidade de uma comunicação, fato que torna essencial para se atingir o universo desse homem pretérito.

Etchevarne (2007) afirma que as inscrições rupestres devem ser compreendidas como um conjunto de representações, com regras próprias, que compõem mensagens.

### 3.1 A ARTE RUPESTRE NO NORTE DO PIAUÍ

Em todo o estado do Piauí, é grande o número de sítios com arte rupestre espalhados na maioria dos municípios. Nesta pesquisa, serão trabalhados os sítios da região norte do estado do Piauí, em especial os que se encontram nos municípios de Campo Maior, Boa Hora, Jatobá do Piauí, Capitão de Campos, Nossa Senhora de Nazaré e Cocal de Telha.

As pesquisas, nesta região do estado, iniciaram com a criação do Parque Nacional de Sete Cidades em 1961. Dentre os variados temas abordados pelas pesquisas, a Arqueologia vem com a função de responder alguns questionamentos sobre a área. A pesquisadora Niède Guidon em visita ao parque relata:

Por comparação com alguns sítios da área de São Raimundo Nonato que apresentam o mesmo estilo de arte, podemos levantar a hipótese [de] que as pinturas de Sete Cidades têm uma idade que se situa entre 6000 e 4000 anos. Entretanto, somente escavações locais poderão esclarecer definitivamente qual a cultura responsável por essas manifestações (GUIDON, texto datilografado, elaborado em data anterior a 1984 apud MAGALHÃES, 2011, p. 123).

Segundo Magalhães (2011), Noé Mendes, em 1977, no relatório de atividades realizado para o Projeto Rondon do qual era coordenador do grupo de arqueologia, apresentou uma quantidade de 67 locais com pinturas no Parque Nacional de Sete Cidades. Já em 1981, a pesquisadora Suzana Monzon realizou o levantamento das pinturas de 13 sítios, todas em plástico transparente. Posteriormente, em 1987, foi realizado pelo Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP) o registro de 25 sítios, junto ao IPHAN, na região do Parque. Logo depois, novos inventários foram realizados nos anos de 1995 e 1997, resultando num total de 204 sítios cadastrados em mais de 40 municípios. No ano de 1993, tem início o projeto de Conservação dos sítios com arte rupestre denominado de “Trabalho de intervenção nos Sítios de Arte Rupestre do Parque Nacional de Sete Cidades”, coordenado pela pesquisadora Maria Conceição Soares Meneses Lage, que objetivava minimizar os problemas de conservação nos sítios com arte rupestre.

Durante o Congresso Internacional de Arte Rupestre (IFRAO), ocorrido em 2009, em São Raimundo Nonato, alguns trabalhos foram apresentados versando sobre a arte rupestre da região, ambos sobre o estado de conservação dos registros no município de Castelo do Piauí (SILVA et al., 2009; LAGE et al.; 2009) e no município de Pedro II (LAGE et al., 2009).

Carvalho Júnior (2010) apresenta a pesquisa de dissertação sobre o sítio Toca do Ladino, no município de Beditinos, onde é apresentado o estado de conservação das pinturas através de uma análise arqueológica.

Os trabalhos mais recentes versando sobre arte rupestre na região Norte do estado do Piauí, em sua maioria, tematicamente ressaltam o estado de conservação dos registros gráficos rupestres. Pesquisas como a de Cavalcante et al. (2013), realizadas em sítios do município de Juazeiro do Piauí e arqueometria aplicada à conservação em sítios do município de Pedro II; e de Ibiapina (2014), que analisou o estado de conservação do sítio Pedra do Letreiro, no município de Boa Hora.

### 3.2 A ARTE RUPESTRE NO TERRITÓRIO DOS CARNAUBAIS

Os municípios que compõem o Território dos Carnaubais no estado do Piauí, segundo o Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável – PTDRS, são: Assunção do Piauí, Boa Hora, Boqueirão, Buriti dos Montes, Cabeceiras, Capitão de Campos, Campo Maior, Castelo do Piauí, Cocal de Telha, Jatobá do Piauí, Juazeiro do Piauí, Nossa Senhora de Nazaré, Novo Santo Antonio, São João da Serra, São Miguel do Tapuio e Sigefredo Pacheco.

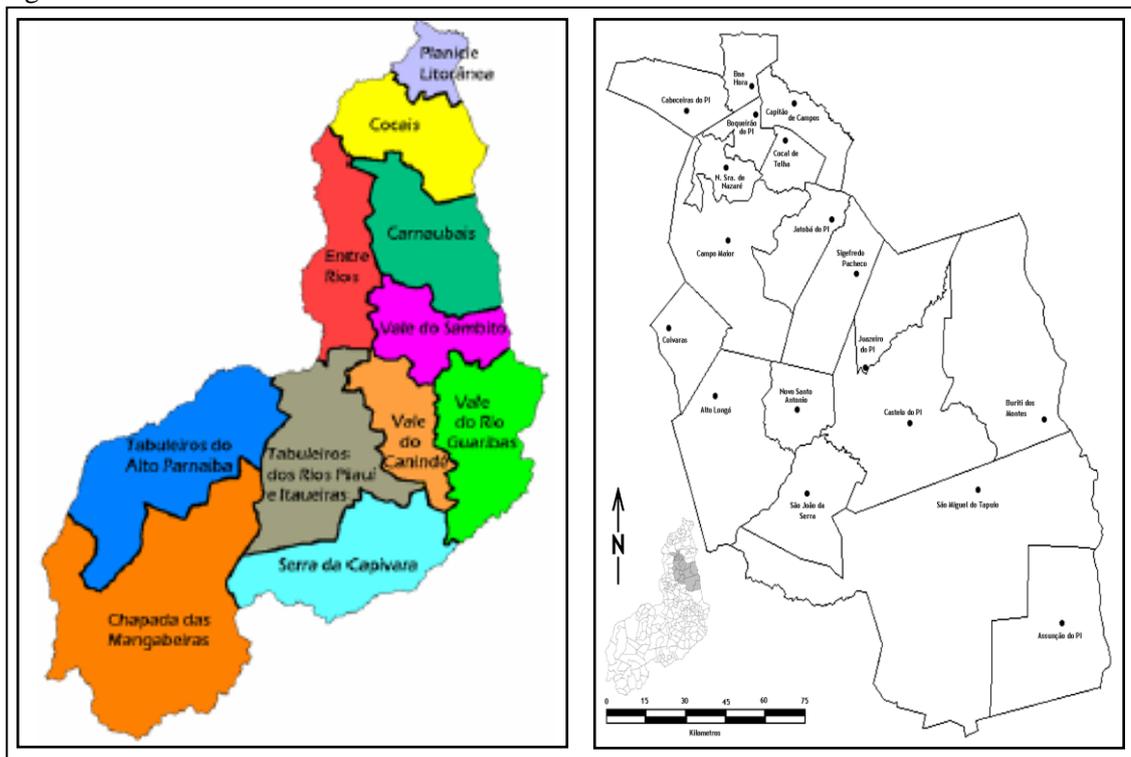
O levantamento aqui apresentado focou nos municípios de Campo Maior, Capitão de Campos, Jatobá do Piauí, Nossa senhora de Nazaré, Boa Hora e Cocal de Telha.

O contexto vegetacional da região pesquisada, tendo por base o Serviço Geológico do Brasil e o Projeto RADAM (1973), é composto por caatinga com transição para o cerrado, com frequente presença de espécies vegetais diferentes e diversificadas, a exemplo de floresta de carnaúbas e caatinga de várzea. A vegetação se constitui de árvores e presença de floresta de cocais de carnaúbas. Ambas se constituem paralelas ao cerrado e caatinga, com rodalhas distribuídas em toda faixa norte do estado.

O relevo se caracteriza por uma superfície aplainada, com presença de áreas deprimidas que ocasionam a formação de lagoas temporárias. Existe predominância de relevo plano com partes suavemente onduladas e altitudes que variam de 150 a 300 metros. Além desses, outras feições geológicas presentes são relevos intercalados com superfícies onduladas, que correspondem às encostas acentuadas de vales e elevações. De acordo com

Radam (1973) e com o IBGE (1997), essas altitudes estão entre 150 e 500 metros, em áreas das serras, morros, colinas e superfícies tabulares.

Figura 8 – Território dos Carnaubais



Fonte: Plano Territorial De Desenvolvimento Rural Sustentável – PTDRS.

Os municípios da microrregião de Campo Maior, inseridos no Território dos Carnaubais, apresentam acervo significativo de sítios Arqueológicos com presença de arte rupestre. Segundo o estado de conservação, variam entre bom, regular e ruim, dados esses que foram constatados a partir da observação dos registros gráficos presentes nos painéis dos sítios.

Nos sítios do Piauí são comuns os casos de depósitos orgânicos, como galerias de térmitas, ninhos de vespas, raízes de plantas rupestres garimpantes. Esses depósitos de alteração apresentam composição variada. Os ninhos de insetos são formados de argila e secreção animal. As galerias de cupim são feitas de argila, resinas vegetais e secreção animal.

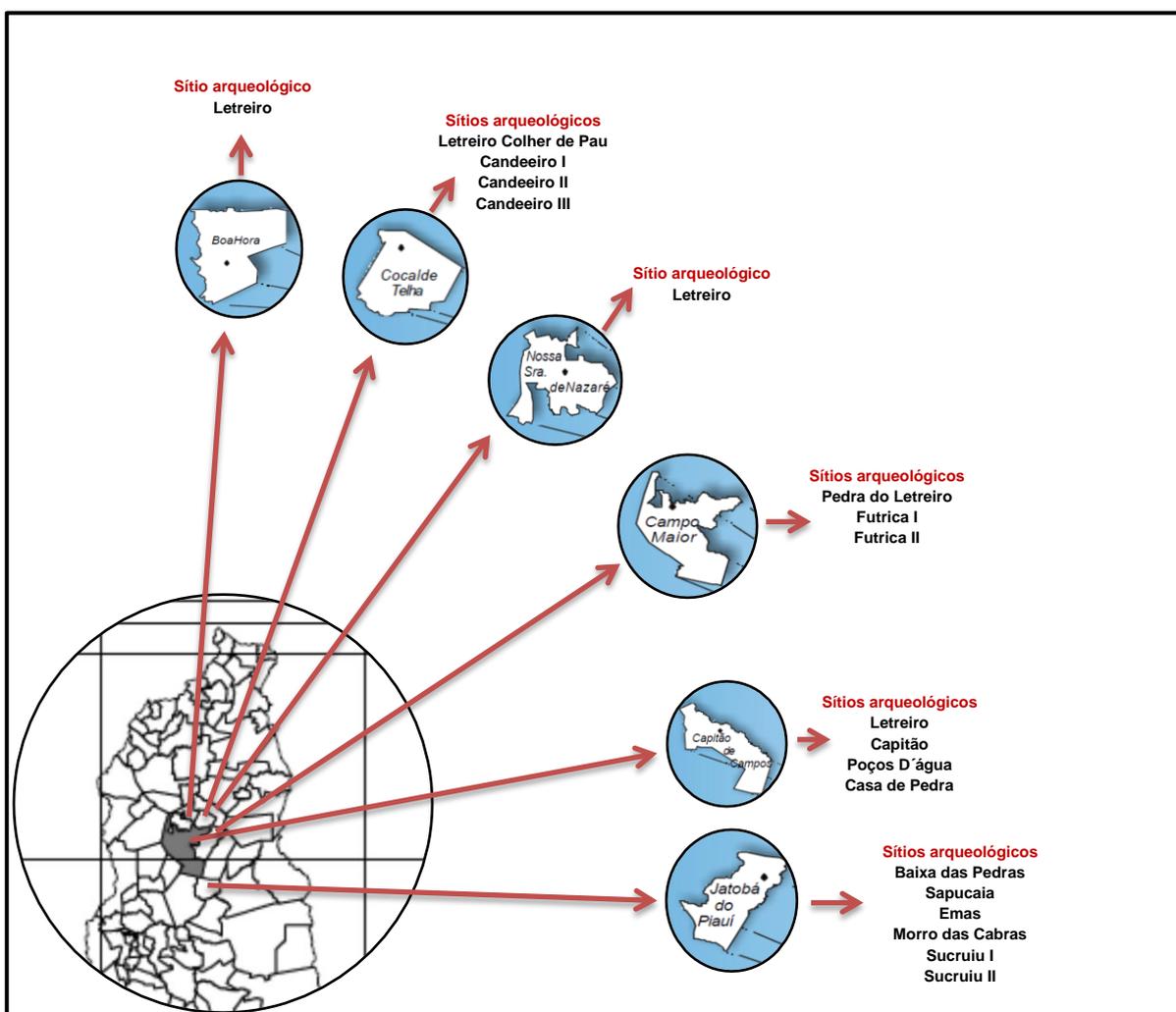
Os depósitos de alteração de origem mineral são, na verdade, as eflorescências salinas, formadas de diferentes sais inorgânicos oriundos do fato de o Piauí ter sido, há bilhões de anos, fundo do mar, tendo por essa razão importante concentração de sais minerais no interior das rochas (LAGE, 2007, p. 99).

Esse diagnóstico foi possível a partir de um levantamento iniciado no ano de 2011, com projeto de extensão “Arqueologia na Terra dos Carnaubais” realizado pela Universidade

Estadual do Piauí – UESPI tendo a Coordenação de Domingos Alves de Carvalho Júnior. As visitas de campo foram realizadas seguindo recomendações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Neste projeto realizado na região Norte do estado do Piauí, foi feito um levantamento exaustivo de fotografia de sítios arqueológicos já descritos em levantamentos anteriores e de outros anteriormente desconhecidos, resultando num acervo de mais de 2.000 fotografias, que foram depositadas na UESPI, campus Heróis do Jenipapo, e na sede do IPHAN-Teresina, juntamente com relatórios.

A partir desse levantamento, foi possível constatar um grande número de sítios com arte rupestre na região que compreende o Território dos Carnaubais, como pode ser observado no mapa contido na Figura 8, a seguir:

Figura 9 – Sítios Arqueológicos no Território dos Carnaubais



Fonte: Acervo pessoal do autor.

De acordo com a existência de sítios arqueológicos na região do Território dos Carnaubais, constatada a partir dos dados dos IPHAN, e informações orais das comunidades em que os sítios estão inseridos, foram visitados, mediante autorização, como pesquisa de campo, 18 sítios com arte rupestre, como pode ser observado no Quadro a seguir:

Quadro 4 – Sítios visitados durante a pesquisa de campo

SÍTIOS	LOCALIZAÇÃO	CADASTRADO* NO IPHAN	RESPONSÁVEL PELO CADASTRO DOCUMENTAL**
Letreiro	Campo Maior	Sim	NAP
Futrica I	Campo Maior	Sim	NAP
Futrica II	Campo Maior	Sim	NAP
Pedra do Letreiro	Boa Hora	Não	Roniel de Araújo Ibiapina Domingos Alves de Carvalho Júnior
Baixa das Pedras	Jatobá do Piauí	Não	Antonio Josinaldo Silva Bitencourt Domingos Alves de Carvalho Júnior
Sapucaia	Jatobá do Piauí	Não	Antonio Josinaldo Silva Bitencourt
Emas***	Jatobá do Piauí	Sim	NAP
Sucruiu I	Jatobá do Piauí	Não	Antonio Josinaldo Silva Bitencourt Domingos Alves de Carvalho Júnior
Sucruiu II	Jatobá do Piauí	Não	Antonio Josinaldo Silva Bitencourt Domingos Alves de Carvalho Júnior
Morro das Cabras***	Jatobá do Piauí	Sim	NAP
Letreiro	Capitão de Campos	Sim	NAP
Capitão	Capitão de Campos	Não	Domingos Alves de Carvalho Júnior
Poços D'Água	Capitão de Campos	Sim	NAP
Casa de Pedra	Capitão de Campos	Sim	NAP
Letreiro	Nossa Senhora de Nazaré	Não	Roniel de Araújo Ibiapina
Colher de Pau	Cocal de Telha	Não	Antonio Josinaldo Silva Bitencourt Domingos Alves de Carvalho Júnior
Candeeiro I	Cocal de Telha	Não	Antonio Josinaldo Silva Bitencourt Domingos Alves de Carvalho Júnior
Candeeiro II	Cocal de Telha	Não	Antonio Josinaldo Silva Bitencourt Domingos Alves de Carvalho Júnior

\* Cadastro aqui é entendido como o registro existente no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA, junto ao IPHAN. Alguns desses sítios já foram visitados e cadastrados na década de 1990 por arqueólogos da UFPI.

\*\* Mesmo alguns sítios não cadastrados junto ao CNSA foram visitados com autorização do IPHAN, com as recomendações necessárias – Ofício nº 644/2013/IPHAN.

\*\*\* De acordo com as informações, pertencem a Campo Maior. Depois do cadastro, as comunidades em que estão localizados os sítios passaram por uma nova adequação territorial, passando a pertencer ao município de Jatobá do Piauí.

Fonte: Pessoal do autor.

Os dados aqui apresentados são frutos das pesquisas de campo, objetivando a contextualização dos sítios da região estudada. Foi mencionado no CNSA que alguns desses sítios não foram visitados por dificuldades de acesso.

### 3.2.1 Campo Maior

No município de Campo Maior, existem os sítios arqueológicos: Pedra do Letreiro Futrica I e Futrica II.

O sítio arqueológico Letreiro está localizado na zona rural do município de Campo Maior, na comunidade Buritizinho, a 35 km da sede municipal. Segundo dados obtidos em campo, foi possível constatar a presença de grande número de pinturas, num paredão de cerca de 7 metros, com 2,5 m de altura no topo mais alto e 1,20 m na parte mais baixa. As pinturas encontram-se muito desgastadas. Algumas delas estão quase imperceptíveis devido à ação de agentes naturais de degradação como a passagem de água sobre o suporte rochoso, a incidência de eflorescência salina<sup>10</sup> e a presença de raízes de plantas garimpantes<sup>11</sup>, a exemplo da gameleira (*Ficusadhatodifolia*).

Figura 10 – Sítio Arqueológico Letreiro



Fonte: Acervo Antonio Josinaldo Silva Bitencourt

A comunidade Futrica, localizada a cerca de 50 km da sede municipal de Campo Maior, possui dois sítios com pinturas rupestres que recebem o nome da comunidade. São eles: Futrica I e Futrica II. Os sítios estão separados por uma antiga casa, onde hoje se encontram somente vestígios das estruturas da moradia.

<sup>10</sup> A eflorescência salina ocorre quando a rocha perde água interna com a evaporação, pois essa água migra e arrasta sais para a superfície, onde se depositam, cobrindo as pinturas e provocando a destruição da parede pintada (CAVALCANTE, 2013).

<sup>11</sup> Plantas trepadeiras, presas às rochas, também se constituem em graves problemas de conservação, pois suas raízes abrem fissuras ou preenchem aquelas já existentes no suporte, levando ao alargamento das mesmas e consequentemente causando deslocamento, além de criarem um microclima favorável à proliferação de micro-organismos, bem como podendo avançar sobre os painéis, recobrando as pinturas pré-históricas. (CAVALCANTE, et al., 2013)

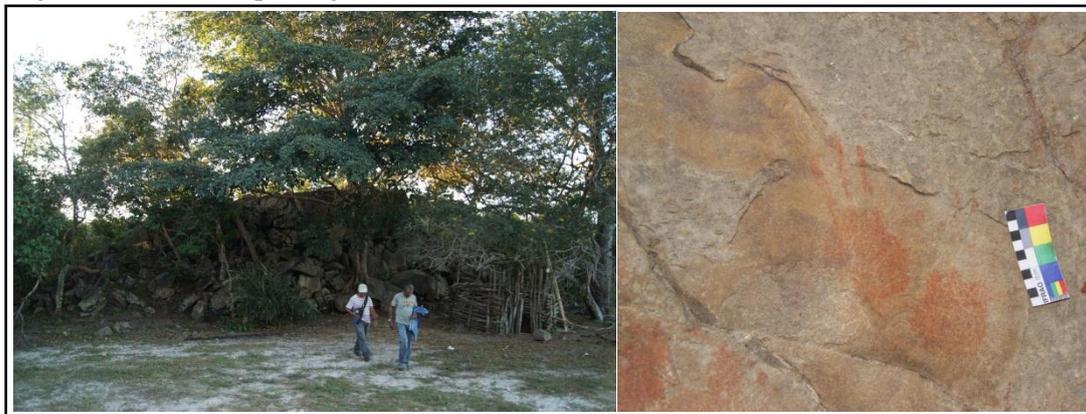
O Futrica I é um sítio em blocos desmoronados em forma de pedras soltas e agrupadas, está localizado próximo à estrada de acesso à comunidade, possui quatro painéis com pinturas – dois deles apresentam apenas marcas de mão em positivo –, o estado de conservação é ruim, pois grande parte das pinturas é difícil de ser visualizada. O desgaste das pinturas é de ação natural ocasionada pela chuva, vento e a presença de galerias de cupins.

Figura 11 – Sítio Arqueológico Futrica I



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 12 – Sítio Arqueológico Futrica II



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O Sítio Futrica II não se difere muito do Sítio Futrica I no que diz respeito ao estado de conservação. Também apresenta os mesmos problemas. Com relação à visibilidade das pinturas, essas apresentam-se mais visíveis, e possui apenas um painel que também apresenta marcas de mãos em positivo.

### 3.2.2 Boa Hora - Piauí

No município de Boa Hora, em sua extensão, foi verificada a existência do Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro, que apresenta as seguintes pinturas:

Figura 13 – Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro



Fonte: Acervo Domingos Alves de Carvalho Júnior.

O Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro possui pinturas quase imperceptíveis devido a seu estado de conservação. Localizado a 20 km da sede da cidade, na comunidade rural Santa Tereza, a localização geográfica é S-04 19'936" W-042 10' 527", com elevação de 98 metros. O sítio é uma pedra de 4,40 m de largura com aproximadamente 3m de altura, situado em campo aberto e não apresenta árvores de grande porte nas proximidades. Possivelmente, pelas características, o território foi usado para a agricultura.

Segundo Ibiapina (2014, p. 34), devido “à posição, os registros rupestres ficam mais propícios à ação da chuva bem como dos raios solares, pois o suporte rochoso fica em campo aberto”. Segundo o estado de conservação das pinturas, o autor enquadra como ruim, pois grande parte delas não é possível visualizar a sua tonalidade e outras estão superficialmente apagadas. As causas da degradação estão associadas a fatores naturais como temperatura, vento, incidência de raios solares, chuvas entre outros.

### 3.2.3 Jatobá do Piauí

No município de Jatobá do Piauí, existem seis sítios arqueológicos abordados por esta pesquisa, sendo eles: Baixa das Pedras, Sapucaia, Sítio Emas, Sucruiu I, Sucruiu II e Morro das Cabras.

O sítio arqueológico Baixa das Pedras apresenta pinturas de valor estético muito significativo, pelo seu bom estado de conservação. Os registros gráficos estão bem visíveis e apresentam poucos agentes de degradação. O sítio, levando em consideração os pesquisados no Território dos Carnaubais, possui muitas pinturas de tamanhos, variando entre 0,2 a 1 metro de tamanho, com grande exuberância e uma variedade de tonalidades apresentadas, como o vermelho em três tons, e o amarelo também varia de tonalidade.

O sítio apresenta as coordenadas S-4 69' 155'' W-41 83' 409'' e elevação de 241 metros. Está situado na comunidade Atoleiro, a cerca de 30 km da sede do município. O suporte rochoso no qual se encontram as pinturas é um afloramento de cerca de 5m por 30m de altura, variando em alguns pontos, chegando a aproximadamente 2 m de altura. A comunidade faz divisa com o município de Capitão de Campos e foi possível observar a proximidade com outros sítios, como é o caso do Sítio Casa de Pedra, aproximadamente a 4 km de distância um do outro.

Figura 14 – Sítio Arqueológico Baixa das Pedras



Fonte: Acervo Projeto Arqueologia na Terra dos Carnaubais.

O Sítio Arqueológico Sapucaia (Figura 14), em termos de tamanho, é um sítio relativamente pequeno, uma pedra aflorada em meio à vegetação rasteira (secundária, foi

usada para agricultura) de aproximadamente 2,5 metros de altura. Os motivos pintados são expostos numa espécie de teto ocasionado pelas feições da pedra. Grande parte deles são tridígitos e uma imagem de um antropomorfo<sup>12</sup>. Em termos de conservação, os registros estão bem visíveis e apresentam poucos agentes de degradação, sendo o principal deles a eflorescência salina.

Figura 15 – Sítio Arqueológico Sapucaia



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O sítio das Emas difere-se muito dos da região estudada, por suas pinturas. É o único sítio visitado durante a pesquisa que vai apresentar, além de pinturas, também gravuras. Pela Figura 15, é possível visualizar detalhes das pinturas. Antes da utilização de tintas em determinadas pinturas, foi realizada primeiro a gravura e, só posteriormente, utilizada tinta nas fendas das gravuras.

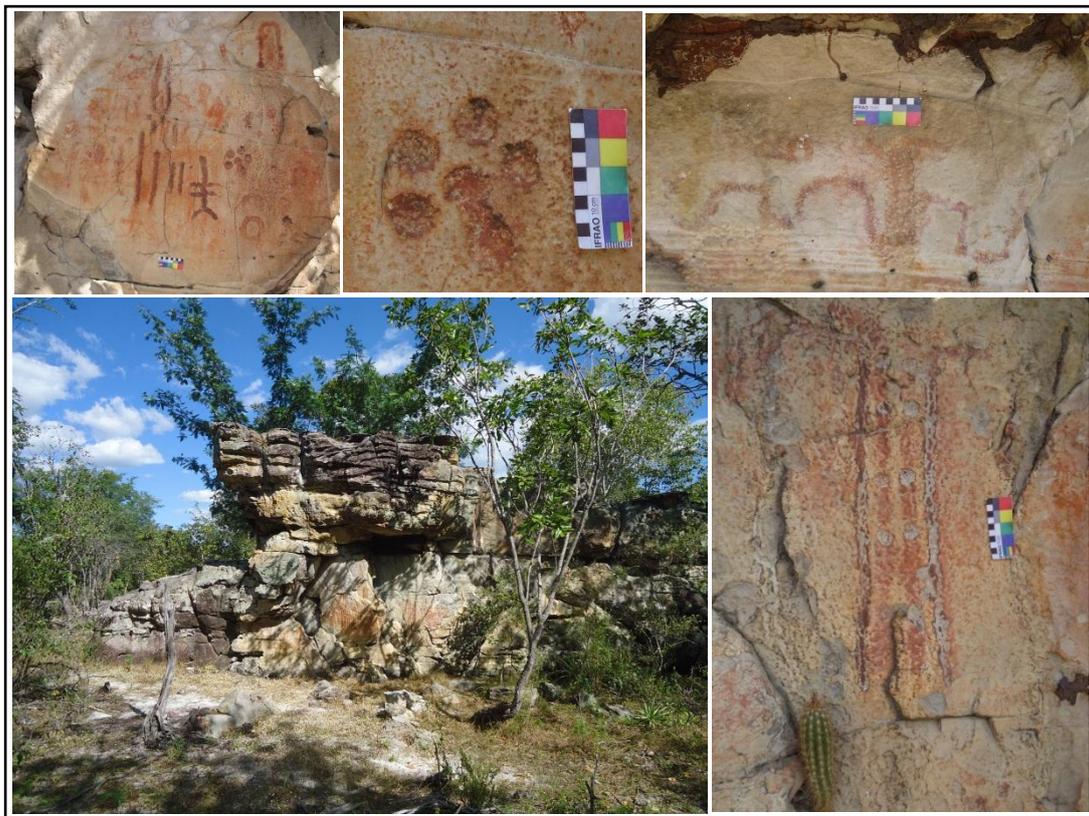
O sítio apresenta suas pinturas na cor vermelha com variadas tonalidades. O que se percebe a olho nu é que onde a pintura está por cima da gravura apresenta uma tonalidade mais forte. É um bloco aflorado de arenito com aproximadamente 3 m de altura no seu ponto mais alto.

O sítio apresenta algumas gravações recentes logo acima das pré-históricas, o que possibilita uma ressignificação daquele espaço para a comunidade. As moradias mais próximas do sítio situam-se a aproximadamente 1,5 Km.

---

<sup>12</sup>Representação da figura que lembrem seres humana. Fitomorfo representação de figura que lembrem plantas; zoomorfo – representação de figuras que lembre animais.

Figura 16 – Sítio Arqueológico Emas



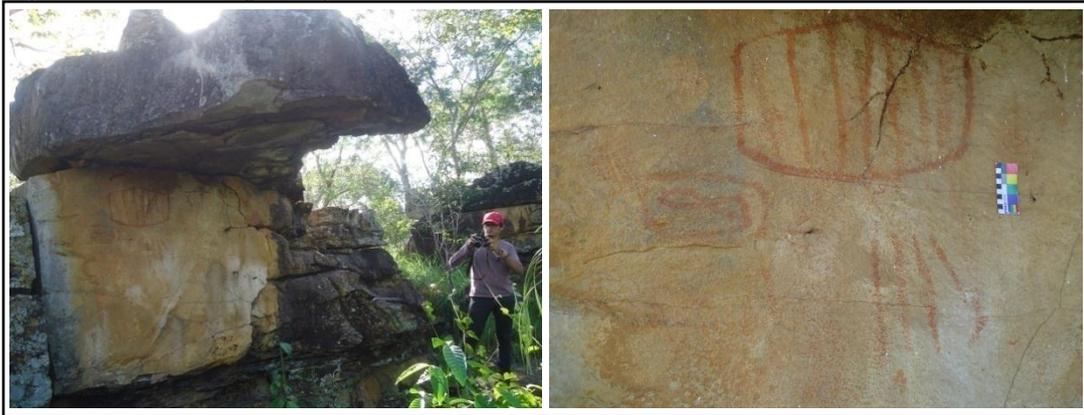
Fonte: Acervo Projeto Arqueologia na Terra dos Carnaubais

Nas proximidades do sítio Arqueológico Emas, aproximadamente 2 km de distância, outro afloramento de arenito apresenta pinturas rupestres. Nas proximidades de um olho d'água de nome Sucruiu, surge um afloramento de pedras soltas com aproximadamente 20 metros de altura do solo atual, onde se encontra o primeiro sítio, o Sítio Sucruiu II, com pinturas de cor vermelha em duas tonalidades, em bom estado de conservação, como pode ser observado na Figura 17.

O Sítio Sucruiu I apresenta pinturas em bom estado de conservação, possuindo uma espécie de cobertura natural propiciada pela própria rocha, o que protege, de maneira significativa, da ação do sol e da chuva. A cor das pinturas também é o vermelha.

As nomenclaturas aqui utilizadas, Sucruiu I e Sucruiu II, fazem referência ao olho d'água presente nas proximidades dos sítios, sendo que o mais próximo do olho d'água ficou nomeado de Sucruiu II e o mais distante de Sucruiu I. Essa estratégia de nomeação foi levada em consideração não à proximidade com o local que dá o nome aos sítios, que, no caso, seria o inverso, mas sim à ordem cronológica de “descoberta” dos sítios. O primeiro, nomeado de Sucruiu I, mesmo estando mais longe, já era conhecido da comunidade; já o segundo (Sucruiu II) foi descoberto depois em uma prospecção realizada do outro lado da formação rochosa.

Figura 17 – Sítio Arqueológico Sucruiu I



Fonte: Acervo Domingos Alves de Carvalho Júnior.

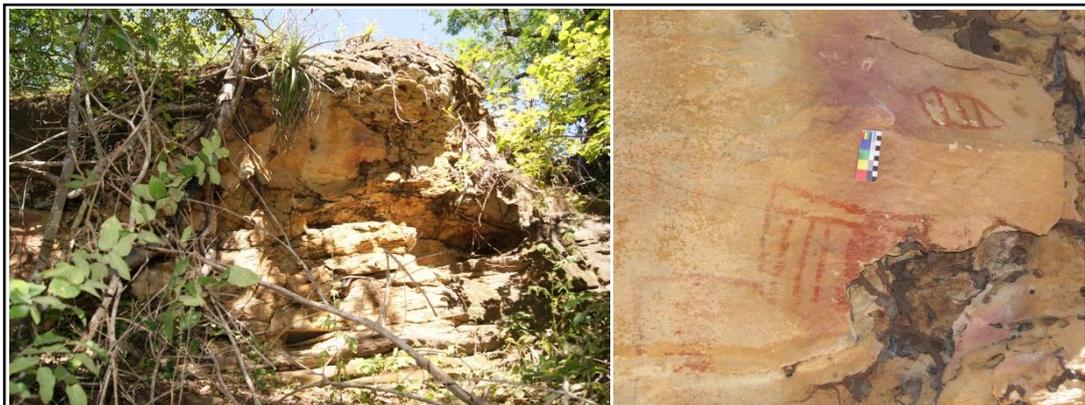
Figura 18 – Sítio Arqueológico Sucruiu II



Fonte: Acervo Domingos Alves de Carvalho Júnior.

O sítio arqueológico Morro das Cabras apresenta-se em um afloramento arenito muito friável, em meio a uma vegetação mais densa. Suas pinturas, pelo estado do suporte rochoso, sofre ações de destruição como o deslocamento e a presença de plantas trepadeiras.

Figura 19 – Sítio Arqueológico Morro das Cabras



Fonte: Acervo Domingos Alves de Carvalho Júnior

O sítio na comunidade é conhecido com o nome aqui citado “Morro das Cabras”. Já no CNSA, apresenta outra nomeação, “Boa Vista”. Isso foi constatado a partir da pesquisa de campo com a coleta dos pontos de localização através de GPS e confronto com os dados existentes no cadastro junto ao IPHAN.

### 3.2.4 Capitão de Campos

Dos municípios onde foi feito levantamento dos sítios com arte rupestre na Região do Território dos Carnaubais, Capitão de Campos é um dos que apresenta sítios com pichações, localizados na zona rural do Município, sendo eles: O sítio Letreiro, o Capitão, o Poço d’água e a Casa de Pedra.

O Sítio Arqueológico Letreiro possui grande número de pinturas, que se apresentam com graves problemas de conservação, principalmente a ação antrópica<sup>13</sup>. É possível perceber a presença de pichações que agridem as pinturas, de forma que dificultam a identificação, pela estrutura do sítio, que a mesma está inserida na Formação Cabeças, Típica da Região do Parque Nacional de Sete Cidades.

Figura 20 - Sítio Arqueológico Letreiro



Fonte: Acervo Projeto Arqueologia na Terra dos Carnaubais.

Já o Sítio Capitão assemelha-se com os demais do Território dos Carnaubais pelo suporte rochoso, que são aflorações de rocha que ocorrem por todo o Norte do Piauí. As pinturas estão com aproximadamente 2,5 m de altura do solo atual, o estado de conservação é bom, apresentando poucos agentes de degradação. Diferentemente do Sítio Letreiro, do

<sup>13</sup>Ação realizada pelo homem que agride de maneira significativa o sítio como, por exemplo, pichações sobre as pinturas.

mesmo município, não apresenta ação antrópica visível. Pela Figura 20, é possível ver o tamanho dos registros gráficos e a altura em que eles estão

Figura 21 – Sítio Arqueológico Capitão



Fonte: Acervo Projeto Arqueologia na Terra dos Caraubais.

O Sítio Poços D'água (Figura 21) é um abrigo sob rocha. As pinturas estão no interior e também na parte de fora, sofrem ação de agentes de degradação, sendo o principal deles a presença de animais que dormem no interior do abrigo, ovinos e caprinos criados pela comunidade do entorno. As pinturas também sofrem a ação de insetos com ninho de vespas e galeria de cupins.

Figura 22 – Sítio Arqueológico Poços D'água



Fonte: Acervo Projeto Arqueologia na Terra dos Caraubais.

Figura 23 – Sítio Arqueológico Casa de Pedra



Fonte: Acervo Projeto Arqueologia na Terra dos Carnaubais.

O sítio Casa de Pedra está localizado na comunidade Santa Maria, no Município de Capitão de Campos. Por estar situado no centro da comunidade, é constantemente visitado por pessoas da região e, por ser de forma desordenada, ocasiona graves problemas de conservação, como pichações e variados outros problemas de ações antrópicas, como o próprio nome que recebe, Sítio Casa de Pedra. Algumas pessoas utilizam-se do espaço para piqueniques, onde foram verificados vestígios de fumaça no interior da gruta. As pinturas são bem significativas, mesmo estando em grave estado de conservação.

### 3.2.5 Nossa Senhora de Nazaré

No município de Nossa Senhora de Nazaré, segundo relatos da comunidade e visita de campo, foi possível constatar a existência de um sítio arqueológico, o Sítio Letreiro. As representações gráficas contidas no sítio são apresentadas de acordo com a Figura 23.

Figura 24 – Sítio Arqueológico Letreiro



Fonte: Roniel de Araújo Ibiapina

As pinturas do Sítio arqueológico Letreiro apresentam-se, segundo o estado de conservação, encaixadas na categoria de ruim, como pode ser observado na Figura 23. Os problemas de conservação de ação natural como a chuva e o vento são os principais agentes de degradação.

#### **4. A ARTE RUPESTRE DE COCAL DE TELHA**

O município de Cocal de Telha também inserido no Território dos Carnaubais possui um rico acervo de pinturas rupestres distribuídas em quatro sítios sendo eles: Candeeiro I, Candeeiro II, Candeeiro II e Colher de Pau, ambos com grande número de pinturas, variando em tamanhos, cores e em estado de conservação.

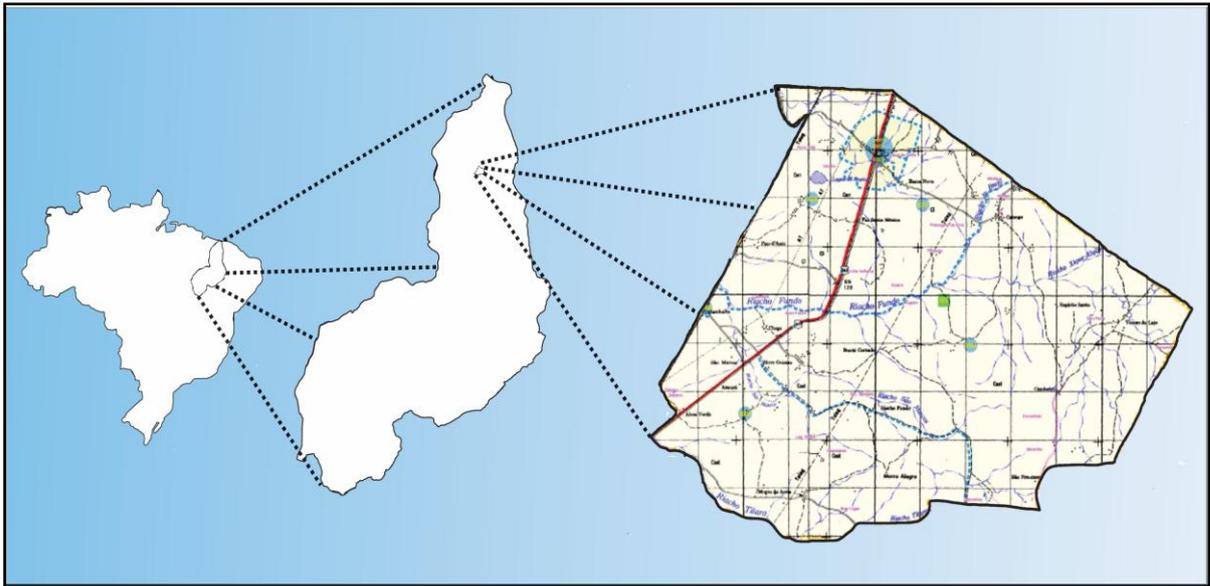
O município antes de sua ascensão a categoria de cidade era denominado de Curral Velho, Segundo relatos orais o nome atual se deu ao aparecimento das primeiras casas cobertas com telhas (cerâmica cozida), pela grande abundancia de palmeiras na região como o babaçu (mata de cocais) vem o nome cocal (região com muitos coqueiros) Telha (coberturas diferente da palha de coco utilizado nas casas), com isso foi denominado por viajantes, o cocal das casas de telha e com o passar dos anos Cocal de Telha.

A região antes pertencente ao município de Campo Maior, uma povoação não tão diferente das demais ali existentes, como o próprio nome nos remete, é atribuído à criação de gado, principal fator de colonização no século XVII do Piauí. Como pode ser observado no trecho do Hino da cidade de autoria de Rosa Maria de Oliveira:

Hoje chora saudades dos filhos teus  
Filhos ilustres que estão ao lado de Deus  
Curral velho muito tempo foi chamado  
Pois foi descanso das grandes boiadas

O município de Cocal de Telha foi criado pela Lei Estadual nº 4.810 de 14/12/1995. Os limites territoriais segundo o Ministério de Minas e Energias realizado em março de 2004, no qual define os seguintes limites: ao Norte (Capitão de Campos e Boqueirão do Piauí), ao Sul (Campo Maior e Nossa Senhora de Nazaré), ao Leste (Capitão de Campos e Jatobá do Piauí) e a Oeste (Nossa Senhora de Nazaré e Boqueirão do Piauí).

Figura 25: Localização do município de Cocal de Telha

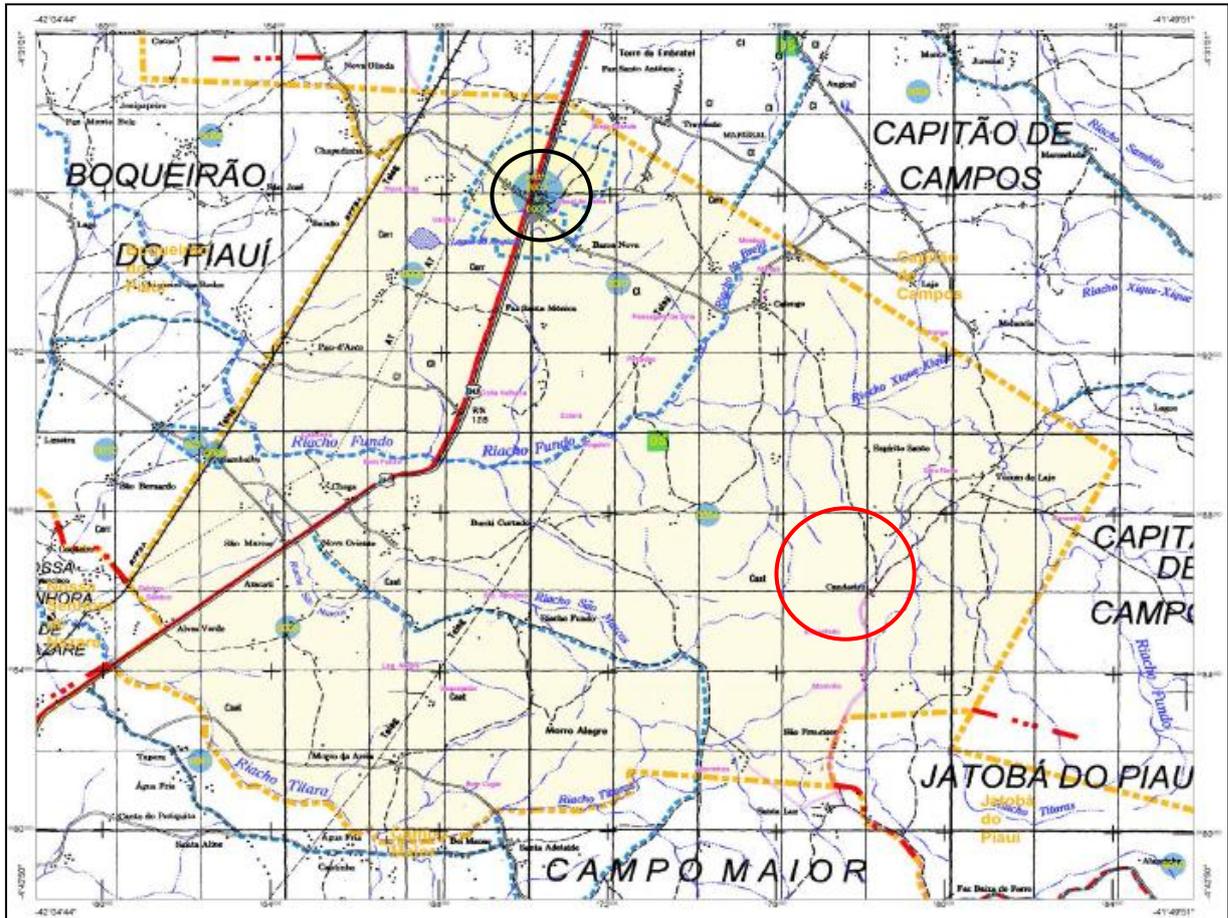


Fonte: IBGE, com modificações do autor

A área do município segundo a Carta CEPRO é de 322.103Km<sup>2</sup>, clima Tropical alternadamente úmido e seco, com duração do período seco de seis meses, com temperaturas entre 25°C a 35°C, a vegetação é de campo, cerrado, os solos são latossolos vermelho-amarelo distróficos combinados com areia quartzosas distróficas e solos indiscriminados concrecionais tropicais. (IBGE). A população segundo o Censo Demográfico de 2010 possui 4.525 habitantes sendo que 2.667 moram na zona urbana e 1.858 na zona rural.

A arte rupestre do município sofre com os mais variados problemas de conservação, sendo o principais deles a grande concentração de cupins e vespas e a passagem de água. A degradação provocado pelo homem aos sítios é muito pequena, pelo próprio acesso e passagem de pessoas aos sítios que estão localizados a 12 km da sede municipal, de difícil acesso pois o mesmo é realizado a partir de estradas de chão.

Figura 26: Mapa de localização dos sítios



Fonte: IBGE com modificações do autor.

Os sítios localizam-se na comunidade denominada de Candeeiro (circulo vermelho no mapa), no mapa acima (Fig III 01) é possível visualizar a localização dos mesmos e sua situação espacial com relação à sede municipal (circulo em preto no mapa).

O levantamento desses bens arqueológico foi realizado a partir de metodologias específicas da Arqueologia, primeiramente com um contato prévio com a comunidade, e posteriormente com a pesquisa de campo, totalizando 5 delas onde procurou-se levantar o maior número possível de informações sobre os registros gráficos rupestre dos sítios, para o levantamento de campo foi utilizados alguns métodos e técnicas seguindo padrões internacionais, que foi a divisão dos sítios em painéis (agrupamento de pinturas próximas umas das outras) após o levantamento destes, foi realizado a contagem das pinturas de cada painel, tanto a nomeação quanto a contagem foi feito da esquerda para a direita e de cima para abaixo e enumeradas em ordem crescente iniciando pelo numero 01.

O método utilizado foi uma das maneiras que melhor se adequou para o levantamento dos registros da região, a técnica de contagem, enumeração e fotografia

possibilitam uma melhor visão sobre os detalhes presentes em cada painel e respectivamente em cada pintura.

Os dados aqui apresentados podem ser questionados, pois o levantamento é em parte subjetivo, porém o mais científico possível. Um exemplo dessa subjetividade é a análise e a própria contagem das pinturas, em determinados casos a pintura é muito nítida com traços nítidos e ininterruptos será fácil de quantificar, já em outros poderá haver dificuldades para realizar essa nomeação, ou seja, para um pesquisador pode ser uma única pintura, para outro pode ser duas.

Em cada sítio foi coletado pontos de GPS, a cor de cada uma das pinturas com a utilização do Código Munsell, levando em consideração as cores atuais dos grafismos e fotografadas variadas vezes com o intuito de molhar colher informações. Após a coleta destes dados foi realizado um tratamento imagético com auxílio do programa eletrônico CorelDraw X 5. Além da foto real de cada uma das pinturas foi realizado também um croqui de cada pintura (eletrônica) também utilizando o CorelDraw X5, tendo como base todos os pigmentos presente na superfície rochosa, onde é possível visualizar melhor os detalhes de cada uma das pinturas.

#### 4. 1 O SITIO CANDEEIRO I

O sítio possui as seguintes coordenadas UTM 24 M 179285mE // 9486602mS e Elevação: 158m e apresenta 3 painéis.

O painel 01 apresenta 6 pinturas distribuídas em uma área de 1,80m de largura por 1,20m de altura, está a 2,30m de altura do solo atual e possui uma proteção natural da chuva e do sol que é um outro afloramento rochoso a cima do painel, possui abertura Norte/leste. Possui 11 pinturas. Os cupins, os ninhos de vespas e a eflorescência salina são os principais problemas de conservação.

Figura 27: vista geral do painel 01 do Sitio Candeeiro I



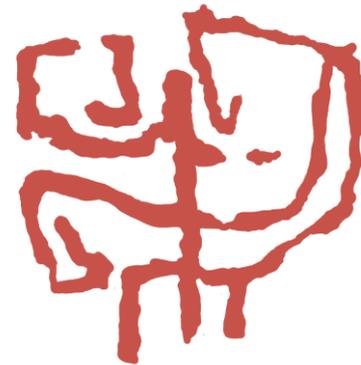
Fonte: pessoal do autor



Figura 28: Painel 01 do Sítio Candeeiro I

PINTURAS DO PAINEL 01 DO SITIO CANDEEIRO I

Fonte: Acervo pessoal do autor



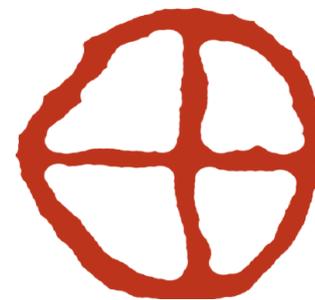
01- Descrição

Pintura com 18 cm de altura e 25cm de largura apresenta alguns pontos que não possui mais a pigmentação, ocasionado principalmente pelo descamamento da rocha. Cor: 10R 5/8



02. Descrição

Pintura com 13 cm de altura e 14 cm de largura, foi realizada após um descamento da rocha, de difícil visualização. Cor: 2.5YR 6/8



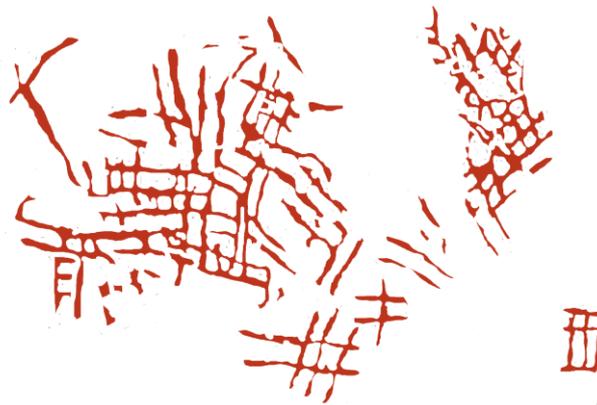
03. Descrição

Pintura com 10 cm de altura e 11cm de largura, um circulo com traços cruzados no interior, foi realizada após deslocamento da superfície da rocha. Cor: 10R 6/8



#### 04. Descrição

Pintura com 10 cm de altura e 9cm de largura, círculo com um traço no interior, está localizado a 7cm da pintura 03, possivelmente foram pintadas juntas, sendo que a pintura 04 não apresenta os dois traços cruzados. Cor: 10R 4/6



#### 05. Descrição

Pintura com 70 cm de altura e 110 cm de largura, composta de variados traços com espessura menor que 1cm. A pintura possivelmente foi realizada anterior a aos dois círculos (pintura 03 e 04), pois em uma parte da pintura ocorreu o deslocamento onde foi realizado as duas pinturas, possui uma mancha branca (eflorescência salina). Tem duas tonalidades de cor atualmente. Cor: 2.5 YR 4/8 - 10R 3/6.



#### 06. Descrição

O conjunto de pinturas ocupa 60 cm de altura e 90 cm de largura, composta por 9 carimbos de mão em positivo. As mão carimbadas apresentam tamanhos diferentes, o que remete-nos a pensar que os autores eram pessoas diferente, sendo e 4 carimbos da mão direita e 5 da mão esquerda, sendo que os da mão direita foram realizados do lado esquerdo com relação aos outros carimbos. Outro ponto a ser observado é o tamanho das mãos esquerdas, todas são menores que às direitas. Cor: 2.5YR 4/6

O painel 02 do sítio Candeeiro II possui 1,86m de altura por 2,54m de largura e está localizado a 7 metros do solo atual, o mesmo apresenta o maior número de pinturas do sítio e a maior pintura de todos os sítios do município, abertura pra norte.

Figura 29: Vista dos Painéis 02 e 03

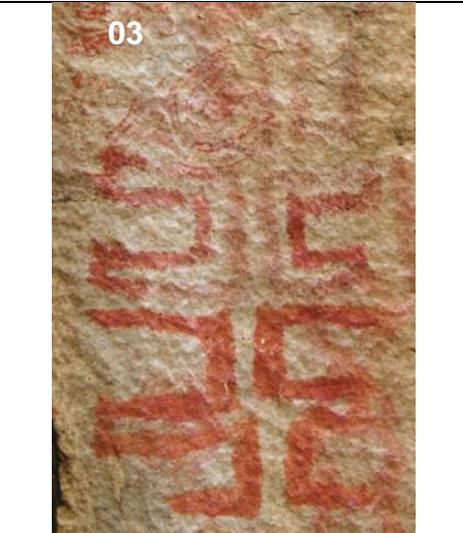
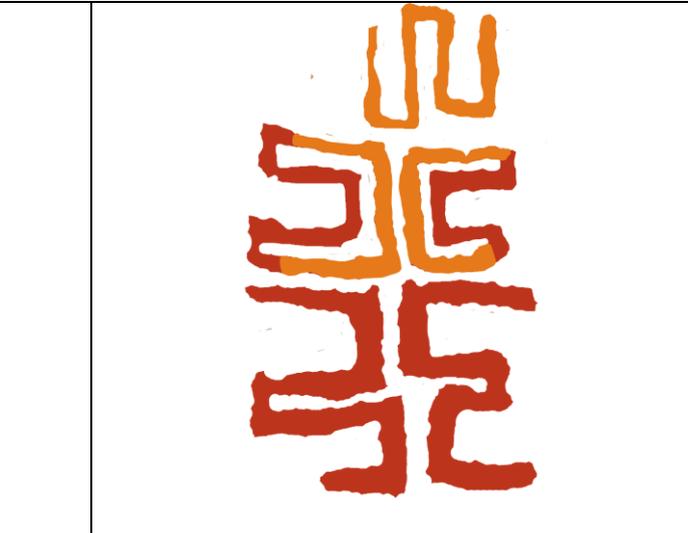


Fonte: Acervo pessoal do autor



Figura 30: Painel 02 do Sítio Candeeiro I

PINTURAS DO PAINEL 02 DO SÍTIO CANDEEIRO I  
 FONTE: PESSOAL DO AUTOR

	<p>01</p> 	
<p>01. Descrição        Pintura com 21 cm de altura e 13cm de largura, em alguns pontos da pintura não possui mais nenhum vestígio da tinta, o traço possui mais de 1cm de largura. Cor: 5YR 4/6</p>		
	<p>02</p> 	
<p>02. Descrição        Pintura com 30 cm de altura e 28cm de largura, pela forma atual em que encontra-se é possível supor que seja carimbos de mão em positivo, diferente da pintura 06 (painel 01) os carimbos foram feitos uns sob os outros. Pelos características circulares que remete as palmas das mãos são sete carimbos. Cor: 10R 4/8</p>		
	<p>03</p> 	

## 03. Descrição

Pintura com 40 cm de altura e 23cm de largura, pintura que vai se aproximar em termos de características de execução com as dos sítios de Jatobá do Piauí, são traços realizados em efeito espelho, ou seja, são feitos inversos um do outro com se fossem reflexos um do outro com o cuidado de serem o mais parecido possível. Apresenta duas tonalidades de cores diferentes. Cor: 10R 4/8 – 2.5 YR 5/6

04



## 04. Descrição

Pintura com 11 cm de altura e 13cm de largura, pelo descamamento da rocha os traços são difíceis e serem visualizados e apresenta das tonalidades diferentes. Cor: 10R 4/8 - 2.5YR 5/6



## 05. Descrição

Pintura com 35 cm de altura e 11cm de largura, foi realizada antes da pintura 03, pois a mesma encontra-se em parte coberta pela mesma. É uma espécie de círculos organizados um sobre os outros num total de 6. Pela tonalidade é possível visualizar claramente a sobreposição da pintura 03 pela tonalidade mais escura. Cor: 2.5YR 5/8

06



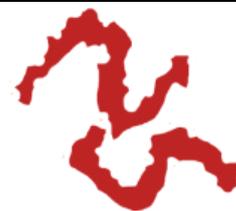
## 06. Descrição

Pintura com 29 cm de altura e 31cm de largura, possui tonalidade escura e continua no decorrer de toda a pintura, o traçado chega a aproximadamente 2cm em alguns pontos. Cor: 10R 4/8



## 07. Descrição

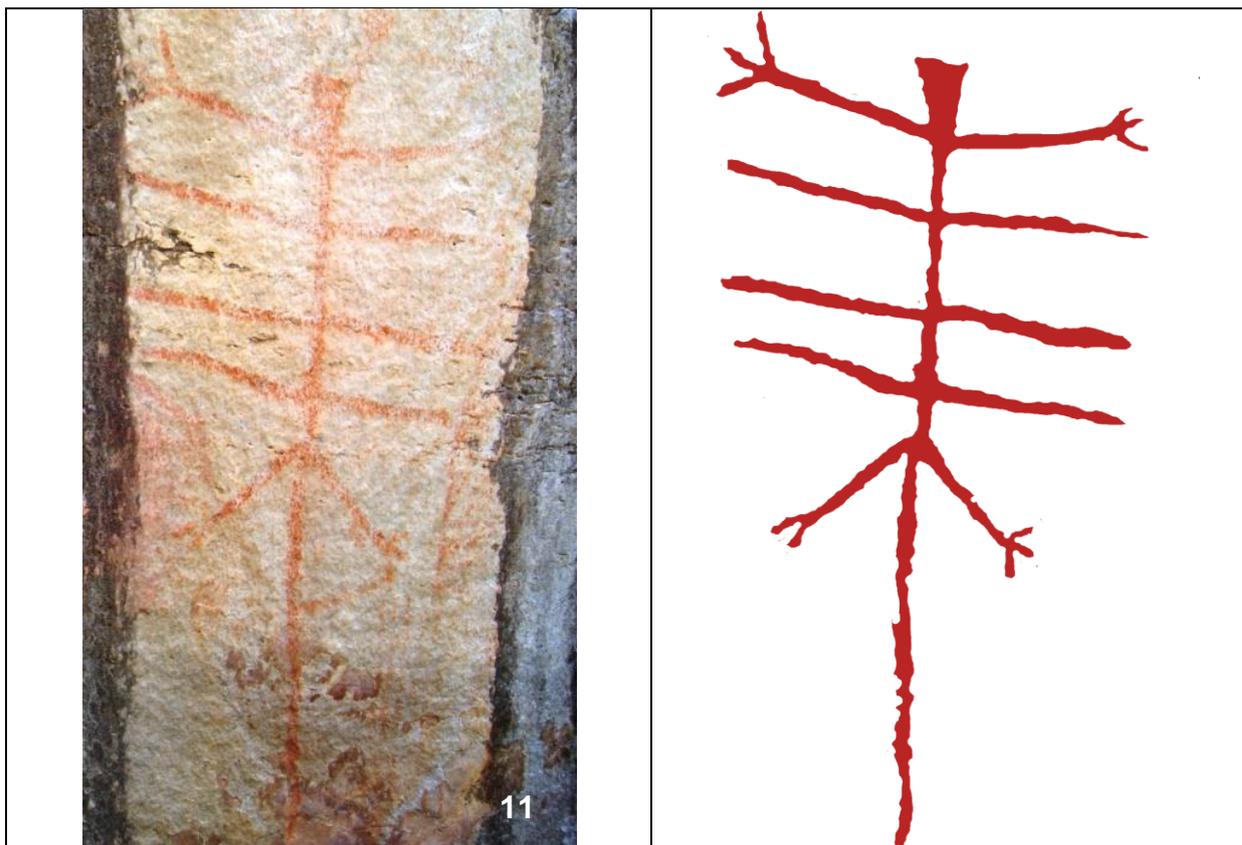
Pintura com 60 cm de altura e 32cm de largura, assim como a pintura 03 em alguns pontos apresenta-se o efeito de reflexo é nítido o cuidado em estabelecer traços parecidos. Apresenta duas cores. Cor: 2.5Y 5/8 – 5YR 6/8



## 08. Descrição

Pintura com 10 cm de altura e 12cm de largura, duas linhas cada uma com 1cm de largura do traço, próxima da pintura 09. Cor: 2.5YR 5/8

 A photograph of a rock painting labeled '09'. The painting is a reddish-brown figure with a rounded body, a head with a circular feature, and a tail-like appendage. The lines are thick and somewhat irregular.	 A red line drawing of the rock painting 09, showing the same figure as the photograph but with clean, uniform lines.
<p>09. Descrição Pintura com 26 cm de altura e 30cm de largura, traços nítidos de cor forte. Cor: 2.5YR 5/8</p>	
 A photograph of a rock painting labeled '10'. The painting is a reddish-brown figure with a rounded body, a head with a circular feature, and a tail-like appendage. The lines are thick and somewhat irregular.	 A red line drawing of the rock painting 10, showing the same figure as the photograph but with clean, uniform lines.
<p>10. Descrição Pintura com 36 cm de altura e 38cm de largura, é a mais alta pintura do sítio e pela passagem de água sob a pintura em alguns pontos existe a descontinuidade dos traços. Cor: 10 R 6/8</p>	



#### 11. Descrição

Pintura com 110cm de altura e 52cm de largura, dentre as pintura a que mais assemelha-se com algo atual, além dos carimbos de mão. É uma possível representação de um lagarto, onde é possível visualizar nitidamente, a cabeça, as patas, o corpo e calda. É a maior pintura dos sítios pesquisados, está localizada entre duas passagens de água (as duas manchas escuras).  
Cor: 2.5YR 4/8

O painel 03 do sitio Candeeiro I possui 1,20m de altura por 3,40m largura, está localizado a 1,30m do solo atual, distante 12 m do painel 02. Possui 9 pinturas com algumas sobreposições e uma passagem de água, abertura pra norte.

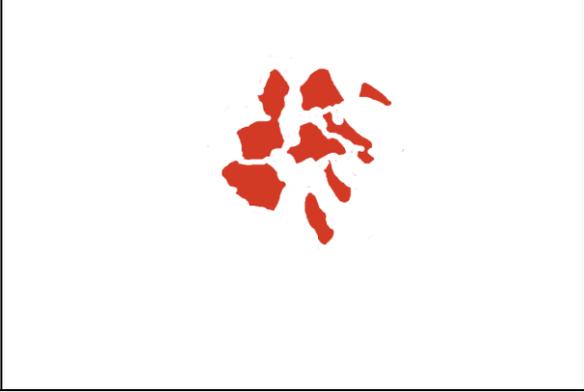
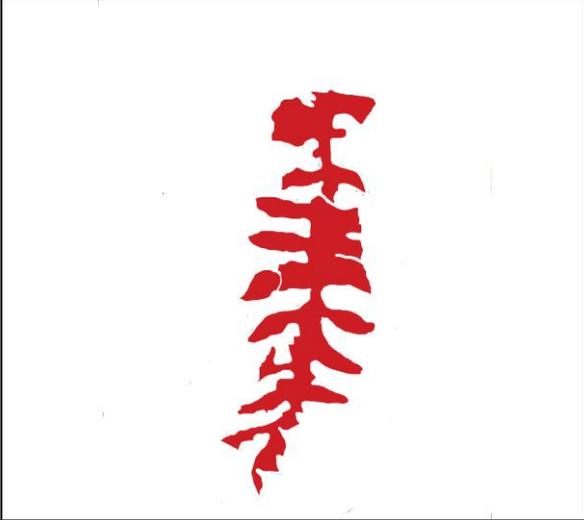
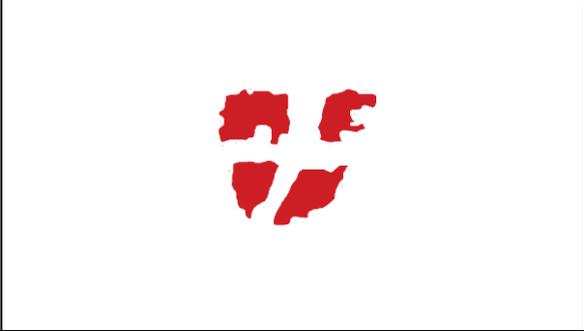


Figura 31: Painel 03 do Sítio Candeeiro I

Fonte: Acervo pessoal do autor

PINTURAS DO PAINEL 03 DO SÍTIO CANDEEIRO I

Fonte: Acervo pessoal do autor

			
<p>01. Descrição  Pintura com 10cm de altura e 11cm de largura, de difícil visualização, realizada onde ocorreu um deslocamento na rocha. Cor: 2.5YR 5/8</p>			
			
<p>02. Descrição  Pintura com 29cm de altura e 8cm de largura, mesmo estando em alguns pontos desgastadas e de difícil visualização, pode ser comparada a uma folha de planta, isso é possível pela semelhança dos traços laterais que remete a folhas ligada a uma haste, lembrando um galho com folhas. Cor: 10R 5/8</p>			
			
<p>03. Descrição  Pintura com 10cm de altura e 9cm de largura onde a preocupação do executor foi deixar um espaço cruzado entre a pintura, onde é possível visualizar uma espécie de círculo preenchido ficando apenas o encruzilhado central sem pintura. Cor: 2.5YR 5/6</p>			



## 04. Descrição

Pintura com 32 cm de altura e 28cm de largura, mesmo sendo variados traços não ligados é atribuído apenas a uma pintura, isso deu-se pela aproximação e localização dos mesmo, possibilitando uma espécie de sincronia entre ambos iniciando do maior para o menor, (de cima para baixo). Cor: 2.5YR 5/8– 7.5 R 6/8



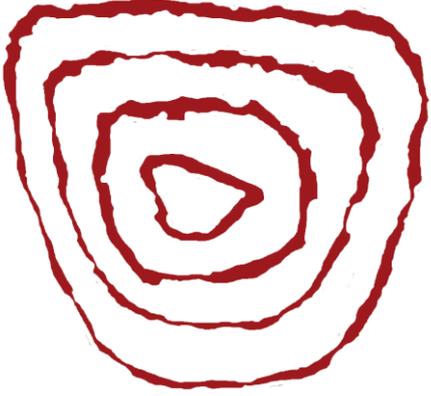
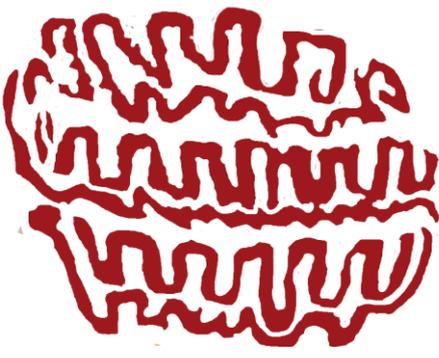
## 05. Descrição

Pintura com 13 cm de altura e 14cm de largura, Círculo com traçado grosso com mais de 1cm de largura, o círculo externo é completo, já o interno não foi completado, possui um ponto central . Cor: 10R 4/8



## 06. Descrição

Pintura com 20 cm de altura e 23cm de uma das pinturas mais escuras dos sítios, uma passagem de deixa uma parte dela mais escura possivelmente pelos fungos ocasionado pela umidade. Uma galeria de cupins passa sob a mesma. Cor: : 10R 4/8

	
<p style="text-align: center;">07. Descrição</p> <p>Pintura com 31 cm de altura e 30cm de largura, também um conjunto de círculos num total de 4 deles, diferente da pintura 5, os traços são mais finos e os círculos são menos arredondados. Cor: 10R 4/8</p>	
	
<p style="text-align: center;">08. Descrição</p> <p>Pintura com 32cm de altura e 30cm de largura, também com formato arredondado, os traços são organizados de maneira a formar um círculo, menos da metade não é possível mais ser visualizado, a passagem de água em uma fenda que existe acima da pintura, retirou grande parte da pintura. Apresenta duas cores, não é possível estabelecer se abaixo existia outra pintura ou se é uma mancha da própria rocha. Cor: 10R 4/8 – 5YR 7/8</p>	
	

<b>09. Descrição</b>	
Pintura com 35cm de altura e 36cm de largura, pintura sobreposta a uma em tom mais claro, também em formato arredondado, onde é possível visualizar 3 traços diferentes que não se encontram e são organizados duplamente em sentido de zig-zag. Cor: 10R 4/8	
<b>10</b>	
<b>10. Descrição</b>	
Pintura com 10 cm de altura e 12cm de largura(parte visível), mais clara que a pintura 09 e pela sobreposição não é possível estabelecer qual é o tamanho total da mesma,de difícil visualização. Cor: 7.5 R 6 /8	

#### 4.2 SÍTIO CANDEEIRO II

O sítio possui as seguintes coordenadas UTM 24M 179042mE // 9486582mS e Elevação : 139m apresenta 2 painéis.

O painel 01 apresenta 6 pinturas distribuídas numa área de 90cm de largura por 1,10m de altura, está a 3,30m de altura do solo atual, as pinturas encontram-se em uma parte da rocha que se despendeu funcionando como uma proteção natural contra a passagem de água e possui abertura pra norte.

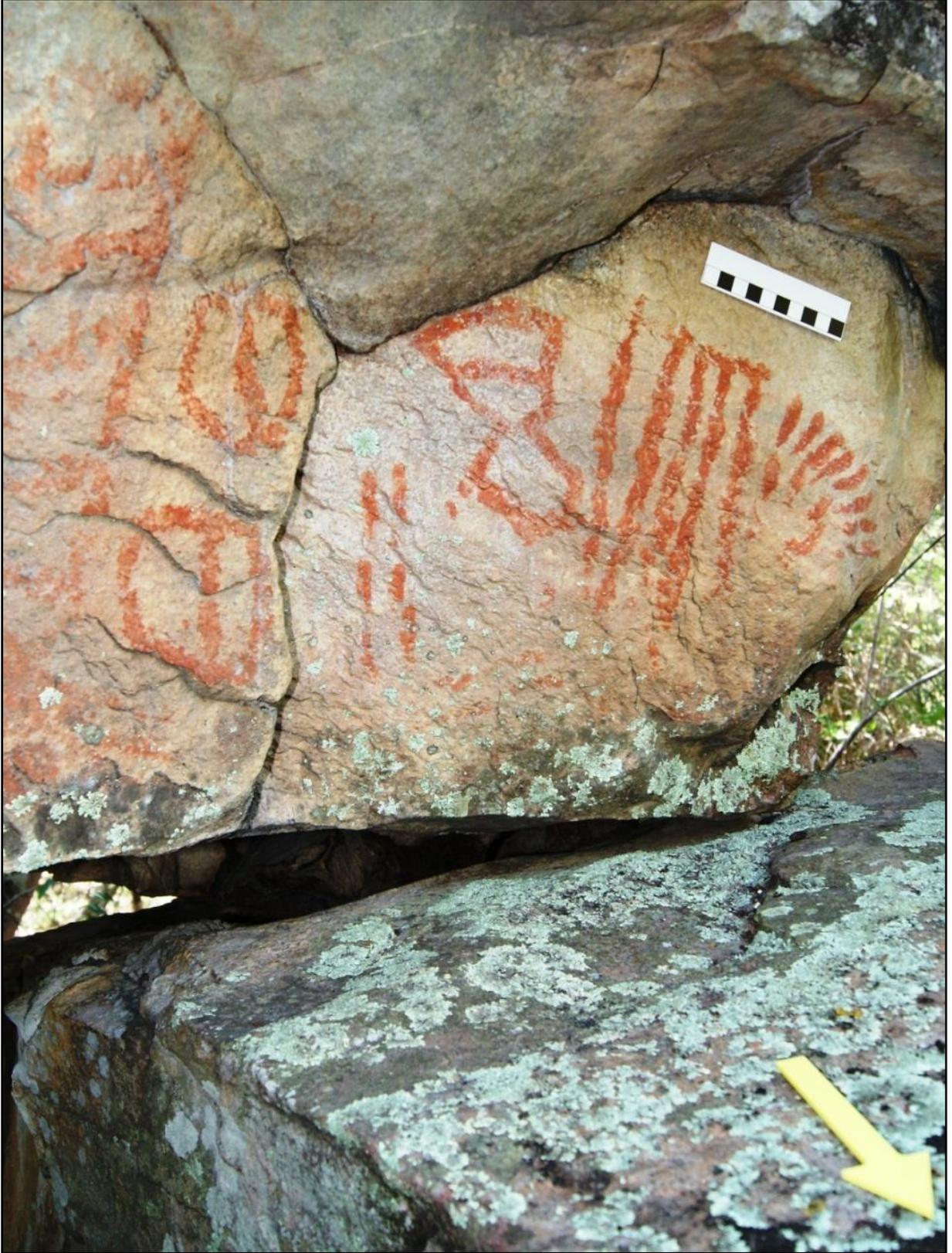
O painel 02 possui 02 pinturas, distribuídas numa área de 40cm de largura por 50cm de altura abertura por pra leste, está localizado a 3,30m de altura do solo atual.

Figura 32: Visão geral do Sítio Candeeiro II



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 33: Painel 01 do Sítio Candeeiro II



Fonte: Acervo pessoal do autor

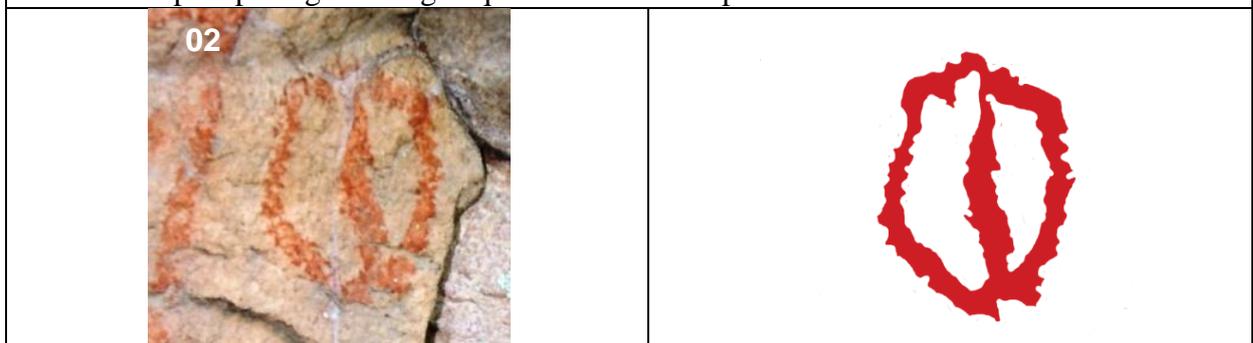
PINTURAS DO PAINEL 01 DO SÍTIO CANDEEIRO II

Fonte: Acervo pessoal do autor



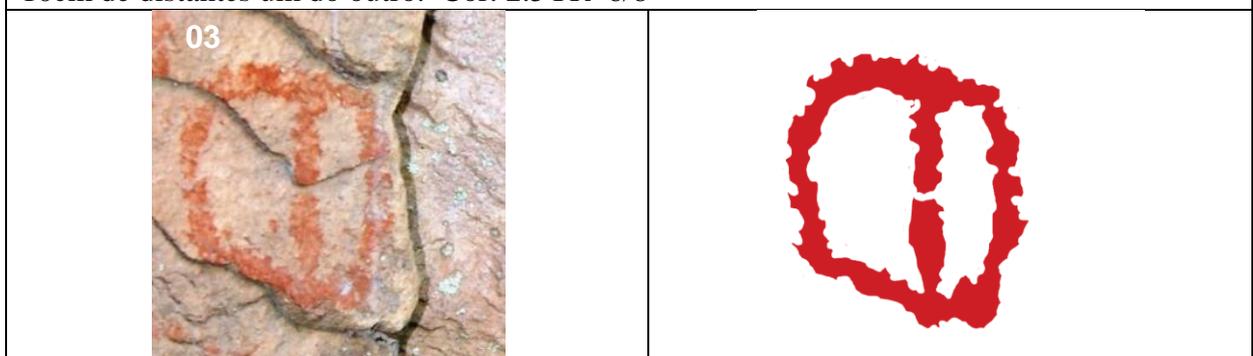
01. Descrição

Pintura com 42cm de altura e 9cm de largura, parte da pintura não é possível de ser visualizada pela passagem de água que ocorre sobre o painel. Cor: 2.5YR 5/8



02. Descrição

Pintura com 10cm de altura e 9cm de largura, faz parte de um conjunto de dois círculos com 10cm de distantes um do outro. Cor: 2.5YR 6/8



03. Descrição

Pintura com 11cm de altura e 10cm de largura, círculo de tamanho parecido com a pintura 02 apresentando as mesmas características, tanto na largura dos traços quando o sentido da linha presente na parte interna. Cor: 2.5YR 6/8

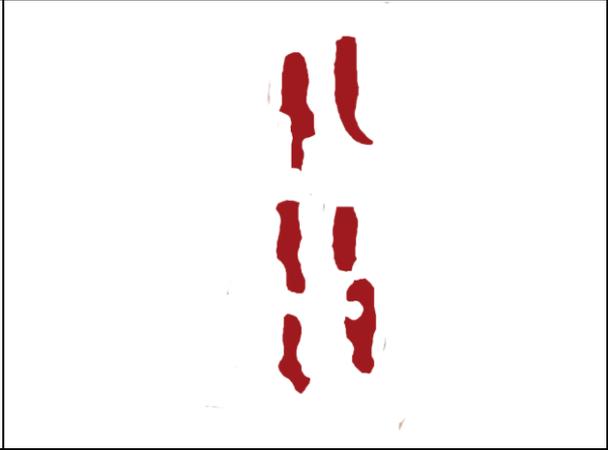
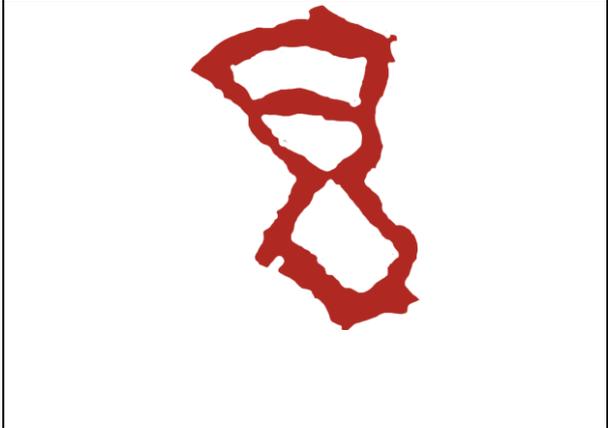
		
<p style="text-align: center;">04. Descrição</p> <p>Pintura com 10cm de altura e 4cm de largura, conjunto de 6 traços duplos com cerca de 2,5 cm de tamanho e 0,5cm de largura, posicionados em duas colunas verticais. Cor: 2.5YR 5/8</p>		
		
<p style="text-align: center;">05. Descrição</p> <p>Pintura com 16cm de altura e 11cm de largura, em alguns pontos os traços chegam a quase 2cm de largura. Cor: 2.5YR 5/8</p>		
		
<p style="text-align: center;">06. Descrição</p> <p>Pintura com 23cm de altura e 28cm de largura, conjunto de 13 linhas organizadas verticalmente, cinco delas de aproximadamente o mesmo tamanho localizadas à esquerda e logo depois a demais posicionadas a direita apresentando diminuição gradativa. Cor: 2.5YR 5/8</p>		

Figura 34: Painel 02 do Sítio Candeeiro II



Fonte: Acervo pessoal do autor

PINTURAS DO PAINEL 02 DO SÍTIO CANDEEIRO II	
Fonte: Acervo pessoal do autor	
<p>01. Descrição</p> <p>Pintura com 20cm de altura e 8cm de largura, no formato de escada, composta por duas linhas verticais de 20cm e 6 linhas horizontais de 6cm. Cor: 10R 4/8</p>	
<p>02. Descrição</p> <p>Pintura com 14cm de altura e 19cm de largura, conjunto formado por 8 pontos e um linha vertical localizado à direita. Possui eflorescência salina que impedem a visualização. Cor: 10R 5/8</p>	

### 4.3 SÍTIO CANDEEIRO III

O sítio possui as seguintes coordenadas: UTM 24M 178718mE // 9486583mS e Elevação: 146 m possui abertura pra leste, possui 3 painéis distribuídos num paredão de 5m de altura nos pontos mais altos.

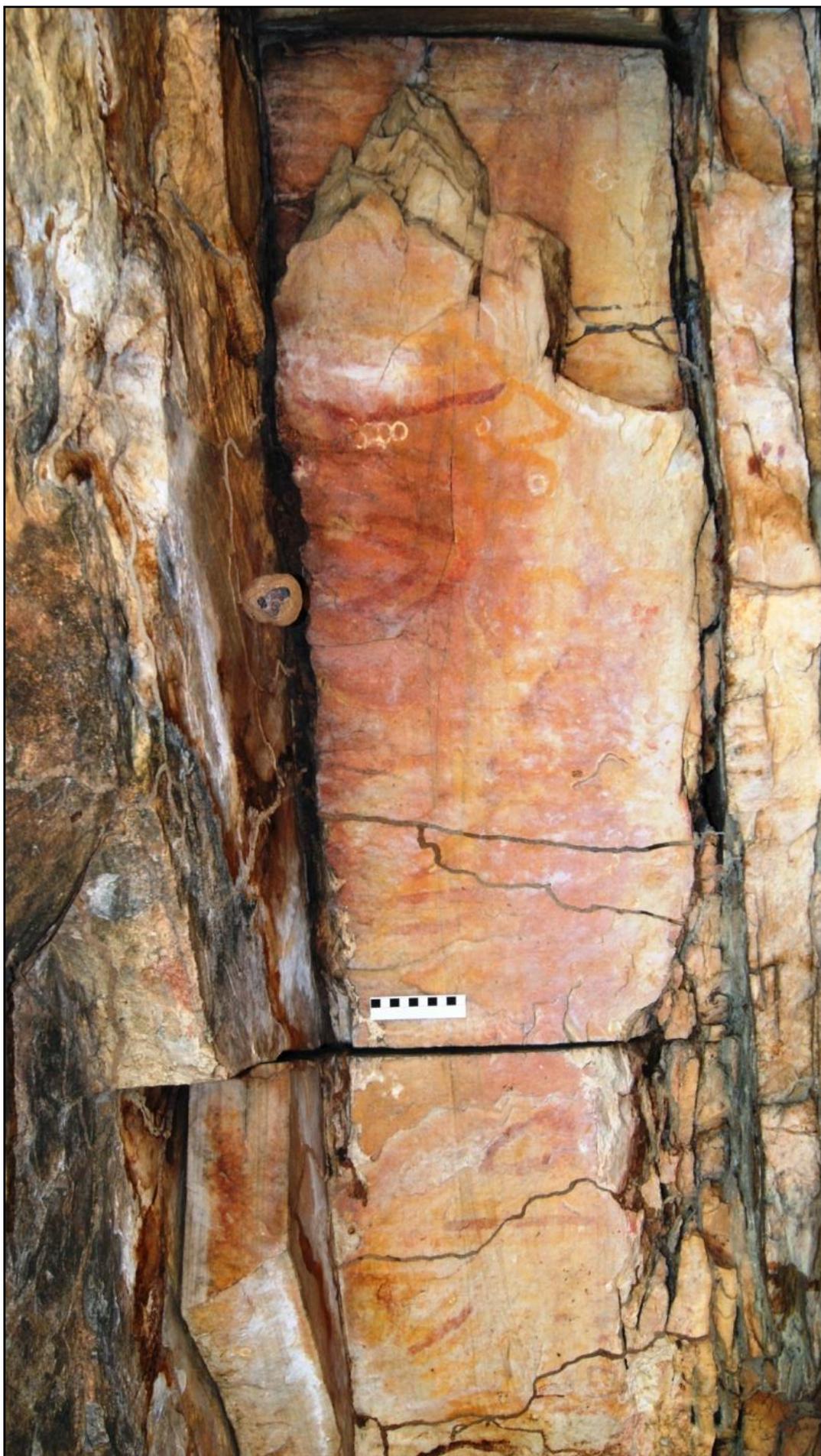
O painel 01 apresenta 6 pinturas e algumas não identificadas, os problemas de conservação como a eflorescência salina e o ninho de vespas e casa de maribondos são os principais agentes de degradação.

Figura 35: Vista geral do painel 01 do Sítio Candeeiro III



Fonte: Acervo pessoal do autor

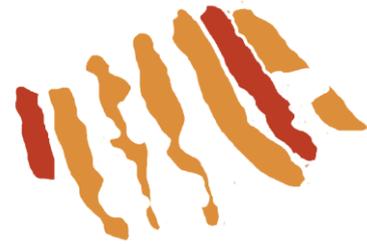
Figura 36: Painel 01 do Sítio Candeeiro III



Fonte: Acervo pessoal do autor

PINTURAS DO PAINEL 01 DO SÍTIO CANDEEIRO III

Fonte: Acervo pessoal do autor



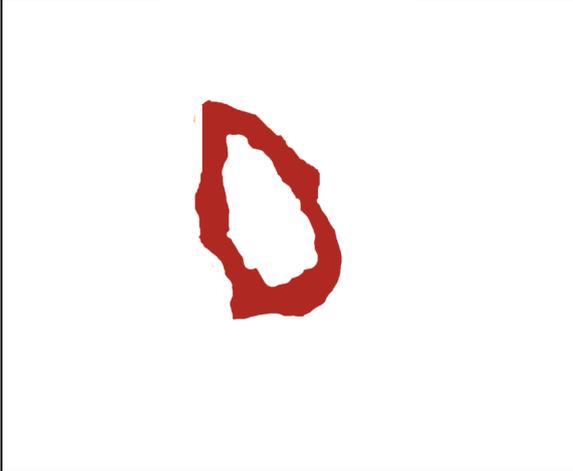
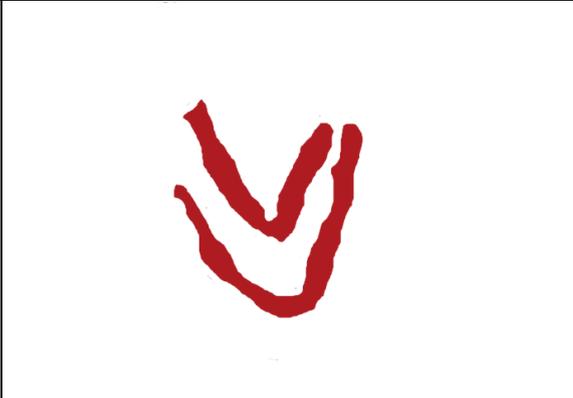
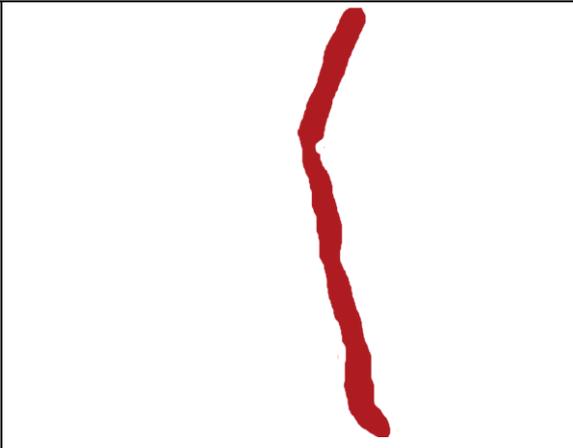
01. Descrição

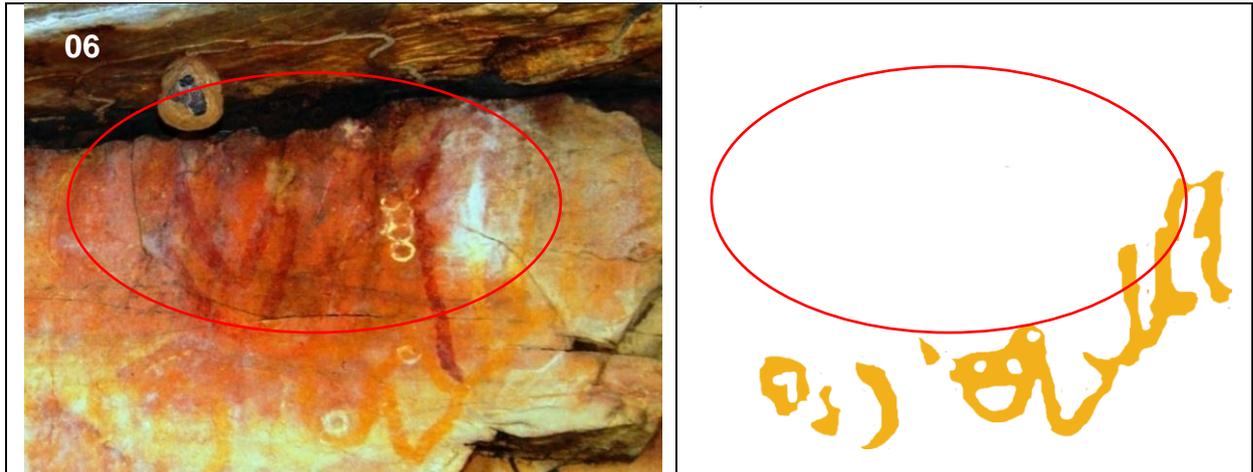
Pintura com 10cm de altura e 20cm de largura, conjunto de 7 linhas dispostas em sentido vertical com espessura de aproximadamente 2cm de largura, duas das linhas são de cor diferente, ou seja, cinco amarelas e duas vermelhas, as mesmas podem ter sido acrescentadas depois, ou sobrepostas, mas também de terem sido confeccionadas juntas. Cor: 10YR 7/8 – 2.5YR 4/8



02. Descrição

Pintura com 29cm de altura e 10cm de largura, também apresenta duas cores em sua composição como a pintura 01, o amarelo e o vermelho. Cor: 10YR 7/8 – 2.5YR 4/8

			
<p style="text-align: center;">03. Descrição</p> <p>Pintura com 16cm de altura e 10cm de largura, em formato meio que arredondado, de difícil visualização está a cerca de 8cm da pintura 02. Cor: 2. 5YR 4/8</p>			
			
<p style="text-align: center;">04. Descrição</p> <p>Pintura com 16cm de altura e 17cm de largura, duas linhas curvadas em formato de “V” organizadas verticalmente com a abertura para cima, sobreposta a pinturas de cor amarela. Cor: 2. 5YR 4/8</p>			
			
<p style="text-align: center;">05. Descrição</p> <p>Pintura com 30cm de altura e 1cm de largura, linha vertical sobreposta a pinturas de cor amarela. Cor: 2. 5YR 4/8</p>			



#### 06. Descrição

Pintura com 50cm de largura, conjunto com variados traços na cor amarela onde é possível ser visualizada apenas a parte de baixo, logo acima (circulo vermelha) não é possível identificar os traços, visualiza-se apenas uma mancha amarelada. Cor: 10YR 7/8

O painel 02 é composto por 5 pinturas, grande parte delas de difícil visualização devido a eflorescência salina, as galerias de cupins, ninhos de vespas e as casa de maribondos, as pinturas apresentam duas tonalidades bem nítidas, o amarelo e o vermelho. O painel possui abertura pra leste e está a 1,90m do solo atual.

Figura 37: Visão geral do painel 02 do Sítio Candeeiro III



Fonte: Acervo pessoal do autor

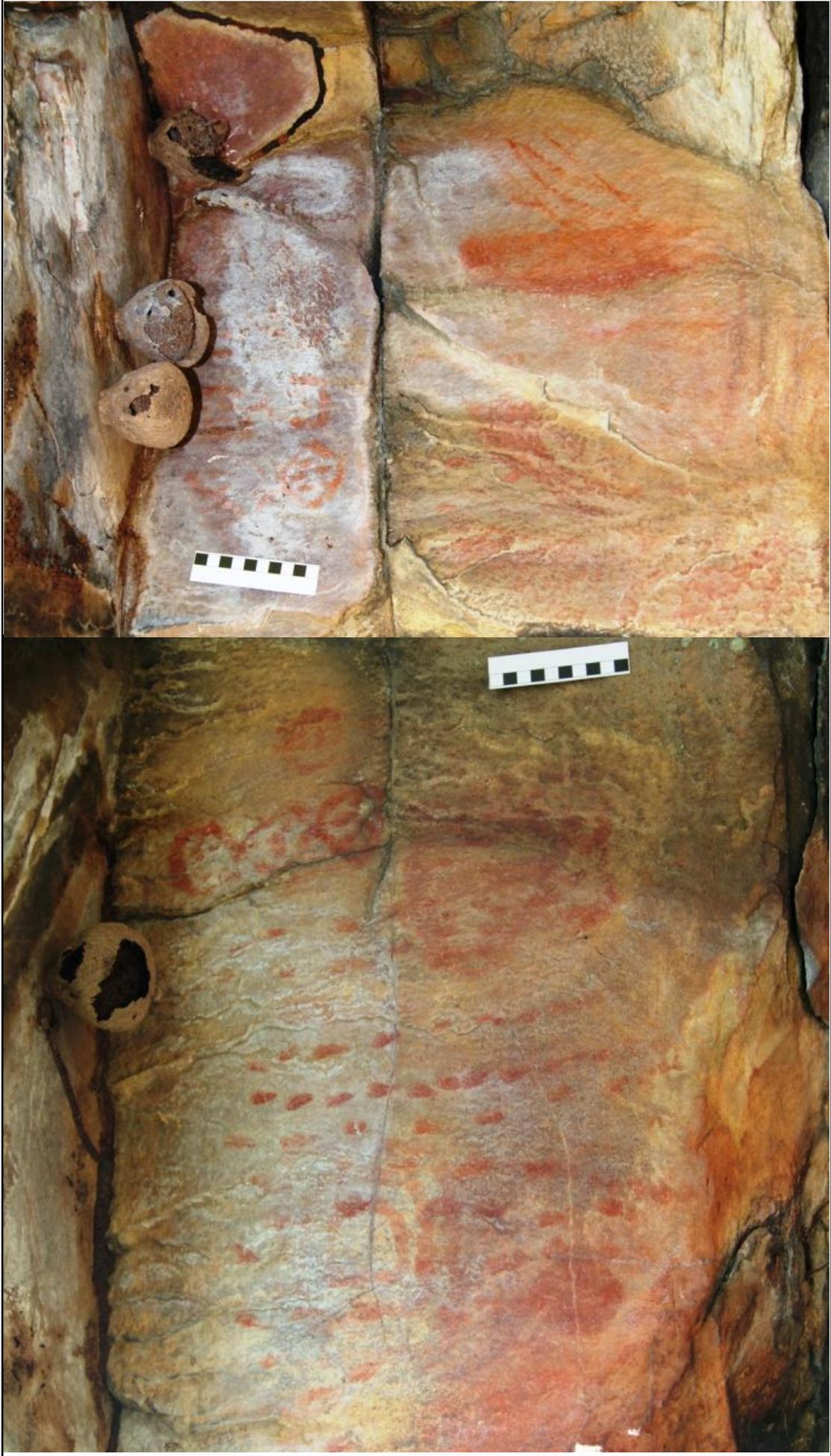
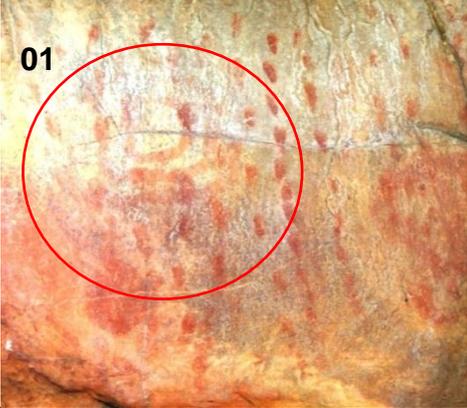
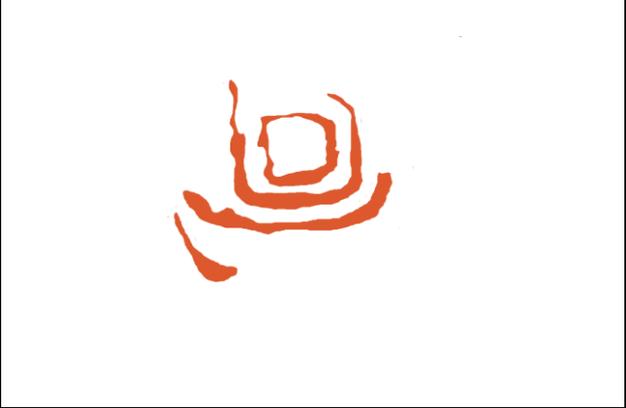
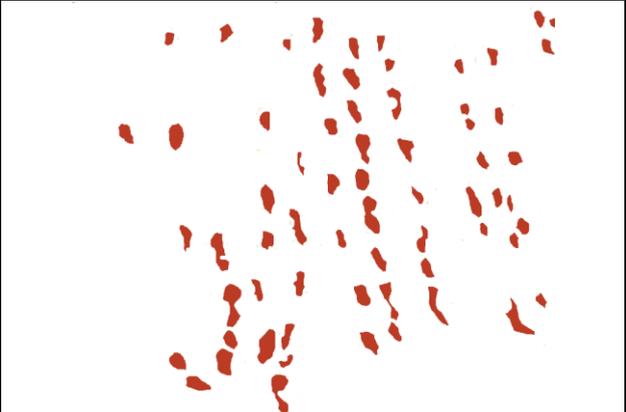
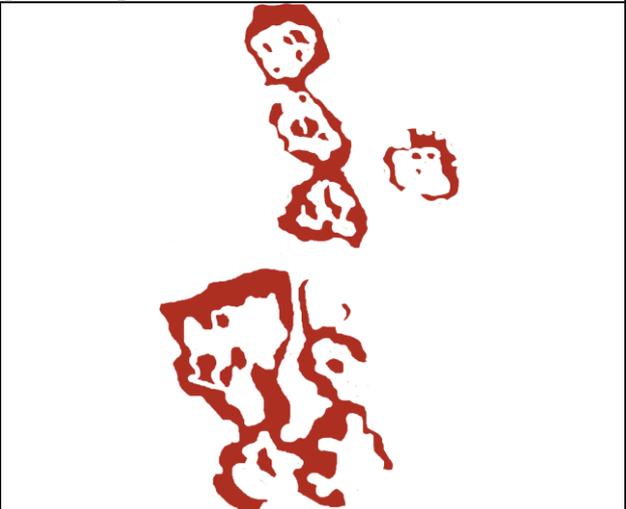


Figura 38: Painel 02 do Sítio Candeeiro III

Fonte: Acervo pessoal do autor

PINTURAS DO PAINEL 02 DO SÍTIO CANDEEIRO III

Fonte: Acervo pessoal do autor

<p>01</p> 	
<p>01. Descrição</p> <p>Pintura com 16cm de altura e 17cm de largura, possui algumas parte de difícil visualização devido a eflorescência salina, é possível perceber uma forma circular completa e duas delas com as extremidades não encontradas. Cor: 10R 3/6</p>	
<p>02</p> 	
<p>02. Descrição</p> <p>Pintura com 28cm de altura e 30cm de largura, conjunto de variados pontos com aproximadamente 1cm de tamanho, estão sobrepostos a pintura 01. Cor: 10R 4/8</p>	
<p>03</p> 	
<p>03. Descrição</p> <p>Pintura com 31cm de altura e 16cm de largura, conjunto de círculos organizados verticalmente em duas filas a primeira a esquerda possui 3, a segunda 5 e um círculo apenas do lado direito não ligado as duas filas primeiras. Todos possui alguns pontos na parte interna, cada um é de aproximadamente 4 cm de tamanho. Cor: 2.5YR 4/8</p>	

	
<p style="text-align: center;">04. Descrição</p> <p>Pintura com 13cm de altura e 15cm de largura, apresenta as mesmas características da pintura 03, círculos com pontos na parte interna. Cor: 2.5YR 4/8</p>	
	
<p style="text-align: center;">05. Descrição</p> <p>Pintura com 28cm de altura e 26cm de largura, foi realizada após um descamento da rocha, de difícil visualização. Cor: 10R 3/6</p>	

O painel 03 possui 1,20m de largura por 78cm de altura, é o mais próximo do solo atual, existe pinturas com 10cm de distancia do solo atual. O principal problema de conservação é as raízes da gameleira (*Ficusadhatodifolia*) que em alguns pontos quebrou a rocha separando pintura em duas partes.

Figura 39: Visão geral do painel 03 do Sítio Candeeiro III



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 40: Painel 03 do Sítio Candeeiro III



Fonte: Acervo pessoal do autor

PINTURAS DO PAINEL 03 DO SÍTIO CANDEEIRO III

Fonte: Acervo pessoal do autor



01. Descrição

Pintura com 20cm de altura e 41cm de largura, o suporte rochoso onde encontra-se a pintura foi quebrado, separado a mesma, isso provocado pela raiz da gameleira. Está localizada a 10cm de altura do solo atual. Cor: 10R 4/8



02. Descrição

Pintura com 9cm de altura e 13cm de largura, conjunto bem delicado de traços e de fácil visualização, na parte central possui uma marca em sentido vertical provocada por uma raiz de gameleira. Cor: 10R 5/8



03. Descrição

Pintura com 13cm de altura e 10cm de largura, assim como as pinturas 01 e 02 também sofre a com a presença das raízes da gameleira que se fixam nas rochas, na pintura passam duas raízes, uma delas está tomando quase 50% da pintura. Cor: 2.5YR 4/6

	
<p style="text-align: center;">04. Descrição</p> <p>Pintura com 19 cm de altura e 3cm de largura, conjunto com duas filas de 8 traços cada uma, 3cm de distancia da pintura 01. Cor: 10R 4/8</p>	

### 3.4 SÍTIO LETREIRO COLHER DE PAU

O sítio está possui as seguintes coordenadas: UTM 179701mE // 9486841mS e Elevação : 158m, possui apenas um painel, localizado a 16 metros de altura do solo atual. A área que corresponde ao painel 01 é de 60 cm de largura por 46 de altura e possui duas pinturas, a abertura é para leste.

Figura 41: Visão geral do sítio Colher de Pau

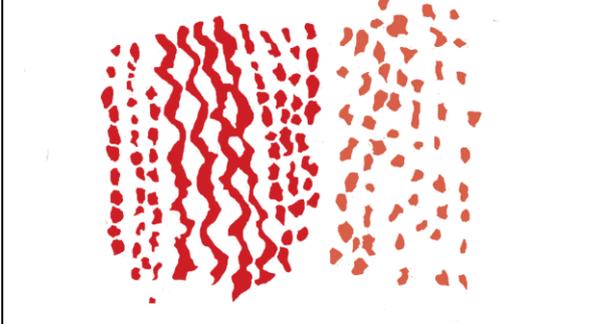


Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 42: Painel 01 do Sítio Colher de Pau



Fonte: Acervo pessoal do autor

PINTURAS DO SÍTIO COLHER DE PAU Fonte: Acervo pessoal do autor	
01	 
02. Descrição	
<p>Pintura com 12cm de altura e 14cm de largura, de difícil visualização devido ao descamamento provocado pela ação da água. Cor: 2.5YR 4/8</p>	
02	 
02. Descrição	
<p>Pintura com 31cm de altura e 59cm de largura, conjunto composto por pontos e traços em zigzag organizados verticalmente, da esquerda para a direita é formado por 3 filas de pontos, 4 de zigzag, 4 de pontos e 6 de pontos em tonalidade mais clara. Cor: 10R 4/8 – 10R 5/8</p>	

#### 4.5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO TURÍSTICA

Após o levantamento sistemático da Arte Rupestre do município de Cocal de Telha – PI, pode se constatar uma possibilidade de valorização desses motivos gráficos realizados nas rochas, como um potencial a ser explorado de maneira socio-educativa e econômica com a comunidade na qual estes vestígios estão inseridos.

A presença de pontos de venda de *souvenirs* em locais de passagens de turistas é uma prática muito comum, funcionando como uma importante fonte de renda para a comunidade local e divulgação do produto turístico, visto que grande parte destes objetos carrega inúmeros significados para o consumidor, podendo ser considerado uma demonstração palpável das experiências vividas nos destinos turísticos visitados.

De acordo com Horodysky, Manoso e Gandara (2014), a compreensão do *souvenir* perpassa a sua utilidade e/ou função, pois na realidade, a sua investigação deve partir dos seus

significados para quem os adquire, na medida em que ele torna ‘tangível’ aquilo que é imaterial no turismo que é a experiência vivida.

Um exemplo bem sucedido da venda de produtos atrelado a pontos turísticos, são as cerâmicas confeccionadas na comunidade Barreirinho no Parque Nacional Serra da Capivara, as peças apresentam como principal ponto de destaque a representação das pinturas existentes nos sítios do Parque, estes detalhes de designer agregam ainda mais valor as peças.

Figura 43: Cerâmicas da Serra da Capivara



Fonte: Acervo pessoal do autor

A relação da comunidade com os sítios de Arte Rupestre ainda é tímida, visto que grande parte sabe da existência deste bens no município, mas desconhecem os mecanismos de proteção e salvaguarda.

A partir do desenvolvimento de algumas ações como por exemplo oficinas em escolas e com futuros artesãos da comunidade favorecerá o desenvolvimento do sentimento de pertencimento destes bens, ou seja, despertará a necessidade de se preservar e consequentemente gerar informações sobre os procedimentos necessários para a proteção e gestão desses sítios.

A proposta de socialização desses sítios com a comunidade difere-se um pouco do que grande parte de pesquisadores propõe, que é o contato direto com os sítios e o manuseio deles com o turismo. A intenção com esta pesquisa é discutir com a comunidade o que a mesma conhece sobre a arte rupestre do município e consequentemente orientar sobre algumas praticas associadas ao bom genciamento deste bens. A solução primeira adotada foi a constatação de que a comunidade está dividida em três categorias: os que não conhecem os sítios, os que conhecem mas nunca visitaram e os que conhecem e já visitaram. O que deixa claro a necessidade de intervenção na comunidade com informações importantes que priorizem, sobretudo, a integridade desses spatrimonios. Os sítios não apresentam nenhuma

ação direta relacionada à ação antrópica, o que é um ponto positivo no que se refere à conservação.

Antes de propor uma visitação a esses sítios, que é o principal ponto do Turismo Arqueológico, será desenvolvido um trabalho de educação voltado para a percepção do valor destes bens, posteriormente serão desenvolvidos campanhas nas escolas com o intuito de informar cada vez mais sobre os procedimentos necessários antes das visitações futuras.

A intenção desse trabalho foi propor uma maneira diferente de turismo, em vez de levar o turista ao sítio arqueológico, trazer o sítio arqueológico para o turista, ou seja, a partir de produtos confeccionados com as representações apresentar ao turista o acervo rupestre existente no município.

De acordo com Ferreti (2002) O Turismo quando bem planejado pode minimizar os impactos negativos da atividade sobre o ambiente, ao mesmo tempo proporcionar a geração de benefícios para uma determinada região na medida em que o turismo é capaz de contribuir para a conscientização e valorização de um patrimônio por parte da comunidade.

Pela própria logística de adequação dos sítios para receber os turistas, que exige muitas pesquisas de infra-estrutura e impactos e conseqüentemente muito investimento financeiro, a proposta adotada para promoção e socialização destes sítios com a comunidade é a valoração destes bens a partir da comercialização destes produtos.

Com essa afirmação surgem inúmeros questionamentos dentre os quais podemos citar: Como será feita a confecção e comercialização desses produtos? Será que com essa divulgação realizada com a confecção e venda dos produtos não interfere na integridade atual dos sítios?

Estes questionamentos sem dúvida surgirão nos leitores deste trabalho de pesquisa, a primeira indagação pode ser respondida a partir do seguinte posicionamento: Essa confecção de produtos será feita junto com a própria comunidade na qual estes sítios estão inseridos e posteriormente comercializados em pontos estratégicos do município. O trabalho com a comunidade se faz necessário justamente pela necessidade de se incorporar agentes da própria região no desenvolvimento das pesquisas e proporcionar mecanismos que ajudem na disseminação de conhecimentos necessário ao bom aproveitamento destes recursos. No decorrer das pesquisas de campo preocupou-se com a participação da comunidades nos trabalhos, deixando-os a pá do que estava sendo desenvolvido na região, isso ocorreu na prospecção no municípios, sendo que os próprios moradores da região conhecem bem mais do que os “forasteiros pesquisadores”.

Figura: 44: “Guia” da comunidade nos Trabalhos de Prospecção



Fonte: Acervo pessoal do autor

Como pode ser observado na figura IV.01, em uma das pesquisas de campos nos sítios arqueológicos do município a presença de uma pessoa da comunidade, que gentilmente se propôs ajudar durante as pesquisas de campo. Sendo que estas visitas seguiram as recomendações de ofício em resposta ao pedido de prospecção no município pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

A partir da confecção desses produtos e uma rentabilidade ocasionada pela venda, gerará benefícios financeiros para a população do município o que ocasionará uma necessidade a mais de preservação, pois daquelas manifestações rupestres conseguem um retorno financeiro.

A última pergunta por sinal umas das mais difíceis de ser respondida dependendo do olhar do apreciador, sendo assim elenca-se dois posicionamentos considerandos relevantes: 1º se não for divulgada a arte rupestre dos municípios através da venda de souvenirs poderá também sofrer ações de vandalismo sobre o sítio, visto que grande são os exemplos de sítios arqueológicos no estado do Piauí que são “bombardeados” de ações antrópicas (pichações, retirada de pedras, uso como alvo de tiros, etc), sendo assim, não será essa promoção dos sítios que despertará e/ou ocasionará sua depreciação. Olhando por essa optica defende-se a idéia de se divulgar de maneira organizada e sistemática aquilo que grande parte da comunidade já sabe, que é a existencia dos sítios; 2º Quanto mais pessoas souberem da existencia dos sítios serão mais curiosos interessados em visitar, mas também entra um outro

ponto a ser observado, só será feita a comercialização destes produtos depois de um trabalho exaustivo de educação patrimonial na região, ou seja, será a partir da sociedade o interesse em preservar e proteger esses bens.

A primeira ação a ser realizada não será a comercialização dos produtos, mas sim uma etapa de trabalho com a comunidade focando na necessidade de preservação destes bens na comunidade, só depois de um trabalho exaustivo de educação patrimonial e inserção da comunidade nas pesquisas será feita a confecção e a venda destes produtos e por último, depois de uma preparação poderá ser aberto a visitação para os interessados.

Como alternativa ao distanciamento entre a sociedade e seus diversos patrimônios e a consolidação das políticas da diversidade como um patrimônio, a Educação patrimonial apresenta-se como um excelente campo de ação. Não se almeja atribuir à sociedade um conhecimento enciclopédico sobre quais são seus patrimônios, datas de fundação, autores, características físicas, entre outros dados. Ao contrário, a Educação patrimonial deve agir no sentido de, democraticamente, construir diálogos entre a sociedade e seus patrimônios. (FUNARI e CARVALHO, 2011, p.09)

A intenção foi mostrar esse potencial existente no município, apresentando os sítios arqueológicos, suas representações gráficas e sugerir o projeto de confecção de produtos que será um dos retornos à comunidade.

Em trabalhos futuros será realizada a parte prática, voltada para o trabalho direto com a comunidade e realizando palestras, oficinas e as formações. Bem como um estudo mais aprofundado sobre a adequação destes sítios para a visitação equipando-os com os mecanismos necessários para recebimento de visitantes.

Em anexo consta o projeto com a proposta para a confecção dos produtos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo permitiu a realização do levantamento, documentação e cadastro dos sítios de arte rupestre presentes no município de Cocal de Telha, permitiu também observar a grande potencialidade desses sítios utilizados como futura geração de renda para a comunidade, com a utilização de técnicas voltadas ao desenvolvimento do turismo arqueológico, sendo que a visitação será motivada principalmente pela venda de produtos com a temática das pinturas existentes na região.

A metodologia utilizada foi satisfatória, pois atendeu ao previsto durante o desenvolvimento da pesquisa, sendo que os aportes teóricos das áreas de Arqueologia, Turismo, História e Patrimônio ajudaram no entendimento e análise dos dados coletados nas pesquisas de campo.

Observou-se que a bibliografia existente na área de Turismo Arqueológico ainda é pouca no país e muito mais restrita ainda com relação ao estado do Piauí, o que dificultou o desenvolvimento desta investigação. A temática ainda é vista e tratada com receio por grande parte dos arqueólogos que veem o turismo em sítios arqueológicos somente como uma ação destruidora dos vestígios rupestres, e aqui ressalta-se a preocupação e necessidade em realizar trabalho de educação patrimonial, ou mesmo arqueologia pública e constante vigilância aos sítios.

Espera-se realizar estudos futuros que visem ao desenvolvimento de investimentos futuros e incentivos a ações que promovam a realização de projetos de infraestrutura a fim de possibilitar futuras visitações de maneira organizada e sistemática aos sítios arqueológicos do município de Cocal de Telha e região.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R. B. de. 2004. **Projeto de abastecimento de água subterrânea, estado Piauí: diagnóstico do município de Cocal de Telha**. Fortaleza: CPRM – Serviço Geológico do Brasil, 2004.
- BENI, M. C. A política do turismo. In: TRIGO, L. G. G. (org). **Turismo com aprender, como ensinar**. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 177-202.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável – PTDRS, PIAUÍ**, 2006.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2013-2016**. Brasília, DF, 2013.
- \_\_\_\_\_. Secretaria Nacional de Políticas Públicas do Turismo. Ministério do Turismo. **Anuário Estatístico do Turismo**. 2012, v. 39.
- \_\_\_\_\_. **Turismo Cultural: orientações básicas**. Turismo Cultural. 2 ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.
- BUCO, E. Proteção e conservação de sítios arqueológicos no Parque Nacional Serra da Capivara. In: FIGUEIREDO, S. L.; PEREIRA, E.; BEZERRA, M. (orgs). **Turismo e gestão do patrimônio arqueológico**. Belém. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 2012, p. 91-100.
- CAMARGO, H. L. Fundamentos multidisciplinares do turismo: história. In: TRIGO, L. G. G. (Org). **Turismo com aprender, como ensinar**. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001, p. 33-86.
- CARVALHO JÚNIOR, D. A. de. **Uma ponte para o mundo pré-histórico: uma análise dos registros gráficos rupestres do sítio arqueológico Toca do Ladino, Beneditinos-PI**. 2010. 98 f. Dissertação (mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.
- CARVALHO JÚNIOR, D. A. de. Guia de Turismo no Piauí: eu conheço essa história. **Revista Alter Ibi**, volume 1, n. 1, 2014.
- CAVALCANTE et.al. Letreiro dos Tanques I e II: problemas de conservação e análises químicas de pinturas rupestres e eflorescência salina. **Arqueologia Iberoamericana**. v. 18, 2013, p. 3-13.
- \_\_\_\_\_. Conservação de arte rupestre no nordeste do Brasil. Revista Brasileira de Arqueometria: restauração e conservação – ABR, v.3, Edição especial. **Curso de Introdução à Conservação de Acervos Documentais**, 2011.
- \_\_\_\_\_. et.al. Arte rupestre no quintal: o caso da pedra ferrada e o desafio da preservação. **Rupestreweb: Arte Rupestre em América Latina**, V: On line, 2013, p. 1-14.

CEPRO. **Turismo**: plano de desenvolvimento do turismo arqueológico do Piauí e Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico do Piauí. Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí. Vol. 1 Teresina, Fundação CEPRO, 2001.

CHILDE. V. G. **Para uma interpretação do passado**. São Paulo: Difel, 1962.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Geoparque Serra da Capivara – PI**, CPRM, 2011.

DIAS, C. M. M. Povoamento e despovoamento: da pré-história à sociedade escravista colonial. In: NASCIMENTO, F. A. do; VAINFAS, R. **História e historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.

ETCHEVARNE, C. **Escrito na pedra**: cor, forma e movimento nos registros rupestres da Bahia. Rio de Janeiro: Versail, 2007.

FERRETI, E. R. **Turismo e meio ambiente**: uma abordagem integrada. São Paulo: Roca, 2002.

FUNARI, P. P. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2006.

GASPAR, M. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GUIDON, N. Parque Nacional Serra da Capivara: modelo de preservação do Patrimônio Arqueológico. In: LIMA, T. A. (Org). Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação. **Revista do Instituto Histórico e Artístico Nacional**. Nº 33, 2007, p. 94-107.

GUIDON, N.; BUCO, C. de A. “O estado da arte”: as pesquisas arqueológicas e o desenvolvimento regional na região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: PINHEIRO, Á, da P.; PELEGRINI, S. C. A. (Org). **Tempo, memória e patrimônio cultural**. Teresina: EDUFPI, 2010, p. 141-173.

GUIMARÃES. A. M. **Aproveitamento turístico do patrimônio arqueológico do município de Iranduba, Amazonas**. Tese (Doutorado Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo), 2010. 273f

HODDER, I. **Interpretaciónen arqueologia**: corrientes actuales. Tradução de M<sup>a</sup> José Auret y J. A. Barceló. Barcelona: Crítica, 1994.

HORODYSKY, et. al. A pesquisa narrativa na investigação das experiências turísticas relacionadas ao consumo de *souvenirs*: uma abordagem fenomenológica. **Turismo em Análise**, v. 25, n.01, 2014, p. 203- 230.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010. Resultado no diário oficial da União. Disponível <http://www.ibge.gov.br/estatística/população/censo2010/resultado/PI.pdf>. Acesso: dez./2013.

IBIAPINA, R. de A. “**No meio do caminho tinha uma pedra**”: o sítio arqueológico Pedra do Letreiro em Boa Hora - Piauí. 2014. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena História - Universidade Estadual do Piauí – UESPI), 2014.

LAGE, M. C. S. M. A conservação de sítios de arte rupestre. In: LIMA, T. A. (Org). Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação. **Revista do Instituto Histórico e Artístico Nacional**. Nº 33, 2007, p. 94-107.

LAGE et. al. A preservação do sítio Letreiro do Quinto Pedro II - PI. In: **FUMDHAMentos**, IX, 2010, p. 1021-1027.

\_\_\_\_\_, et. al. O sítio Letreiro da Torre I: patrimônio arqueológico e problemas de conservação. In: **FUMDHAMentos**, IX, 2010, p. 1029-1034.

\_\_\_\_\_, et. al. Pedra do Castelo: um exemplo de aplicação da arqueometria na conservação patrimonial. In: **FUMDHAMentos**, IX, 2010, p. 1035-1045.

LAMING-EMPERAIRE, A. Grotteset abris de La région de Lagoa Santa, Minas Gerais. Brésil. In: **Cahiers 1**. Paris, 1975.

BRASIL. Lei Nº 3.924 de 26 de julho de 1961 (Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos).

LIMA, R. M. M. de. **A construção social-histórica do turismo como prática moderna**. Turismo: estudo & prática (RTEP/UERN) vol. 2 (2), 2013, p. 66-85.

LIMA, T. A. Um passado para o presente: preservação arqueológica em questão. In: LIMA, T. A. (Org). Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação. **Revista do Instituto Histórico e Artístico Nacional**. Nº 33, 2007.

MAGALHÃES, S. M. C. **A arte rupestre do Centro-Norte do Piauí**: indícios de narrativas icônicas. 2011. 457 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2011.

MANZATO, F. **Turismo arqueológico**: diagnóstico em sítios pré-históricos ou históricos no estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado Turismo) Rio grande do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2005.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008.

MARUJO, N.; SANTOS, N. **Turismo, turista e paisagem**. Investigaciones Turísticas vol. 4, 2012, p. 35-48.

MASCÊNE, D. C. **Termo de referência**: atuação do SEBRAE no artesanato. Brasília: SEBRAE, 2010.

MEDEIROS, L. G (org). **Índice de competitividade do turismo nacional** – 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico Nacional regional – Relatório Brasil 2011, Brasília: SEBRAE, 2012.

PARDI, M. L. F. A preservação do patrimônio arqueológico e o turismo. In: LIMA, T. A. (Org). Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação. **Revista do Instituto Histórico e Artístico Nacional**. Nº 33, 2007, p. 305-337.

PETROCCHI, M. **Turismo**: planejamento e gestão. São Paulo: Futura, 1988.

PESSIS, A. M. **Imagens da Pré-história**: Parque Nacional Serra da Capivara. FUMDHAM/PETROBRÁS, 2003.

PIRES, P. S. Interfaces ambientais do turismo. In: TRIGO, L. G. G. (orgs). **Turismo com aprender, como ensinar**. 2. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001, p. 229-256.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília – DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

RODRIGUES, A. B. Geografia do turismo: novos desafios. In: TRIGO, L. G. G. (org). **Turismo com aprender, como ensinar**. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001, p. 87-122.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Geomorfologia de Barras, Boa Hora, Boqueirão e Campo Maior – PI**. Disponível em: <[htt://prm.gov.br/piauí](http://prm.gov.br/piauí)>. Acesso em 28 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Projeto RADAM (1973)**. Disponível em: <[htt://cprm.gov.br/piaui/ty11](http://cprm.gov.br/piaui/ty11)>. Acesso em 12 jan. 2014.

SILVA, J. C. et. al. Estudo e conservação no sítio Letreiro do Ninho do Urubu, Castelo do Piauí. In: **FUMDHAMENTOS**, IX, 2010, p. 1005-1007.

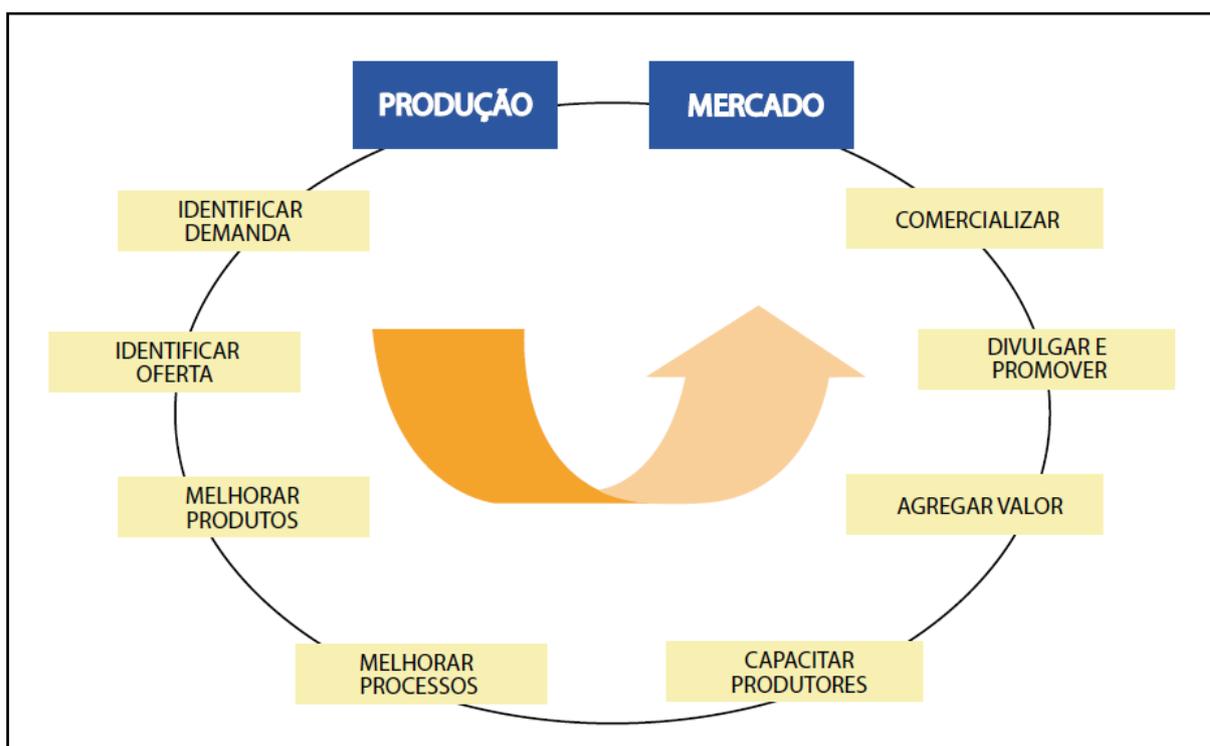
TRIGGER, B. G. **História do pensamento arqueológico**. Barcelona: Editora Crítica, 1992

# Anexos

## Projeto de confecção dos produtos com motivos graficos da arte rupestre de Cocal de Telha – PI

O Projeto aqui apresentado segue alguns conceitos presente em alguns trabalhos relacionados a confecção de produtos a serem comercializados com turistas, sendo que o que mais facilitou o entendimento do segmento foi o Termo de Referência Atuação do Sistema SEBRAE no Artesanato (2010), onde é apresentado o esquema as seguir:

Figura IV. 03: fatores de intervenção



Fonte: SEBRAE, 2010, p. 26

Partindo destas etapas propostas pelo SEBRAE é possível apresentar algumas etapas que podem ser de grande valia na elaboração e realização do projeto de confecção dos produtos que valorizem a Arte rupestre de Cocal de Telha. Procurou-se a partir dos motivos gráficos presentes nas rochas dos Sítios Arqueológicos Candeeiro I, Candeeiro II e o Colher de Pau.

## **1 Produto**

Os produtos a serem fabricados e comercializados pela comunidade cocatelhense serão em sua maioria *souvenires* que serão disponibilizados aos turistas que passam pelo município com o intuito de promover os motivos gráficos rupestres presente nas formações rochosas dos sítios arqueológico Candeeiro I, Candeeiro II e Colher de Pau.

Os produtos em sua maioria serão de pequeno porte (canecas, camisetas, colares, toalhas de banho e rosto, produtos de decoração, etc) Por ser uma rota de passagem de turistas, os produtos devem ser de fácil manuseio, pela própria necessidade do turista em transportá-lo para longos percursos.

## **2 Análise da demanda por consumidores**

O potencial de compra será em sua maioria os que passam pelo município em direção a pontos turísticos já consolidados como é o caso dos que se direcionam aos pontos turísticos da cidade de Parnaíba - PI, Delta-PI, Parque Nacional de Sete Cidades – PI, Ubajara- CE, Canindé – CE, dentre outros que se deslocam pela BR 343, que obrigatoriamente passam pelo município de Cocal de Telha em seu perímetro urbano.

## **3 Motivos presentes nos souvenirs**

Os motivos representados nos produtos a serem comercializados serão confeccionados a partir da arte rupestre do município, ou seja, produtos que serão decorados com os motivos gráficos rupestres presentes nos sítios de arte rupestre do município.

Por serem em sua maioria não figurativas<sup>14</sup>, as pinturas presente nas rochas serão “transferidas” para os produtos por meios de artesanato que procurarão representar o mais fiel possível os registros deixados pelos homens pré-históricos nos objetivos, observando as cores, os traçados de maneira que o consumidor consiga entender o significado daquele produto e fazer suas próprias interpretações sobre os motivos pintados nas rochas.

---

<sup>14</sup> Imagens figurativas são pinturas rupestres com detalhes difíceis de serem identificados e ou associados a objetos atuais, um exemplo são alguns traços geométricos como pontos, círculos, retas, gregas, entre outros. Imagens figurativas são as que podem ser associadas ou identificadas com alguns objetos e seres atuais, dentre os exemplos podemos mencionar antropomorfos (homem), zoomorfos (animais) fitomorfos (plantas).

#### 4 Agregar valores

A proposta principal na confecção dos produtos é agregar valores nos objetos confeccionados pelos artesãos sendo que, uma das propostas é fazer esses produtos de maneira artesanal, ou seja, diferentemente dos produtos confeccionados por máquinas o produto artesanal transparecer mais a cultura daqueles que os produzem, e tornam-se peças únicas, levando consigo as marcas de quem o produziram.

De acordo com o SEBRAE:

Quem compra artesanato está comprando também um pouco de história. Nem que seja sua própria história de viagens e de descobertas. Um produto, por melhor que seja, deve vir acompanhado de algo que o contextualize, que o localize no tempo e no espaço. A informação sobre a pessoa que fez uma determinada peça, a quantidade de horas ou de dias que levou para executar esta tarefa podem ter um alto valor para quem a adquire. (BRASIL, 2010 p. 38)

Os produtos serão disponibilizados aos turistas, com etiquetas personalizadas, com conteúdo direto, de maneiras didáticas, ofertando ao consumidor informações importantes sobre os produtos dentre as quais podem ser: informações sobre Arte Rupestre, uma fotografia da pintura representada no objeto, informações do artesão que o produziu.

Figura IV. 04. Possibilidade de produtos a confeccionados com técnicas manuais



Fonte: Acervo pessoal do autor

## 5 Oficinas de treinamento e capacitação

Um dos pontos a serem mais trabalhados serão as oficinas de treinamento e capacitação onde serão sugeridas às seguintes: Arqueologia, Conservação, Patrimônio, Designer das peças, Noções de organização do trabalho manual e Técnicas de vendas

<b>OFICINAS</b>	<b>CONTEÚDOS EXPLORADOS</b>	<b>PÚBLICO ALVO</b>	<b>DURAÇÃO</b>	<b>PROFISSIONAL RESPONSÁVEL</b>	<b>OBJETIVO FINAL</b>
Arqueologia	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Conceitos básicos da Arqueologia;</li> <li>. O que é Arte Rupestre;</li> <li>. A arte rupestre de Cocal de Telha;</li> <li>. Possíveis grupos que habitaram a região.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Comunidade;</li> <li>. Artesãos;</li> <li>. Estudantes.</li> </ul>	60h	. Arqueólogo	. Transmitir informações necessárias sobre a temática.
Conservação	<ul style="list-style-type: none"> <li>. O que é conservação;</li> <li>. Porque preservar;</li> <li>. Quais os agentes de degradação dos sítios de Cocal de Telha;</li> <li>. Quais os procedimentos necessários pra diminuir os impactos de destruição dos sítios de Cocal de Telha.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Comunidade;</li> <li>. Artesãos;</li> <li>. Estudantes.</li> </ul>	60h	. Arqueólogo	. Transmitir informações necessárias sobre a temática.
Patrimônio	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Noções de Patrimônio;</li> <li>. Conceitos de Patrimônio Material e Imaterial;</li> <li>. Quais os Patrimônios do município;</li> <li>. A importância de preservar o patrimônio arqueológico da região;</li> <li>. Leis que regulamentam o manuseio de sítios arqueológicos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Comunidade;</li> <li>. Artesãos;</li> <li>. Estudantes.</li> </ul>	60h	. Arqueólogo	. Transmitir informações necessárias sobre a temática.

Designer das peças	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Noções de designer;</li> <li>. Qual o melhor produto a ser apresentado e comercializado no município;</li> <li>. Quais as melhores peças a serem fabricadas;</li> <li>. Quais os produtos utilizados na confecção dos produtos.</li> <li>. Confecção de produtos com as técnicas apresentadas;</li> <li>. Aprimoramento das técnicas de execução;</li> <li>. Criação de produtos únicos que demonstraram a cultura do município;</li> <li>. Criação de um catálogo com as imagens da arte rupestre da região que serão transferidas para as peças.</li> </ul>	. Artesãos.	60h ou mais dependendo da necessidade	. Técnico em designer ou Artesão.	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Variados produtos para serem comercializados no município;</li> <li>. Produtos que transpareçam o Patrimônio Arqueológico do município.</li> </ul>
Noções de organização do trabalho manual	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Conceitos de Artesanato;</li> <li>. Como organizar uma cooperativa;</li> <li>. Como gerir uma cooperativa;</li> <li>. Como agregar valores a peças artesanais.</li> </ul>	Artesãos.	60h	. Técnico do SEBRAE que tenha habilidade na temática.	. Aprimoramento de noções de organização do Trabalho Artesanal e manual.
Técnicas de vendas	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Noções de melhor espaço pra comercialização dos produtos;</li> <li>. Noções de exposição de produtos artesanais em lojas de venda;</li> <li>- Técnicas de vendas;</li> </ul>	Artesãos.	60h	Técnico do SEBRAE ou técnico em vendas.	. Criar uma loja de vendas dos produtos confeccionados pelos artesãos.

Fonte: pessoal do autor

As oficinas aqui apresentadas poderão sofrer alterações, bem como acréscimos dependendo da necessidade. Serão desenvolvidas em parceria com a Prefeitura Municipal, juntamente com as famílias assistidas pela Secretaria de Assistência Social e o SEBRAE para a formação dos artesãos que atuarão na confecção e venda dos produtos.

## **6 Local de fabricação**

A parceria com a prefeitura municipal pode ser de grande valia, pela disponibilidade de locais para a confecção destes produtos. No município existem diversos ambientes físicos que possibilitem as oficinas e conseqüentemente podem funcionar como um dos ambientes para criação direta dos produtos.

A escolha do local para criação dos produtos pode ser um dos ambientes próximo ao possível local de venda, essa proximidade pode ser um ponto positivo na própria venda, sendo que em alguns consumidores existe uma curiosidade em ver o criador das peças executando as técnicas de confecção.

## **7 Comercialização**

A comercialização será um dos principais pontos de retorno financeiro para a comunidade, que priorizará a valoração dos bens arqueológico do município. A intenção dessa comercialização de produtos é a geração de renda para uma comunidade que a partir de análise prévia, demonstra a necessidade de uma renda extra para a complementação do orçamento familiar.

Essa comercialização em ponto estratégico do município, gerará essa renda necessária para estas famílias, pois como a cidade é cortada pela BR 343, importante ponto de passagem de pessoas que transitam diariamente em direção a pontos turísticos.

O turista que passa por Cocal de Telha grande parte deles param em alguns trailers que existem as margens da BR, para a compra de água e ou outros produtos alimentícios, como as viagens em direção aos pontos turísticos em grande parte são longas e exige em algumas vezes a parada para descansos.

Com essa presença constante de turistas, a comercialização de produtos artesanais nestes pontos pode ser uma importante alternativa para a geração de renda na comunidade, a partir desta constatação, a utilização da Arte rupestre que será estampada em produtos é uma das alternativas propostas para a criação destes produtos.

O visitante deseja comprar lembranças típicas dos locais que ele visita. Assim, colocar à disposição do visitante, locais para que ele possa comprar o autêntico artesanato é muito importante, como também é importante possibilitar ao turista o acesso às oficinas de produção artesanal, para que ele acompanhe as técnicas de elaboração do artesanato. (IGNARRA, 1999, 120).

A prefeitura dispõe de um projeto de criação de alguns pontos comerciais as margens da BR para a venda de produtos alimentícios e outros produtos para os turistas que passam pelo perímetro urbano da cidade, a proposta é a adequação de um destes espaços para a venda dos produtos com a temática rupestre do município. Os produtos serão comercializados pelos próprios artesãos que disponibilizaram também informações básicas sobre a arte rupestre do município como sua localização, o nome dos sítios entre outras informações.